UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE

VALTER RUIZ MORALES JÚNIOR

**O subcampo do futebol americano no estado de São Paulo entre 2015 a 2017: rupturas,
aproximações e disputas por poder entre ligas e federação**

Ribeirão Preto

2018

VALTER RUIZ MORALES JÚNIOR

O subcampo do futebol americano no estado de São Paulo entre 2015 a 2017: rupturas,
aproximações e disputas por poder entre ligas e federação

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Ciências.

Áreas de conhecimento: Atividade Física e Esporte

Orientador: Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Ribeirão Preto

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Morales Júnior, Valter Ruiz

O subcampo do futebol americano no estado de São Paulo de 2015 a 2017: rupturas, aproximações e disputas por poder entre ligas e federação. Ribeirão Preto, 2018.

XX p. 157 : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Área de concentração: Aspectos Socioculturais e Pedagógicos do Esporte.

Orientador: Marques, Renato Francisco Rodrigues.

1. Sociologia do Esporte. 2. Futebol Americano. 3. Pierre Bourdieu. 4. Campo Esportivo. 5. Esporte Contemporâneo.

Nome: MORALES JÚNIOR, Valter Ruiz

Título: O subcampo do futebol americano no estado de São Paulo entre 2015 a 2017: rupturas, aproximações e disputas por poder entre ligas e federação

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de
Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Mestre em Ciências.

Aprovado em: 09 de Março de 2018

Banca Examinadora

Prof. Dr.	Gustavo Luiz Gutierrez
Instituição:	FEE UNICAMP	
Julgamento:	Aprovado	
Prof. Dr.	MARW Bellis
Instituição:	EACH - USP	
Julgamento:	APROVADO	
Prof. Dr.	WANDERLEY MARCHI JÚNIOR
Instituição:	DEF - UFPR	
Julgamento:	APROVADO	

*A todos aqueles que, de alguma forma, estiveram e estão próximos de mim, fazendo
esta vida valer cada vez mais a pena.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua infinita misericórdia e providência, que através do milagre da vida me permite trilhar o caminho da evolução, tanto a pessoal quanto a espiritual.

Aos meus pais, Valter e Telma, por terem me dado as melhores condições de correr atrás desse sonho que hoje se concretiza.

As minhas irmãs, Lara e Mariana, por todas as conversas, as broncas, o apoio e o fato de acreditarem em mim quando às vezes eu já não acreditava mais.

A minha amada companheira Marianne, por ser meu porto seguro e meu refúgio. Por ter compartilhado cada etapa do mestrado e por ter sido meu ponto de equilíbrio frente às dificuldades enfrentadas.

Aos meus amigos e porque não, “irmãos de vida”, aqueles poucos e bons que me fazem querer ser uma pessoa melhor.

Aos colegas de GEPESPE por todas as reuniões, discussões, sem esquecer do apoio e contribuição para a realização deste trabalho.

Aos meus companheiros de profissão, Jader e Davi, pela compreensão e auxílio durante o mestrado sem bolsa.

As secretárias da pós-graduação, Adriana e Carla, por serem sempre prestativas e prontas para auxiliar nos constantes questionamentos que surgiram durante o processo.

Aos Professores Doutores componentes da banca pelo aceite em fazer parte do momento mais importante da minha curta trajetória acadêmica.

Ao meu orientador, Professor Renato por tornar possível a realização do mestrado, contribuindo de forma ímpar na minha construção profissional.

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
APRESENTAÇÃO.....	11
1. INTRODUÇÃO.....	14
2. OBJETIVOS.....	18
2.1. Objetivos Gerais.....	18
2.2. Objetivos Específicos.....	18
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
3.1. Pierre Bourdieu e a Teoria Dos Campos.....	19
3.2. Pierre Bourdieu e o Campo Esportivo.....	23
3.3. Histórico do futebol americano profissional nos Estados Unidos: origem, trajetória e disputas por poder.....	32
3.4. Futebol americano no Brasil.....	38
3.5. Futebol americano em São Paulo.....	44
4. MÉTODOS.....	48
4.1. Participantes.....	49
4.2. Produção de Dados.....	50
4.3. Análise de Dados.....	51
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	53
5.1 início: Razões para a aproximação	54
5.2 Processo: Etapas e participação dos agentes	66
5.2.1. Participação das equipes já filiadas à FEFASP	66
5.2.2. Fim da LPFA, hegemonia da FEFASP	68
5.2.3. Condições impostas pela FEFASP para aceitar as novas equipes	70
5.3 Desdobramentos: Novos conflitos e rupturas, velhos pretextos	73
5.3.1. Relação da FEFASP com a CBFA	73
5.3.2. Criação da SPFL	76
5.3.3. Disputa entre equipes da região metropolitana e do interior	85
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	91

ANEXOS.....	96
ANEXO 1 - Aprovação do Comitê de Ética	96
APÊNDICES.....	97
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	97
APÊNDICE B - Roteiro da Entrevista Semiestruturada	98
APÊNDICE C - Entrevista com o Dirigente 1 (D1)	99
APÊNDICE D - Entrevista com o Dirigente 2 (D2)	114
APÊNDICE E - Entrevista com o Dirigente 3 (D3)	127
APÊNDICE F - Entrevista com o Dirigente 4 (D4)	132
APÊNDICE G - Entrevista com o Dirigente 5 (D5)	137
APÊNDICE H - Entrevista com o Dirigente 6 (D6)	143

RESUMO

MORALES JÚNIOR, Valter Ruiz. **O subcampo do futebol americano no estado de São Paulo entre 2015 a 2017: rupturas, aproximações e disputas por poder entre ligas e federação.** 2018. 157 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Programa “Educação Física e Esporte”) – Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2017.

O futebol americano é uma modalidade esportiva recente no Brasil. É regulado e sistematizado pela Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA). O contexto do futebol americano no estado de São Paulo (SP) durante o período entre 2012 e 2015 foi pautado em uma disputa de poder pelo direito de organização da modalidade. O órgão associado à CBFA era a Liga Paulista de Futebol Americano (LPFA), porém, no ano de 2012, equipes descontentes com a gestão desta instituição romperam relações com a mesma e criaram a Federação de Futebol Americano do Estado de São Paulo (FEFASP). Reforçando a disputa por poder e capital simbólico dentro deste subcampo, principalmente no relacionamento entidade-equipes que se manteve até o início de 2015, quando foi anunciada a vinculação das equipes advindas da LPFA junto à FEFASP, resultando no fim da primeira. Deste modo, emergiram as seguintes questões: Como se organiza atualmente o futebol americano no estado de São Paulo pós-vinculação? Como se deu o processo de filiação das equipes da LPFA junto à FEFASP? Como se dão as ações dos sujeitos em relação à busca por poder e legitimidade social na organização do futebol americano no estado? Quais são os objetivos das equipes e entidades organizadoras da modalidade? Devido à recente inserção do futebol americano no país, à escassez de pesquisas e informações acadêmicas na área e a participação decisiva e protagonista de gestores de equipes em tais processos de divisão e vinculação de instituições reguladoras, o objetivo deste projeto de pesquisa foi investigar e delimitar o processo de organização das estruturas de poder estabelecidas nesta modalidade esportiva no estado de SP a partir de 2015, sob o ponto de vista de dirigentes de equipes. Este trabalho utilizou como referencial teórico para discussão e análise de seu objeto de pesquisa, categorias sociológicas da obra de Pierre Bourdieu. Através da análise de respostas provenientes de seis entrevistas semiestruturadas iniciais, os dados foram organizados e analisados por meio da Análise Temática, de forma que emergiram três grandes temas: a) Início, com os motivos que contribuíram para a vinculação, b) Processo, atuação dos agentes e acordos que resultaram na vinculação e c) Desdobramentos, com as consequências advindas do processo de vinculação, como novas disputas dentro do subcampo, como a disputa entre equipes da capital e do interior, com *habitus* fundamentados na localização geográfica dos dirigentes de acordo com suas equipes. É possível verificar que as categorias analíticas propostas por Bourdieu auxiliam no desvendar das relações existentes no espaço investigado. Esse trabalho se propôs a investigar um recorte específico do futebol americano no estado de SP, que possibilitou compreender como a vinculação se desenvolveu e o que alterou no subcampo a partir dela. A partir desse trabalho, pôde-se verificar a existência de algumas *doxas* do campo esportivo brasileiro, como a necessidade da organização burocrática estar relacionada com uma estrutura confederativa.

Palavras Chave: Sociologia do esporte. Futebol Americano. Pierre Bourdieu. Campo Esportivo. Esporte Contemporâneo.

ABSTRACT

MORALES JÚNIOR, Valter Ruiz. **The subfield of american football in the state of São Paulo from 2015 to 2017: ruptures, approximations and power disputes between leagues and federation.** 2018. 115 f. Dissertation (Master in Sciences – Program “Physical Education and Sport”) – School of Physical Education and Sport of Ribeirao Preto, University of Sao Paulo, 2017.

American football is a recent sport in Brazil. It is regulated and systematized by the Brazilian Confederation of American Football (CBFA). The context of American football in the state of São Paulo (SP) during the period between 2012 and 2015 was based on a power dispute for the right to organize the sport. The body associated with the CBFA was the Paulista League of American Football (LPFA), but in 2012, teams dissatisfied with the management of this institution broke relations with the same and created the Federation of American Football of the State of São Paulo (FEFASP). Reinforcing the dispute for power and symbolic capital within this subfield, mainly in the entity-team relationship that remained until the beginning of 2015, when it was announced the linkage of the teams from LPFA to FEFASP, resulting in the end of the first. In this way, the following questions emerged: How is football organized in the state of São Paulo? How did the process of affiliation of the LPFA teams with FEFASP take place? How do the subjects' actions regarding the search for power and social legitimacy in the organization of American football in the state? What are the objectives of the teams and entities that organize the sport? Due to the recent insertion of American football in the country, the lack of research and academic information in the area and the decisive participation and protagonist of team managers in such processes of division and linkage of regulatory institutions, the objective of this research project was to investigate and delimit the process of organizing the power structures established in this sports modality in the state of SP from 2015, from the point of view of team leaders. This work used as theoretical reference for discussion and analysis of its object of research, sociological categories of the work of Pierre Bourdieu. Through the analysis of responses from six initial semi-structured interviews, the data were organized and analyzed through the Thematic Analysis, so that three main themes emerged: a) Beginning, with the reasons that contributed to the linkage, b) Process, performance of the agents and agreements that resulted in the linkage; and c) Developments, with the consequences arising from the linking process, as new disputes within the subfield, such as the dispute between teams of the capital and the interior, with habitus based on the geographical location of the leaders according to their teams. It is possible to verify that the analytical categories proposed by Bourdieu help to unravel the existing relations in the space investigated. This work aimed to investigate a specific cut of American football in the state of SP, which made it possible to understand how the linkage developed and what altered in the subfield from it. From this work, it was possible to verify the existence of some doxas of the Brazilian sports field, as the necessity of the bureaucratic organization to be related to a confederative structure.

Keywords: Sociology of sport. American football. Pierre Bourdieu. Sports field. Contemporary Sport.

APRESENTAÇÃO

Sempre consumi muito tempo de minha infância assistindo a jogos de futebol, basquete e voleibol, modalidades esportivas que possuíam certa importância em Ribeirão Preto/SP, minha cidade natal, o que possibilitava a realização de jogos entre equipes locais contra equipes tradicionais do país. Além disso, assistia qualquer outra modalidade esportiva transmitida pela televisão. Porém, em termos de prática, vivenciei durante as aulas de Educação Física regular dos ensinos fundamental e médio apenas as quatro modalidades mais praticadas em quadra: futsal, basquetebol, voleibol e handebol. Somado à vantagem em estatura que tinha em relação aos meus colegas aos 14 anos, participei de processos de seleção de jogadores de equipes de basquete da cidade, mas não obtive sucesso.

Antes de terminar o Ensino Médio, decidi que iria trabalhar, ingressei no Curso Técnico em Mecatrônica e adentrei ao mercado de trabalho como Auxiliar de Desenho Mecânico. Concomitantemente, realizei o curso de Técnico em Informática, que me possibilitou exercer pela primeira vez a função de professor. Trabalhei em uma escola que tinha aulas individuais e também turmas com 40 alunos. Ainda trabalhei em uma gráfica.

Foi nesse último emprego que o esporte voltou a fazer parte da minha vida, mais uma vez como espectador, com acesso à internet e televisão por assinatura, conheci outras modalidades e vislumbrei ali a oportunidade de finalmente ingressar no curso superior para estudar o que eu gostava, o esporte. Comecei a me interessar e pesquisar sobre o ensino superior enquanto conhecia e começava a entender o futebol americano (FA).

Deixei de trabalhar para me dedicar exclusivamente aos estudos preparatórios para o vestibular no ano de 2011. Consegui entrar na 4ª turma do curso de Bacharelado em Educação Física e Esporte da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

Por ter um passado familiar vinculado ao ensino público superior, sabia da existência dos programas de iniciação científica (IC) com bolsa. Dessa forma, o primeiro objetivo almejado foi uma bolsa para auxiliar no custeio das despesas com o curso, além de enriquecer a graduação, tendo experiência com a pesquisa através de uma bolsa de iniciação científica, começando assim, minha trajetória acadêmica. Logo no primeiro semestre, tive a oportunidade de conhecer meu orientador, Prof. Dr. Renato Marques, que mais tarde me convidou para montar um projeto de pesquisa para submetermos ao processo de seleção de bolsistas de IC do CNPq e Universidade de São Paulo.

Ao conhecer o trabalho de meu orientador, iniciei o contato com a Sociologia do Esporte e o FA se mostrou como uma modalidade promissora para estudos. Fui contemplado com uma bolsa do CNPq em 2012 para realização do projeto que montamos, que buscava descrever a situação da modalidade no estado de São Paulo (SP). Naquele período, sob a ótica dos dirigentes, foi possível identificar uma disputa por legitimidade frente à organização do FA no estado por duas entidades reguladoras da época, Liga Paulista de Futebol Americano (LPFA) e a Federação de Futebol Americano de São Paulo (FEFASP). O desenvolvimento do trabalho me permitiu conhecer pessoas dentro do FA, o que resultou na possibilidade de acompanhar, como auxiliar da comissão técnica durante quase dois anos, as atividades de uma equipe da cidade.

Ainda na graduação, em 2012, iniciei a minha participação no recém-instituído Grupo de Estudos e Pesquisa em Aspectos Socioculturais e Pedagógicos do Esporte (GEPESPE-RP), coordenado pelo Prof Renato Marques. Um espaço que possibilitou um contato ainda maior com a obra de Pierre Bourdieu, o principal referencial teórico e metodológico dos meus trabalhos.

No ano de 2013, recebi a oportunidade de prosseguir meus estudos na Sociologia do Esporte, sendo contemplado com uma bolsa de IC da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo, para realizar um projeto que era um aprofundamento em relação ao primeiro. O cenário de disputa no FA se manteve, porém, a análise seria feita sob a ótica dos jogadores. Como uma forma de enriquecer e ampliar a esfera de investigação dos achados do primeiro estudo.

Durante a graduação, tive possibilidade de apresentar meus trabalhos com o FA, fruto das IC realizadas, em diferentes congressos, destaco: a) o Congresso de Iniciação Científica realizado em conjunto por USP, UNICAMP e UNESP em setembro de 2012¹ e 2013², onde apresentei meu projeto e realizei minhas primeiras experiências de apresentação oral e pôster; b) o Congresso de Ciências do Desporto, organizado pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP, realizado em 2014³, apresentei um recorte da minha primeira IC, que tratava sobre os valores morais relacionados à prática do FA; c) o Encontro Paulista de Sociologia do Esporte,

¹ MORALES JÚNIOR, V. R.; MARQUES, R. F. R.. Descrição do campo social do futebol americano no estado de São Paulo. In: V Congresso de Iniciação Científica - CIC, 2012, Campinas. Anais do IV Congresso de Iniciação Científica. 2012.

² MORALES JÚNIOR, V. R.; MARQUES, R. F. R.. Descrição do campo social do futebol americano no estado de São Paulo: a perspectiva dos jogadores. In: V Congresso de Iniciação Científica - CIC, 2013, São Paulo. Anais do V Congresso de Iniciação Científica. 2013.

³ MORALES JÚNIOR, V. R.; MARQUES, R. F. R.. Descrição do campo social do futebol americano no estado de São Paulo: organizações burocráticas e disputa por capitais. In: V Congresso de Ciência do Desporto, 2014, Campinas. Anais do Congresso. 2014.

organizado pela EACH/USP em novembro de 2014⁴, apresentei o fragmento do trabalho que falava sobre a relação do FA com a violência. Tal participação me possibilitou a publicação do meu primeiro capítulo de livro em parceria com meu orientador; d) em junho de 2015, apresentei mais um recorte da minha IC, com o título: “O subcampo do futebol americano no estado de São Paulo: parcerias entre equipes de futebol americano com equipes de futebol”, no Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana (CIEFMH), organizado pelo Departamento de Educação Física (DEF) do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista, UNESP/Campus de Rio Claro⁵.

Depois dessa vivência com a pesquisa qualitativa, possuía material suficiente para a realização do meu trabalho de conclusão de curso (TCC). Entretanto, optei por aprofundar os estudos na obra de outro autor também bastante estudado no GEPESPE-RP, Jean Côté. O trabalho teve como título “Análise da data, local de nascimento e IDH como fatores de influência nas oportunidades de acesso de jogadoras de futsal ao alto rendimento”.

Foi possível investigar a ocorrência do Efeito da Idade Relativa e do Local de Nascimento no futsal feminino de alto rendimento, buscando a familiarização e o conhecimento com a pesquisa quantitativa. O trabalho não cessou com a obtenção do título de bacharel. Em 2017, este trabalho foi contemplado com o aceite da Revista Motriz, para publicação em formato de artigo sobre o efeito da idade relativa no futsal feminino brasileiro.

Antes de começar o ano de 2015, o último do curso de graduação, o FA mudou significativamente no estado de SP e a EEFERP conseguiu a abertura do programa de pós-graduação nível mestrado. A oportunidade mais uma vez apareceu, fruto de toda a construção por nós realizada e pela vontade de continuar os estudos com a modalidade, visando no futuro, adentrar ao ensino superior como docente.

Durante o primeiro ano do mestrado, em 2016, fomos contemplados com a publicação do artigo intitulado "O futebol americano no estado de São Paulo: disputa por legitimidade entre entidades reguladoras no período de 2012 a 2014", na revista Pensar a Prática⁶. Em agosto de 2017, fomos contemplados com a publicação do artigo "O futebol americano e a teoria dos

⁴ MORALES JÚNIOR, V. R.; MARQUES, R. F. R.. O futebol americano no estado de São Paulo: a violência sob a ótica dos dirigentes. In: ALMEIDA, M. A. B. de (Org.). Estudos Interdisciplinares em Sociologia do Esporte. 2ed. São Paulo: 2015, v.2 p.91-109

⁵ JÚNIOR, V. R. M; MARQUES, R. F. R. O sub-campo do futebol americano no estado de São Paulo: parcerias entre equipes de futebol americano com equipes de futebol. In: IX Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana XV Simpósio Paulista de Educação Física (IX CIEFMH e XV SPEF, 2015, Rio Claro. Suplemento I. Rio Claro: UNESP. v. 21. p. 236-236. 2015.

⁶ MORALES JUNIOR, V. R., MARQUES, R. F. R. O futebol americano no estado de São Paulo: disputa por legitimidade entre entidades reguladoras no período de 2012 a 2014. Pensar a Prática, [S.l.], v. 19, n. 4, dez. 2016. ISSN 1980-6183. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/34425>>. Acesso em: 26 set. 2017.

campos: a análise histórica da modalidade nos Estados Unidos na perspectiva da obra de Pierre Bourdieu" no periódico *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*⁷.

Destaco também o aceite para apresentação do trabalho realizado em conjunto com colegas do GEPESPE, intitulado: "Futsal escolar como espaço de reserva masculina: análise da participação feminina nos Jogos Escolares do Estado de São Paulo/Brasil, região de Ribeirão Preto/SP, entre os anos de 2010 e 2016" no XXXI Congreso Asociación Latinoamericana de Sociología⁸, realizado em Montevideu no Uruguai, em dezembro de 2017.

Enquanto desenvolvia minhas atividades no mestrado, concomitantemente trabalhava como professor na Escola Guga de Tênis em Ribeirão Preto. Divisão de trabalho que se manteve até no mês de outubro de 2016, quando fui contemplado com uma bolsa de mestrado da CAPES/DS para dedicação exclusiva à pós-graduação.

Durante seis anos, venho me dedicando a desbravar uma terra fértil, porém conturbada, que é o FA no estado de São Paulo. Contando com o aporte teórico-metodológico de Pierre Bourdieu, pude estudar o desenvolvimento desta modalidade esportiva, no que diz respeito à organização burocrática de suas entidades reguladoras. Fazer o registro histórico da modalidade esportiva que me motivou a entrar no ensino superior foi uma oportunidade única e proveitosa. Além de poder contar com o apoio incondicional do meu orientador no desenvolvimento de minha jornada acadêmica até o presente momento.

Sinto-me orgulhoso com o percurso traçado até o presente momento e trago comigo a serenidade de alguém que fez tudo o que estava ao alcance de ser feito, reconheço que as questões não cessam, pois as disputas continuam sendo travadas entre os agentes e instituições atuantes. Contudo, é chegado o momento de encerrar esse ciclo chamado mestrado, que me possibilitou um aprofundamento com relação ao FA, mas principalmente com relação ao 'o que é ser um mestre'. Poder ser responsável pela construção de trajetórias pessoais e profissionais é algo desafiante e ao mesmo tempo assustador, entretanto a possibilidade de utilizar do ensino das ciências humanas dentro da Educação Física acalenta e motiva o caminho que se inicia.

⁷ MORALES JÚNIOR, V. R., MARQUES, R. F. R. O futebol americano e a teoria dos campos: a análise histórica da modalidade nos Estados Unidos na perspectiva da obra de Pierre Bourdieu. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 11-24, dez. 2017. ISSN 2238-0000. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/45493/34168>>. Acesso em: 11 jan. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/jlasss.v7i1.45493>

⁸ OLIVEIRA, F. V. C. ; MORALES JUNIOR, V. R. ; RICCI, C. S. ; MARQUES, R. F. R. . Futsal escolar como espaço de reserva masculina: análise da participação feminina nos Jogos Escolares do Estado de São Paulo/Brasil, região de Ribeirão Preto/SP, entre os anos de 2010 e 2016. In: XXXI Congreso Latinoamericano de Sociologia, 2017, Montevideu - Uruguai. Anais do XXXI Congreso Latinoamericano de Sociologia, 2017.

1. INTRODUÇÃO

O futebol americano (FA) teve sua sistematização e regulação burocrática instalada em solo brasileiro com a fundação da Associação de Futebol Americano do Brasil (AFAB) no ano 2000, que anos mais tarde teve seu nome alterado para Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA). A entidade é reconhecida internacionalmente como o regulador da modalidade em território brasileiro (CBFA, 2016).

A CBFA conta atualmente com 18 entidades estaduais filiadas, buscando afirmar a sua popularidade no Brasil enquanto prática, tendo a criação de diversas equipes, e consequentemente várias entidades que buscam a formação de atletas, organização de campeonatos e início, ainda que muito tímido, de um processo de profissionalização e espetacularização do esporte no país. (BUENO, 2016; CBFA, 2016).

Depois de uma trajetória que passou por diferentes modos de se praticar FA no Brasil (*flag*, *beach football*), o primeiro campeonato de futebol americano *fullpad* no Brasil foi o Torneio Touchdown (TTD), organizado por uma empresa privada entre os anos de 2009 e 2015 (TOUCHDOWN, 2016). O *fullpad* é a variante do FA que faz uso de todo o equipamento de proteção, como capacete, ombreiras e protetores de perna (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2014), sendo essa a prática profissional existente nos Estados Unidos e que encontrou formas para ser incorporada e ressignificada pelos praticantes.

De acordo com Morales Júnior e Marques (2015), o FA no território brasileiro adquiriu uma característica específica na forma de organização das equipes. Diferentemente da *National Football League* (NFL), a liga profissional de FA dos EUA, onde as equipes são franquias, ou seja, empresas privadas com vínculo contratual e comercial com a NFL, as equipes brasileiras são associações sem fins lucrativos, ou em casos particulares são empresas esportivas. Mesmo assim os jogadores são amadores em sua grande maioria e assumem mais de uma função, às vezes como dirigentes, presidentes, técnicos e preparadores físicos, ou cargos vinculados com sua expertise profissional, buscando suprir as necessidades de estrutura organizacional de uma equipe esportiva (BUENO, 2016).

Com relação a patrocinadores, mais uma diferença fundamental da prática entre Brasil e EUA, grande parte dos recursos que financiam as atividades de equipes de FA em solo brasileiro é oriundo dos próprios jogadores, tendo o pagamento de mensalidades como principal meio, uma vez que o apelo mercadológico da prática brasileira da modalidade ainda é insuficiente para angariar os recursos financeiros necessários. Existem empresas privadas que atuam como parceiras das equipes de FA, seja através de benefícios para os jogadores ou de investimento de capital econômico nos caixas das equipes, contudo a estrutura do FA no Brasil,

em sua esmagadora maioria, é amadora (BUENO, 2016; MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2015).

Frente a essa dificuldade, uma saída encontrada pelas equipes e estudada por Morales Júnior e Marques (2015), foi a filiação com equipes de futebol. Os dirigentes paulistas apontaram algumas razões para tal necessidade. Por exemplo, atrair mais público e patrocinadores devido ao impacto e valor simbólico que o nome de um clube de futebol possui. Porém, os dirigentes estão atentos com relação a uma possível influência negativa dentro do futebol americano, de forma semelhante ao que acontece com as equipes e federações de futebol brasileiro, como casos de corrupção e má administração. Equipes como Corinthians, Ponte Preta, Portuguesa/SP, Botafogo/SP, Botafogo/RJ, Flamengo, Vasco da Gama e Coritiba, são exemplos de equipes de futebol que mantêm vínculo com o futebol americano.

Quanto ao estado de São Paulo (SP), durante a década de 2010, pode-se perceber uma série de rupturas, com criações e transformações de entidades reguladoras do FA. Em atividade entre 2001 e 2014, a Liga Paulista de Futebol Americano (LPFA) era reconhecida pela CBFA como a entidade paulista reguladora da modalidade, até o fim de suas atividades em 2015.

A LPFA se manteve hegemônica junto à CBFA, mesmo quando ocorreu a dissidência por parte de equipes descontentes com o modo de gestão desta entidade, que resultou na criação da Federação de Futebol Americano de São Paulo (FEFASP) em 2012. As alegações eram pautadas principalmente nas divergências e no descontentamento com a centralização do poder que a gestão da LPFA possuía na época (MORALES JUNIOR; MARQUES, 2016a). Essas entidades atuaram de forma paralela na organização da modalidade em SP, o que gerou uma concorrência por legitimidade neste espaço social.

A disputa pelo poder no futebol americano paulista foi travada exclusivamente na organização dos torneios, uma vez que a divisão acabava por afastar as equipes de quaisquer disputas em campo. Contudo, não houve tentativas de boicotes por parte das entidades, a convivência foi de certa forma pacífica, já que cada entidade optou por desenvolver suas atividades de acordo com suas intenções e objetivos dentro do FA (MORALES JUNIOR; MARQUES, 2016).

Nesse cenário, aqueles dirigentes que mantinham ligação com a LPFA entre 2012 e 2013, legitimavam suas ações com base no reconhecimento de que a entidade possuía junto à CBFA, e consequentemente aos órgãos internacionais. Enquanto que os gestores de equipes vinculadas à FEFASP reconheciam o caráter democrático da organização e a participação da entidade no auxílio às equipes no processo de captação de recursos como diferenciais.

Segundo os dirigentes dissidentes (FEFASP), a LPFA se preocupava única e exclusivamente com a organização do Campeonato Paulista. Mediante ao pagamento de inscrição, esta entidade não auxiliava as equipes a resolver questões como obtenção de equipamentos e acesso a espaços para que acontecessem as partidas (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016).

Um aspecto importante e característico na gestão da LPFA foi a proibição das equipes afiliadas à entidade de participar do TTD caso fossem convidadas, tal fato auxiliou a fomentar o movimento de separação. O TTD ocorreu até 2015 e auxiliava as equipes participantes com uma quantia em dinheiro, graças aos acordos de patrocínio que a empresa organizadora possuía. Apesar de existir esse subsídio, o valor, segundo os dirigentes, ainda era insuficiente para custear os gastos de uma equipe de futebol americano para honrar os compromissos do calendário da competição (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016).

Esse quadro de disputa por poder e reconhecimento dentro deste espaço social se manteve por aproximadamente três anos. Chegando, aparentemente, ao fim no começo do ano de 2015, quando a FEFASP, através de sua página oficial no Facebook, anunciou a vinculação das equipes até então filiadas à LPFA. A FEFASP, na época, chegou a contar com 27 equipes filiadas, sendo 23 do estado de São Paulo e 4 de outros estados, como Minas Gerais e Mato Grosso.

Consequentemente, o primeiro campeonato paulista unificado e organizado pela FEFASP, denominado Super Copa São Paulo de Futebol Americano de 2015, teve a participação de 22 equipes e consagrou como campeã uma equipe oriunda desse processo de vinculação, o São Paulo Storm.

O atual contexto sociocultural que envolve o futebol americano paulista frente ao recente cenário, em tese, fomenta novas formas de atuação dos dirigentes que compõem esse espaço e expõe os agentes sociais a novas situações de organização de grupos e formas de atuação. Além do interesse por parte de público, vide os bons números de espectadores em estádios registrados pelo Brasil, com destaque para regiões sudeste, sul e nordeste (GLOBOESPORTE, 2017).

Deste modo, as perguntas norteadoras desta dissertação são: Como se organiza atualmente o futebol americano no estado de São Paulo pós-vinculação? Como se deu o processo de filiação das equipes da LPFA junto à FEFASP? Como se dão as ações dos sujeitos em relação à busca por poder e legitimidade social na organização do futebol americano no estado? Quais são os objetivos das equipes e entidades organizadoras da modalidade?

Condensadas na pergunta central do trabalho: “Quais interações que se estabeleceram no contexto histórico do FA no estado de São Paulo entre 2015 e 2017?”.

Para responder à pergunta central e alcançar a compreensão frente a este cenário, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dirigentes de equipes de FA do estado de São Paulo. Para a discussão dos dados, foram utilizadas como referencial teórico, categorias analíticas do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

Esse trabalho encontra-se estruturado em seções, contendo os objetivos, o referencial teórico que aborda algumas das categorias analíticas de Pierre Bourdieu e a Teoria dos Campos, além de estudos do autor sobre o Campo Esportivo. Foi também construído um histórico do futebol americano profissional nos Estados Unidos, resgatando suas origens, trajetórias e disputas por poder, e uma contextualização histórica do FA no Brasil e no estado de São Paulo. Foram abordados os procedimentos metodológicos escolhidos para o desenvolvimento deste trabalho e a apresentação e discussão dos resultados.

2. OBJETIVOS

2.1. Geral

Descrever e analisar, a partir de discursos de dirigentes de equipes de futebol americano no estado de SP, como ocorreu o processo de vinculação à FEFASP, das equipes oriundas da LFPA, no ano de 2015.

2.2. Específicos

a) Apontar as disputas e particularidades do processo de organização do FA no estado de SP a partir de 2015;

b) Descrever e analisar a configuração do *habitus* (estruturação dos modos de ação) de dirigentes de equipes paulistas de futebol americano após o processo de vinculação;

c) Analisar similaridades e diferenças entre os processos vividos no estado de São Paulo e nos Estados Unidos, considerando suas particularidades socioculturais e históricas.

3. REFERECIAL TEÓRICO

3.1. Pierre Bourdieu e a Teoria Dos Campos

Pierre Bourdieu desenvolveu uma teoria sociológica pautada no conhecimento praxiológico, que além de superar a mera análise objetiva, busca analisar e explicar formas de relações sociais ligadas às disputas por poder em diferentes campos da sociedade, considerando as estruturas objetivas, de espaço, regras e normas, em uma relação dialética com questões subjetivas, de anseios, história individual e significação do espaço por parte dos indivíduos.

Nesse sentido, Bourdieu (1990, p.149) sustenta sua perspectiva praxiológica nas seguintes perspectivas teóricas: “construtivismo estruturalista” ou “estruturalismo construtivista”:

Por estruturalismo ou estruturalista, quero dizer que existem, no próprio mundo social e não apenas nos sistemas simbólicos – linguagem, mitos, etc-, estruturas objetivas, independentes da consciência e da vontade dos agentes, as quais são capazes de orientar ou coagir suas práticas e representações. Por construtivismo, quero dizer que há, de um lado, uma gênese social dos esquemas de percepção, pensamento e ação que são constitutivos do que chamo de *habitus* e, de outro, das estruturas sociais, em particular do que chamo de campos e grupos, e particularmente do que se costuma chamar de classes sociais.

Construindo uma análise permeada pelas estruturas objetivas do campo, aliado às internalizações feitas pelos agentes atuantes, variando de acordo com sua posição no espaço social das disputas, é na relação dialética que a praxiologia se pauta. Bourdieu (1990) critica e aponta as lacunas das abordagens objetivas e subjetivas, dominantes nas análises das ciências sociais, classificando-as como pontos distintos e não comunicáveis para a explicação da realidade social.

Ao considerar os fatos sociais como coisas – premissa básica do pensamento durkheimiano – compromete-se a análise, pois não se considera os fatos como objetos socialmente produzidos, apenas como estruturas que acabam por determinar as ações dos agentes. Enquanto a perspectiva subjetiva falha também ao reduzir o mundo social simplesmente ao modo como os agentes o interpretam, desconsiderando toda e qualquer influência das estruturas sociais existentes. Para superar o problema, Bourdieu (1990, p. 152) propõe:

De um lado, as estruturas objetivas que o sociólogo constrói no momento objetivista, descartando as representações subjetivistas dos agentes, são o fundamento das representações subjetivas e constituem as coações estruturais que pesam nas interações; mas, de outro lado, essas representações também devem se retidas, sobretudo se quisermos explicar as lutas cotidianas, individuais ou coletivas, que visam transformar ou conservar essas estruturas.

Os momentos objetivista e subjetivista se relacionam dialeticamente durante a produção do conhecimento praxiológico. Dessa forma, essa relação subsidia a teoria bourdiesiana à medida que considera que a *práxis* dos agentes na busca pelo acúmulo de determinados bens é dialeticamente orientada por seus interesses subjetivos e pelas normas e regras objetivas do meio em que estão inseridos e atuantes (BOURDIEU, 1996).

Para aplicar o conhecimento praxiológico na perspectiva de Bourdieu, surge a necessidade de delimitar um espaço de acordo com algumas características (BOURDIEU; WACQUANT, 1992). Surge então a noção de campo social, uma ferramenta de análise que permite a delimitação do objeto de pesquisa, que designa um espaço relativamente autônomo, um microcosmo dotado de leis próprias, diferentes do macrocosmo (leis gerais da sociedade), mas que não escapam de imposições do espaço social. Caracteriza-se pela desigualdade de acesso aos bens do campo (capitais) e como um espaço de luta de forças pela posse do poder simbólico (conferido reconhecimento e legitimidade aos detentores destes capitais), cuja necessidade de existência se impõe aos agentes nele envolvidos (BOURDIEU, 1983a). Na sua carreira, Bourdieu estudou o campo da educação, da mídia, das artes, das práticas esportivas, entre outros.

Esses espaços são construídos a partir de diferentes grupos e agentes atuando na busca por poder e legitimidade simbólica, em uma relação dialética entre si que buscam o poder, pautados nas regras, na história e nas estruturas, constrói-se o espaço de disputas. Bourdieu (2003, p.3) sugere alguns pressupostos para a conformação dos campos. Um deles, que se faz de fundamental importância é a estrutura social:

Levar a sério a noção de estrutura social supõe que cada classe social, pelo fato de ocupar uma posição numa estrutura social historicamente definida e por ser afetada pelas relações que a unem às outras partes constitutivas da estrutura, possui propriedades de posição relativamente independentes de propriedades intrínsecas como, por exemplo, um certo tipo de prática profissional ou de condições materiais de existência.

Os agentes ou grupos que possuem poder e reconhecimento legitimados são aqueles que, durante suas trajetórias dentro do campo, acabaram por adquirir esses capitais específicos e variados, sendo caracterizados como legítimos pelos demais agentes. Essa aquisição pode ser conquistada como consequência de suas ações, ou herdada de outros agentes. Tal legitimação é ofertada mediante a posse de bens que conferem poder aos sujeitos, os capitais (BOURDIEU, 1983a).

Existem quatro tipos de capitais, sendo três deles comuns à maioria dos campos (BOURDIEU, 1983a, 1989, 1998a, 1998b): a) capital econômico - posse de dinheiro e poder aquisitivo; b) capital social - rede de relacionamento que o agente mantém com os outros agentes do campo; c) capital cultural - conhecimento que o agente possui e que é valorizado dentro do campo, manifestando-se em três estados: incorporado, que é resultado do trabalho e experiência obtido pelo agente com seu dispêndio de tempo; objetivado, que consiste na posse de propriedades materiais que são incorporados de cultura; e institucionalizado, fortemente ligado à educação formal, como diplomas, certificados e títulos; d) capital simbólico - uma espécie particular que oferece reconhecimento e poder ao detentor dentro de um campo específico. Esta última forma de capital toma configurações de valor e reconhecimento simbólico diferentes, de acordo com cada campo.

Dentre os quatro, três tipos (social, econômico e cultural) conferem poder na maioria dos campos e são convertíveis em capital simbólico, de acordo com as normas, interesses e agentes envolvidos nas disputas (BOURDIEU, 1986). O acúmulo de capital simbólico permite ao agente detentor exercer violência simbólica, que se traduz no valor e reconhecimento de legitimidade adquirida e oferece poder e controle da manutenção ou transfiguração das formas e critérios de distribuição de bens e propriedades específicas no campo (BOURDIEU, 1989). Isso se faz resultado de um processo que a institui, ao mesmo tempo, nas estruturas sociais e mentais, que faz com que os agentes do campo não percebam que é resultante de todo um trabalho histórico, parecendo-lhes natural (BOURDIEU, 1996).

O resultado dessa naturalidade do processo é que fundamenta o conceito de *doxa*, sendo uma espécie de leis gerais aos modos de ação que é desenvolvido de forma a atender aos grupos dominantes dentro dos campos e subcampos e que acaba sendo imposta aos grupos dominados. Dentro da construção de uma *doxa*, tem-se a ação ortodoxa, aquela esperada pelos detentores da violência simbólica que desejam manter a estrutura de distribuição de capital, ou seja, a elite do campo, assim como ações heterodoxas, que consistem em não aceitação dos modos de distribuição do poder por parte de determinado agente ou grupo social, que por sua vez passa a

lutar pela alteração da lógica de distribuição de capital no campo (BOURDIEU, 1983a, 1989, 1996).

Uma forma de disputa importante nos campos sociais é a luta do “velho” contra o “novo”, ou o ortodoxo contra o heterodoxo. A *doxa* não se limita ao modo de agir do “velho”, pode também ser usada para explicar a ação do “novo”. Sendo esperado deste uma forma de ação heterodoxa (BOURDIEU, 1983a, 1989, 1996).

Surge nessa relação dialética entre campo e agentes sociais, um dos principais conceitos da teoria dos campos, o *habitus*:

Sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um agente (BOURDIEU, 1983, p.61).

O *habitus* é uma estrutura estruturante que norteia as formas de ação dos sujeitos (*práxis*), mas que é estabelecido de acordo com as leis do campo e os caminhos específicos para a disputa e aquisição de capital. São disposições adquiridas que compõem o fator subjetivo de análise, pois considera as percepções e visões de mundo dos agentes. Não desconsidera individualidades, porém analisa o coletivo e estabelece limites de espontaneidade (BOURDIEU, 1983a).

As diferenças subjetivas são tomadas pela aproximação destes agentes em certas estruturas, o que gera certa homogeneidade que configura o caráter coletivo (BOURDIEU, 1983a). O *habitus* é considerado como o modo de agir do agente, que leva em conta os seguintes aspectos: a) a posição que ele ocupa dentro do campo ou subcampo. Se tal posicionamento é recente ou como sofre influência de alguma forma de capital; b) diz respeito ao grupo social ao qual o sujeito pertence; c) a bagagem histórica e cultural do agente. Como o próprio Bourdieu (1983a, p. 94) descreve, o *habitus* é:

Um sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem ser objetivamente afins aos interesses objetivos de seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim.

Existe um conceito na obra de Bourdieu que auxilia na compreensão das disputas dentro dos campos e que possui ligação forte com as noções de campo e *habitus*, a *illusio*

(BOURDIEU, 1996). Essa ferramenta analítica se constrói conforme o agente passa a acreditar que a disputa do campo tem significado e que vale a pena o seu envolvimento. Conforme aponta Bourdieu (1996, p.139-140): “É ‘estar em’, participar, admitir, portanto, que o jogo merece ser jogado e que os alvos engendrados no e pelo fato de jogar merecem ser perseguidos; é reconhecer o jogo e o alvo”. A *illusio* se relaciona com a noção de *habitus* proposta pelo autor, uma vez que seu modo de ação dentro de determinado espaço se converge com as regras de ação do campo e dos objetivos almejados por ele nessa disputa (BOURDIEU, 1983a).

3.2. Pierre Bourdieu e o Campo Esportivo

Bourdieu desenvolveu e utilizou a Teoria dos Campos para estudar diferentes campos, como educação, televisão, literatura, ciência, esporte, entre outros. Quando se propôs a estudar o esporte, Bourdieu (1990) procurou primeiro elaborar um método de análise que pudesse contemplar as demandas do objeto de estudo, o resultado desse esforço teórico-metodológico pode ser principalmente encontrado em “Programa para uma sociologia do esporte” de 1990. Bourdieu (1990) sugere que o espaço das práticas esportivas são semelhantes a outros espaços de produção cultural e material, sendo perceptível a existência de propriedades (leis) gerais desses espaços.

Devido ao cuidado para evitar equívocos comuns por parte de cientistas sociais da época, que é o de generalizar o particular, Bourdieu atenta para a relativa autonomia do campo esportivo.

Considerando sua gênese e construção histórica, Bourdieu defende que o esporte, assim como outros campos sociais, estrutura-se com base em disputas por poder entre grupos distintos, com *habitus* característicos e formas particulares de relação com o corpo (BOURDIEU, 2007).

Para o autor, este campo destaca as diferentes formas de apropriação das práticas pelos diferentes grupos sociais e a elasticidade semântica promovida por eles sobre um fenômeno que assim se faz heterogêneo, com formas de práticas que simbolizam gostos e *habitus* distintos, assim como posições sociais mais ou menos privilegiadas (BOURDIEU, 1978), sendo que a própria constituição de um campo de práticas esportivas foi consequência de uma disputa entre grupos sociais distintos.

É importante destacar que Bourdieu proferiu suas análises a respeito do campo esportivo em períodos e contextos socioculturais específicos, sendo fundamental, para qualquer análise

que se aproprie de sua obra, a devida reflexão e contextualização histórica e social de suas categorias, observações e conclusões (MARQUES, 2015).

Para Bourdieu (1990, p; 207-208), a constituição de uma área de estudos sobre sociologia do esporte se faz útil e necessária por conta da seguinte situação apontada pelo autor:

De um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte na forma prática, mas que não sabem falar dele, e, de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-la, ou o fazem a torto e a direito.

Essas investigações são pertinentes também por compreender o acesso a práticas esportivas por diferentes agentes e grupos sociais, o que pode ocasionar uma alteração na qualidade de vida dos envolvidos, formas de manifestação do fenômeno esportivo, entre outras consequências (BOURDIEU, 1990).

A forma como desenvolver os estudos para a área da sociologia do esporte também foi preocupação do autor (BOURDIEU, 1990, p.208):

Para que uma sociologia do esporte possa se construir, é preciso primeiro perceber que não pode analisar um esporte particular independentemente do conjunto das práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo.

Essa passagem explicita bem o que Bourdieu sempre considerou em suas análises, antes de qualquer profundidade que queira se aplicar ao fenômeno, é necessária a contextualização, ou seja, deve ser feita a localização desse microcosmo dentro do macrocosmo, uma vez que essa interação ocorre nos dois sentidos, de modo que o micro influencia o macro e vice-versa.

Além disso, essa contextualização do microcosmo se faz de suma importância para que o objeto de análise tenha as relações, propriedades e posições que as caracterizem como um espaço de funcionamento com suas regras específicas, porém ainda com relativa autonomia, podendo funcionar como um subcampo esportivo. Nesse sentido, é possível determinar a existência de subcampos, espaços que possuem similaridades e certa subordinação com relação ao campo, contudo é constituído de algumas características ímpares com relação a outros espaços (BOURDIEU, 1983b).

No campo esportivo, é possível falar em subcampo a partir da modalidade foco de investigação, ou seja, apesar de certos traços comuns ao campo esportivo, a posição ocupada por determinada modalidade nas teias de relação do campo esportivo faz com que ele se

estruture e seja estruturado de forma diferente entre as demais modalidades (MARQUES, 2015).

Faz-se importante elencar algumas das disputas próprias do campo esportivo descritas por Bourdieu (1978, 1983a, 1990, 2007), destacando-se quatro: 1) ligada à legitimidade quanto ao acesso à prática esportiva entre amadores e profissionais; 2) percepção e formas de relação e uso do corpo – corpo legítimo e uso legítimo do corpo; 3) práticas esportivas “populares” e “elitizadas”, classificação oriunda do efeito de apropriação das modalidades esportivas por diferentes grupos; 4) possibilidades de consumo do esporte como praticante ou mero espectador.

A conformação do campo esportivo foi objeto de estudo de Bourdieu, um processo de racionalização dos até então jogos populares, no início do século XIX, para um conjunto de práticas corporais realizadas dentro das escolas públicas inglesas, que serviram de alicerce para a gênese do esporte moderno. Como principais alterações, tem-se a relação com os significados e funções das práticas, passando a assumir um caráter erudito e distintivo (BOURDIEU, 1983a).

Os antigos jogos populares pautavam-se principalmente no caráter festivo, sazonal ou religioso. Na forma erudita, principalmente à partir do século XIX, os jogos populares ganham um novo sentido, ou seja, tornam-se atividades que possuem um fim em si mesmas, desvinculado de qualquer relação com festividades ou religião (BOURDIEU, 1983a).

Foi através desse mesmo processo de racionalização que os jogos populares passaram a serem práticas corporais que buscavam a transmissão de valores morais que fossem condizentes com o *habitus* da elite inglesa, como o cavalheirismo, o *fair play* e o respeito às regras e disciplina. Essa apropriação dos jogos populares, pautada na alteração de seu sentido, fez com que a prática esportiva fosse apreciada e disseminada entre os integrantes de classes populares mais favorecidas. Aliada à busca por parte desse grupo pela diferenciação social, pois, para se praticar esporte, havia a necessidade de tempo livre, acesso aos locais que oferecessem tais atividades e materiais específicos de difícil acesso para todas as classes sociais (BOURDIEU, 1983a).

No período de sua gênese, início do século XIX, o esporte era concebido como uma prática desinteressada, simbolizada por ocorrer no tempo ocioso, com o fim nela mesmo e principalmente, desvinculado de qualquer busca por recompensas materiais (BOURDIEU, 1983a). As recompensas relacionadas às práticas esportivas estavam mais pautadas no caráter de convívio social e busca pelo prazer.

Essas novas práticas esportivas fizeram sucesso entre os jovens burgueses que frequentavam as escolas públicas inglesas, fazendo com que após o término de seus estudos

surgisse um novo grupo de praticantes que não possuíam qualquer vínculo com as escolas. Esse novo cenário permitiu que fossem concebidas as primeiras ligas e associações, objetivando tornar a prática acessível a esses grupos (DUNNING; CURRY, 2006).

A racionalização não orientou apenas a alteração do sentido dos jogos populares para o esporte, mas prevaleceu no momento seguinte, de universalização das regras. Devido aos avanços na criação de diferentes associações e dos meios de deslocamento, era possível realizar encontros esportivos de associações e escolas, porém acabavam esbarrando no problema de uma gama muito grande de regras heterogêneas (BOURDIEU, 1983a).

A perspectiva de análise histórica na conformação do campo esportivo se faz necessária para que a Sociologia do Esporte se constitua, uma vez que é necessário reconhecer onde a modalidade se encontra nos espaços dos esportes (BOURDIEU, 1983a). Bourdieu não se deteve apenas em investigar o esporte moderno em sua construção histórica das lutas, entre amadores e profissionais, pela legitimidade de prática. As atenções se mantiveram ao esporte, pois houve a entrada de um novo grupo de praticantes, os jovens que ao se formarem passaram a se organizar de modo a continuar a prática esportiva na vida adulta, em clubes e associações predominantemente. A prática esportiva teve grande repercussão, pois conseguia fazer com que os jovens das elites inglesas além de aprender valores morais considerados positivos, passassem a direcionar seu ímpeto e vivenciar situações de violência nesta prática. Sendo esse fator um dos principais gatilhos para a multiplicação das associações esportivas, cujos vínculos eram partidos, sindicatos, igrejas e até patrões. Todas essas instituições passaram a considerar o esporte como sendo algo positivo para conquistar seu público, como o caso das igrejas com os fiéis e os patrões com seus empregados (BOURDIEU, 1983).

A relação com os empregados no período investigado por Bourdieu, a Inglaterra do início do século XIX era considerada paternalista, pois a preocupação em manter o envolvimento dos operários, os patrões ofereciam acesso às escolas e hospitais, mais tarde passaram a oferecer estabelecimentos esportivos. Essa contribuição por parte do patronado fez com que fossem criadas inúmeras associações esportivas de operários (BOURDIEU, 1983).

Sendo que esse processo de divulgação maciço do esporte fez com que trouxesse uma nova função ao esporte, fazendo com que a própria prática sofresse uma transformação que foi de encontro com as expectativas que o público passou a ter com as partidas.

Entretanto, ao falar do esporte moderno, especialmente na sua gênese, trata-se de uma prática aristocrática e carregada de toda uma filosofia característica desse grupo, o *habitus* amador, como elucida Bourdieu (1983a, p. 187):

... o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade, capaz de "formar o caráter" e inculcar a vontade de vencer ("will to win"), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras é o *fair play*, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço.

De forma que para os jovens burgueses e aristocratas, a prática tinha esse caráter amador, sem a preocupação por recompensas externas a não ser a própria participação na atividade. Do outro lado da disputa, os jovens de grupos menos favorecidos passaram a enxergar no esporte, vide a aceitação entre o público, uma possibilidade de ascensão social através da prática (BOURDIEU, 1983a).

A entrada desse novo grupo no campo esportivo fez com que houvesse um conflito direto sobre qual forma de prática seria a legítima; a prática amadora com todo seu caráter erudito e desinteressado, tendo do outro lado os profissionais e sua busca por uma ascensão social, fortemente interessados por sucesso na prática (BOURDIEU, 1983a).

Essa nova maneira de incorporar o esporte é traduzida na seguinte fala de Bourdieu (1983a, p. 196):

Compreende-se que aqueles que guardaram a nostalgia do rúgbi universitário, dominado pelas elegantes corridas dos jogadores de pontas, tenham dificuldade em reconhecer a exaltação da masculinidade e o culto ao espírito do time no gosto pela violência (a "cotovelada") e na exaltação ao sacrifício obscuro e tipicamente plebeu até em suas metáforas ("cavar" o jogo, etc.) que caracteriza os novos jogadores de rúgbi e muito especialmente os corajosos que avançam mais.

É possível perceber como a forma erudita e a compreensão acerca do rúgbi universitário, com um jogo mais voltado para as corridas laterais, sem o constante uso de contato físico e da força para o ganho de território, é contraposta com a nova forma popular de disputa, pautado no vigor, na masculinidade e na violência das jogadas. Chegando ao ponto de inclusive adicionar novas metáforas na prática que representavam as características desses novos integrantes do campo (BOURDIEU, 1983a, 2007).

Outra consequência dessa disputa foi um novo processo de racionalização semelhante ao que transformou os jogos populares em práticas esportivas. Apesar de serem grupos distintos e que disputavam a legitimidade sobre a forma de praticar esporte, guardaram certas características em comum. Como elenca Bourdieu (1983a, p. 196):

Tudo sugere que os "interesses" e valores que os praticantes saídos das classes populares e médias trazem consigo para o exercício do esporte

se harmonizam com as exigências correlativas da profissão (que pode, evidentemente, coincidir com as aparências do amadorismo), tanto da racionalização da preparação (treinamento) quanto da execução do exercício esportivo, imposto pela busca da maximização da eficácia específica (medida em "vitórias", "títulos" ou "records"), busca que é, ela mesma, já vimos, correlativa ao desenvolvimento de uma indústria – privada ou pública – do espetáculo esportivo.

Esse novo cenário levou a uma reorganização e a um enfrentamento simbólico entre os grupos, pois nesse dado momento, a oferta e o consumo da prática esportiva foram alterados pela demanda dos seus praticantes. Principalmente pela busca de vitórias e recompensas externas fizeram com o processo de treinamento e a máxima eficácia proporcionou ao campo esportivo o desenvolvimento da indústria do esporte espetáculo (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998).

Nas discussões sobre percepção e formas de relação e uso do corpo, surge a necessidade de abordar a *hexis* corporal. Para Bourdieu (2014), o corpo é um produto social, de forma que a linguagem corporal em algumas ocasiões é mais capaz de expressar sobre o homem, do que a própria fala. O corpo é meio e produto do capital simbólico disputado, que sofre influência das desigualdades existentes na sociedade, como condições de trabalho e doenças, alterando em grande parte as possibilidades de escolha e os gostos dos diferentes grupos sociais. Além disso, a forma como o corpo se comporta é capaz de dizer sobre a incorporação de determinado arbitrário cultural por parte do agente. Bourdieu (2014, p.248) pontua:

As diferenças de pura conformação são sobrepostas pelas diferenças de *hexis*, de "cuidado": na maneira de portar o corpo, de se portar e de se comportar, por meio da qual se exprime toda a relação com o mundo social (na medida em que a relação com o próprio corpo é, como veremos, uma maneira particular de experimentar a posição no espaço social, pela experiência da distância entre o corpo real e o corpo legítimo).

No campo esportivo não seria diferente, principalmente por se tratar de uma prática que envolvia o uso do corpo. Este também foi um objeto de disputa entre os agentes que atuaram no campo esportivo e que Bourdieu (1990, p. 208) explicita em sua obra:

...o tipo de relação com o corpo que ele favorece ou exige, conforme implique um contato direto, um corpo-a-corpo, como a luta ou o rúgbi, ou, ao contrário, exclua qualquer contato, como o golfe, ou que só o autorize por bola interposta, como o tênis, ou por intermédio de instrumentos, como a esgrima.

Essa relação com o corpo não se limitou apenas aos praticantes, mas aos espectadores também. Bourdieu, no texto “Universo de possíveis estilísticas” (2007), investiga as características de praticantes e consumidores do esporte na França. O autor demonstra a variação que ocorre entre os praticantes, considerando a modalidade de acordo com a profissão, sendo que grupos com piores condições econômicas (agricultores e operários) tendiam a praticar menos em comparação aos grupos com melhores condições (profissionais liberais, por exemplo).

Porém, na contramão se encontra a modalidade esportiva praticada, ou seja, para o futebol –considerada popular – o número de praticantes entre operários é consideravelmente maior em relação aos profissionais liberais. Outro fator que influenciava na quantidade de prática esportiva era a saída precoce da escola pelos grupos populares, enquanto os grupos dominantes, por possuírem condições que lhe permitam um tempo maior de estudos, e consequentemente uma carga horária de trabalho menor ou menos vigorosa, a prática inclusive se mantém mesmo depois desse período, claro que com um sentido diferente, possuindo maior caráter higiênico (BOURDIEU, 2007).

Em uma última análise, Bourdieu (2007) considerou que o grupo social também influencia nas possibilidades de consumo, ou seja, grupos opostos tendem a consumir esporte de formas diferentes. Aqueles mais favorecidos reúnem condições de prestigiarem os eventos esportivos *in loco*, o que garante distinção com relação à forma popular de assistir eventos esportivos, que ocorria principalmente por intermédio da televisão.

A preferência por uma ou outra modalidade é determinada principalmente pelo envolvimento com o corpo. Dessa forma, práticas mais distintivas seriam aquelas que guardam uma relação de distanciamento com o corpo do adversário e uma menor interferência do vigor físico no resultado final. Caracteriza-se, dessa forma, a disputa com relação ao uso legítimo do corpo e o do corpo legítimo (BOURDIEU, 1983a). O corpo legítimo é aquele socialmente construído e aceito, de acordo com certos critérios frente à *doxa* do campo, como grupo social, sexo, idade, divisão social do trabalho entre outros. O corpo legítimo é traduzido na já apresentada *hexis* corporal, de forma que o corpo, por se tratar de uma construção social, sofre apropriações distintas de acordo com quem o apropria (BOURDIEU, 2014).

A elite inglesa do século XIX se apropriou de forma a valorizar o caráter estético e erudito do corpo, preferindo elementos como a beleza, elegância e destreza nas práticas esportivas. Enquanto que características como a força bruta e músculos aparentes eram mais considerados como o corpo legítimo popular, pela apropriação diferente que esse grupo fez de acordo com seu *habitus*, como pontua Bourdieu (2007, p. 205):

Pode-se estabelecer como lei geral que um esporte tem maiores possibilidades de ser adotado pelos membros de determinada classe social na medida que não contradiz a relação com o corpo no que este tem de mais profundo e de mais profundamente inconsciente, ou seja, o *esquema corporal* enquanto depositário de uma verdadeira visão de mundo social, de uma verdadeira filosofia da pessoa e do próprio corpo.

Esse fato nos leva a considerar não apenas os custos econômicos e culturais, mas também todo um sistema de percepção e apreciação de lucros, imediatos ou futuros, que tais práticas possam proporcionar para seus praticantes (BOURDIEU, 1983).

Consequentemente, toda essa disputa com relação ao corpo legítimo leva à disputa do uso legítimo do corpo. Como seria a forma legítima e socialmente aceita de se utilizar o corpo durante a prática esportiva, isso tem uma forte relação com a *hélix* corporal de cada grupo.

Como elucida Bourdieu (1983, p. 150), o grupo dominado, popular, possuiria uma relação com o corpo de forma instrumental:

A relação instrumental com o próprio corpo, que as classes populares exprimem em todas as práticas que têm o corpo como objeto ou questão de disputas, regime alimentar ou cuidados de beleza, relação com a doença ou cuidados com a saúde, também se manifesta na escolha de esportes que demandam um grande investimento de esforços, às vezes de dor e sofrimento (como o boxe), e em certos casos exigem que o próprio corpo seja colocado em jogo, como a moto, o paraquedismo, todas as formas de acrobacia e, em certa medida, todos os esportes de combate, entre os quais se pode incluir o rúgbi.

Enquanto que no outro lado, o grupo dominante deteria uma relação com o corpo de caráter higienista, tratando-o como o próprio fim. Fazendo com que atividades que preservassem a integridade e que buscassem a melhora do funcionamento do organismo, fossem consideradas como legítimas.

Assim como em outros campos, as contribuições de Bourdieu para análises sociológicas no esporte se voltam especialmente para aplicação do conhecimento praxiológico, na qual condições objetivas e subjetivas acabam por influenciar os diferentes modos de ação dentro desses espaços. Em termos metodológicos, a obra auxilia na constituição de um campo esportivo e o modo de relacionamento existente nele.

É importante ressaltar que as contribuições de Bourdieu acerca do esporte são voltadas para conformação de um campo esportivo moderno. Segundo Marques; Gutierrez; Montagner (2009), esse seria um antecessor do esporte contemporâneo, devido ao fato de hoje existir um

maior leque de possibilidades de manifestação e a consequente presença de ideais mercadológicos, relacionado ao lucro e a comercialização, principalmente após a Guerra Fria.

Bourdieu (1983a) elabora uma proposta para a conformação de um campo esportivo, de forma que para que isso ocorresse foi necessário compreender questões sociais como o espaço de jogo e a sua lógica própria. Para tal, o autor afirma que o campo esportivo tem uma relativa autonomia e mesmo estando em contato com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem o seu próprio tempo, suas regras para transformação e sua cronologia específica.

Nessa relação próxima de sua relativa autonomia frente ao macrocosmo, as transformações ocorridas no mundo alteraram também as conformações do campo esportivo. Além do período de sua gênese, já apresentado, o esporte contemporâneo não passou despercebido ao olhar crítico de Bourdieu. Em *“The State, economics and sport”* (BOURDIEU; DAUNCEY; HARE, 1998), é possível ver como o processo de solidificação do capitalismo no período pós-Guerra Fria alterou significativamente a lógica de disputa dentro do campo esportivo.

Anos passados desde a entrada dos novatos (classes populares) no período de criação do espaço das práticas esportivas, os capitais em disputa são mais uma vez redistribuídos de forma a atender essa nova lógica mercantilista presente no mundo. A relativa autonomia dos campos se faz presente, uma vez que o campo possui toda a sua história e o que até então eram espaços de prática para determinados agentes, passou-se a enxergar uma possibilidade de se comercializar tais práticas.

Proni (1998) se propôs a investigar essas alterações, tendo encontrado dois grandes fatores que contribuíram para essa alteração, transformações estruturais na ordem social e política e a mercantilização da cultura. O primeiro ponto converge com os achados de Tubino (1992), o uso político e as disputas travadas entre o bloco socialista contra o capitalista no período da Guerra Fria. O segundo ponto se deriva em decorrência do primeiro, a partir da consolidação do capitalismo frente ao socialismo, o esporte que já era considerado elemento integrante da cultura ocidental, passa a ser visto como um possível produto para ser comercializado.

Essa comercialização do esporte abre uma nova gama de possibilidades de manifestação, para Marques, Gutierrez e Montagner (2009), a clareza nas diferenças entre o esporte contemporâneo do esporte moderno, mais profundamente estudado por Bourdieu, se desenvolve principalmente a partir de uma maior oferta de consumo de práticas esportivas. Porém, as pessoas, ao consumirem o esporte enquanto práticas acabaram por dar-lhe novos

sentidos, questionando em muitos casos a hegemonia do esporte de alto rendimento (MARQUES; GUTIERREZ; ALMEIDA, 2008).

Essa nova conformação do campo esportivo fez com que as diferentes práticas se transformassem, de modo a guardar a relativa autonomia, esse processo não foi causado por rupturas, muito pelo contrário, Marques, Gutierrez e Montagner (2009) pontuam sempre o caráter processual e em episódios históricos que contribuíram para que essa transfiguração acontecesse. Sem esquecer as especificidades de cada subcampo, ou seja, as diferentes modalidades inseridas no campo esportivo tiveram suas particularidades históricas, estruturais e de seus agentes em todo esse processo. Fazendo com que haja diferença no modo com que cada modalidade percebeu, incorporou e atuou de acordo com os novos modos de atuação do campo esportivo (MARCHI JR, 2004; MARQUES, 2015).

3.3. Histórico do futebol americano profissional nos Estados Unidos: origem, trajetória e disputas por poder.

Bourdieu (1990), ao construir o embasamento teórico de seu método, a praxiologia, considerou que para analisar o *habitus* é necessário considerar o contexto onde os sujeitos estão inseridos. O autor detalha em uma analogia, onde o pesquisador para compreender a floresta (objetivo) precisa considerar cada árvore (subjetivo) dentro desse ecossistema (BOURDIEU, 1990). Sem esquecer que para compreender as árvores, é necessário considerar aonde a árvore se encontra na floresta. Concluindo assim, a floresta desse trabalho é o FA, dotado de sua relativa autonomia, com sua história, seus agentes e capitais específicos em disputa.

Para esta descrição histórica do futebol americano, pode-se partir da origem no rúgbi, passando pela sua chegada aos Estados Unidos e principalmente seu processo de desenvolvimento em sua forma atual de prática. Essa construção histórica pode auxiliar, considerando as particularidades contextuais entre Brasil e EUA, a apontar e compreender algumas semelhanças no processo de desenvolvimento do futebol americano nos dois países.

Durante uma partida de *football*, no ano de 1813 na Inglaterra, em uma das escolas públicas da cidade de Rugby, o estudante William Webb Ellis teve uma atitude que mudaria para sempre o curso da história das modalidades esportivas anglo-saxônicas. O jovem pegou a bola em suas mãos proveniente de um chute longo, uma significativa quebra nas regras do *football* praticado na época, correu em direção ao campo do adversário no mesmo instante em que o relógio da escola que marcava o final das atividades esportivas badalou. Enquanto corria,

William foi fintando seus colegas que estavam atordoados com o feito, até que ele finalmente cruzou a linha do gol antes mesmo que o sino desse a última badalada (STEWART, 1998).

A heterodoxia por parte de William acabou por transformar a prática da antiga modalidade, que se utilizava mais dos pés, inclusive tendo sua ideia de correr com a bola sendo disseminada e aprovada pelos praticantes, mais tarde receberia o nome de *rúgbi* – considerado o ancestral do FA (STEWART, 1998).

Para que o *rúgbi* fosse considerado esse ancestral, esta modalidade esportiva teve que encontrar seu caminho para a América. O que não foi difícil de ocorrer, já que muitos jovens americanos realizavam seus estudos na Inglaterra e acabavam por ter contato com o *rúgbi*. Quando retornavam, reproduziam-no em suas escolas americanas. Logo, todos os jovens que estudavam nas escolas aristocráticas inglesas acabavam por praticar a modalidade (STEWART, 1998).

Porém, da mesma forma que as modalidades esportivas advindas da Inglaterra chegavam à América, os americanos tratavam de colocar seus próprios traços culturais na prática, o que é definido como a “americanização do *rúgbi*” (SMITH, 1988). O termo é utilizado quando o autor fala do processo de alteração da cultura, no caso a modalidade *rúgbi*, por parte dos norte-americanos que inculcou na prática o seu arbitrário cultural, seus valores e intenções.

De acordo com Morales Júnior e Marques (2016b), o efeito de apropriação proposto por Bourdieu (1983) auxilia na fundamentação da ancestralidade do *rúgbi* com relação ao FA. Uma vez que o grupo de jovens que regressavam da Inglaterra praticavam o *rúgbi* de acordo com suas condições objetivas e subjetivas, ou seja, de acordo com o *habitus*, consequentemente aliado à possibilidade de distinção social que tal prática pudesse proporcionar. A entrada desses novatos no campo é apontada Morales Júnior e Marques (2016b) como outra contribuição para a transformação do *rúgbi* em FA ocorrida em solo norte americano.

Além disso, outro problema encontrado pelos praticantes que os levaram a ressignificar o *rúgbi*, alterando-se principalmente as regras, foi o pequeno conhecimento desses jovens sobre as regras do *rúgbi*. Em uma análise bourdieusiana, a falta de capital cultural incorporado, ou seja, o domínio das regras por parte dos praticantes acabava por inviabilizar a prática (MORALES JUNIOR; MARQUES, 2016b). Tal fato é relatado no trabalho de Riesman e Denney (1951, p. 313), a partir da fala de um dos homens que marcaram seu nome na conformação do FA ainda na fase de sua conformação, Walter Camp:

Os americanos encontraram no código (Regras do *Rúgbi Inglês*) várias incertezas e pontos problemáticos, os quais causaram muitos transtornos no

seu jogo, e principalmente, por não terem tradições, ou jogadores mais velhos e experientes, a quem pudessem contar para dar uma explicação necessária.

Além da falta de tradição e domínio sobre as regras do rúgbi, a característica da sociedade norte americana dessa época era da busca constante da racionalização dos processos, sejam eles sociais ou industriais. Ou seja, o rúgbi para esse grupo era uma prática pouco objetiva, as interpretações das regras eram feitas conforme a serventia delas para determinar o resultado de uma jogada (RIESMAN; DENNEY, 1951, GUTTMANN, 2008).

Até o período descrito anteriormente, o jogo era praticado e regulamentado pelas instituições universitárias. Com o passar do tempo, os jogadores foram se formando nos respectivos cursos. Restando aos recém-graduados um único lugar para se praticar futebol americano, os clubes atléticos, que possuíam ginásios para prática durante o inverno, campo de beisebol e pista para a prática de algumas modalidades de atletismo. Entretanto, eram poucos os clubes nos quais havia a prática de futebol americano, a maioria adotava outras modalidades consideradas mais seguras (STEWART, 1998).

Nos clubes em que havia a prática do FA, eles a faziam de maneira similar ao que ocorrera até então dentro das universidades, exceto pelo fato dos jogadores já serem adultos, sem tanta velocidade e com uma forma física desvinculada da figura do atleta universitário. Diferente dos jogadores universitários, esses por sua vez acabavam causando um grande impacto durante os jogos nos clubes. Por esse motivo, sempre que um clube enfrentava um rival, eles chamavam um desses graduados para jogar. Mas esbarravam nas leis da União Atlética Amadora (UAA), formado por esses mesmos clubes e que não permitia que os jogadores recebessem para jogar (STEWART, 1998).

Antes mesmo da permissão de pagamento, já havia registros de jogadores que recebiam gratificações para jogar por esses clubes, por volta da década de 1890. Um dos clubes integrantes da AAU foi expulso por conceder bonificações para contar com bons jogadores em sua equipe. O *Allegheny Athletic Association* é considerado como o primeiro a registrar o pagamento a um jogador, William Heffelfinger recebeu a quantia de US\$ 500 para defender a equipe no confronto contra Pittsburgh Athletic Club (PRO FOOTBALL HALL OF FAME, 2015; STEWART, 1998).

Morales Júnior e Marques (2016b) apontam para uma releitura da disputa simbólica envolvendo o amadorismo e o profissionalismo. Remetendo às contribuições de Bourdieu para o campo esportivo, os autores pontuam que apesar das diferenças estruturais existentes e a atuação de outros agentes, é possível traçar uma relação de semelhança entre os ocorridos, os

autores propõem que a proximidade cultural entre Inglaterra e Estados Unidos aliado à inserção do FA e do rúgbi ao campo esportivo explique o ocorrido.

O ano de 1920 é importante na história do futebol americano, principalmente no que diz respeito à sua profissionalização. Com o acordo de 10 equipes, foi criada a *American Professional Football Association* (APFA), que apesar do grande número de assentos vazios nas partidas, foi considerado um sucesso pelos jogadores, devido ao fato de estarem vivendo do jogo que tanto amavam. Em termos financeiros, as equipes tiveram prejuízos com a realização do torneio e o nível técnico das partidas também foi apontado como inferior ao do universitário (STEWART, 1998).

Já no ano seguinte, a APFA expandiu para 21 equipes, incluindo o *Green Bay Packers*, time ativo até hoje. Devido à mudança na presidência da entidade, foi alterado o nome para *National Football League* (NFL). A NFL reconhecia o capital simbólico que os jogadores universitários possuíam através das manchetes dos jornais da época e pensavam numa maneira de atrair a atenção desses jogadores para jogarem pelas equipes da Liga (STEWART, 1998).

Quando tudo parecia se encaminhar para um rumo brilhante e promissor, o futebol americano também sofreu com a grande depressão econômica de 1929, fazendo com que os públicos dos jogos fossem diminuindo significativamente. Para tentar atrair público, foram feitas mais algumas mudanças nas regras. Uma marcante foi a alteração da bola, em que sua forma deixou de favorecer os chutes e, passou a favorecer os passes e as corridas. (STEWART, 1998).

A criação das divisões Leste e Oeste (em 1933) foi feita com o intuito de estabelecer a existência de um jogo final, colocando os campeões de cada divisão frente a frente para ver qual time era o melhor. O que manteria o interesse dos fãs ao longo da temporada e também um lugar nos principais jornais da época. A NFL ainda era muito atrasada em relação ao futebol americano universitário, tanto em fãs como em cobertura midiática; tinha lucros não tão significativos, porém constantes (STEWART, 1998).

Outro acontecimento que abalou a NFL foi a Segunda Grande Guerra Mundial, já que mais de 600 pessoas ligadas ao futebol americano foram convocadas pelo exército para defender os EUA, sendo que 20 dessas acabaram não retornando. Foi um período duro e difícil para a NFL. A guerra quase destruiu o futebol americano profissional, mas que aprendeu muito com as dificuldades e soube se reerguer ainda mais confiante. Saindo de uma quase extinção para uma era de franco desenvolvimento e crescimento (STEWART, 1998).

Na passagem sobre a Segunda Grande Guerra Mundial, é possível perceber a relativa autonomia do campo esportivo – microcosmo – frente ao macrocosmo. Onde o embate entre os

países do Eixo contra os Aliados, um deles os Estados Unidos, fez com a NFL fosse afetada. Pois os jogadores que atuavam na Liga e eram reservistas do exército norte americano foram convocadas para defender os interesses de seu país (STEWART, 1998).

A grande expansão que a NFL teve no período pós-guerra fez sua popularidade ser imensa no final da década de 1950. Esse crescimento fez com que dois milionários do petróleo, Lamar Hunt e Bud Adams, resolvessem investir uma grande quantia de dinheiro em uma nova franquia da NFL (STEWART, 1998). A NFL detinha o poder de escolher quem reunia condições de possuir uma franquia e a concessão de equipes à dois empresários, Lamar Hunt e Bud Adams, não foi aceita, uma vez que a NFL era harmoniosa e financeiramente saudável com 12 equipes. Por conta disso, o comissário da época, Pete Rozelle, negou algumas vezes o pedido de expansão e abertura de novas franquias. A postura da NFL, de acordo com Morales Júnior e Marques (2016b), representava um exercício de violência simbólica da NFL sobre as equipes e empresários, não permitindo a entrada de novatos no campo.

Entretanto, a negação aos pedidos não foi suficiente para acabar com os planos de Hunt e Adams de possuírem a própria franquia, em uma atitude heterodoxa, de não aceitação. No ano de 1959, em uma reunião com um grupo de investidores, foram definidos os objetivos e planos de ação da nova Liga a *American Football League* (AFL), com oito novas equipes profissionais (STEWART, 1998; EILER, 2011).

Os outros donos de franquias da AFL, por serem todos muito ricos, tinham condições de manter a liga no seu estágio de desenvolvimento, mesmo que por alguns anos as cadeiras dos estádios estivessem praticamente vazias. Mas não apenas o próprio dinheiro manteve a Liga. Um contrato televisivo garantiu dinheiro para cobrir as despesas básicas das equipes no início da nova liga (STEWART, 1998).

Essa criação deu ao subcampo do futebol americano um cenário de disputa por público, pelos atletas vindos das universidades, pelas cotas de transmissões televisivas, enfim, por tudo aquilo que cercava a modalidade. Uma das formas que a AFL apostava para ter tanto sucesso quanto a NFL era no estilo jogo que as equipes proporcionavam aos torcedores (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016b).

Crepeau (2014) pontua que a característica principal dos jogos da AFL era a sua grande variação de jogadas e a criatividade que os ataques tinham na utilização do passe para frente. Aliado a isso, as equipes eram arrojadas ao utilizar todas tentativas de descidas na busca do ganho territorial através de jogadas aéreas, diferentemente das equipes da NFL, que eram mais conservadoras e baseavam suas jogadas em grande parte no jogo terrestre.

A AFL apostava e alto, no princípio, em *quarterbacks* que não eram aproveitados pelas equipes da NFL e em muitos casos desempenhavam de forma satisfatória nas equipes da AFL. O grande objetivo era formar ídolos que pudessem despertar nos torcedores, como um sentimento de representatividade, ou seja, que houvesse uma aproximação da torcida e que a equipe representasse não apenas a cidade, mas características específicas daquela população (STEWART, 1998; CREPEAU, 2014).

Outro fator que chamava atenção para a AFL em diferenciação da NFL era no estilo de condução do ataque, dando ênfase maior ao jogo aéreo de passe, em detrimento do truncado jogo de corridas terrestres. A AFL conseguiu ser reconhecida por essa característica recebendo inclusive o apelido de “*Always Fun League*”, (“liga sempre divertida”, em tradução livre) em um trocadilho com as letras iniciais da liga, AFL (CREPEAU, 2014).

Isso deu início a uma árdua competição entre as ligas que durou cerca de uma década e provocou um aumento salarial que não havia sido visto no futebol americano profissional até então. Entretanto, não eram apenas bons atletas que AFL buscava, mas possuidores de capitais simbólicos que somassem à liga alguns valores morais e físicos importantes para a época. Jogadores talentosos, carismáticos, educados e que transmitissem confiança tinham a combinação certa para ingressar em uma das equipes de futebol americano (STEWART, 1998).

Tal cenário se manteve até o início da temporada de 1966, quando foi comunicado pelos comissários da NFL e da AFL que haviam sido iniciadas conversas para o um acordo de unificação. As equipes da AFL poderiam oficializar a afiliação em 1970, pagando um valor aproximado de US\$ 2 milhões pelo privilégio de ingressar à NFL. Esse valor seria facilmente recuperado com os acordos de transmissões televisivas e com o fim da guerra salarial, uma vez que também fora acertado um limite para os gastos com jogadores, o que se mantém até hoje com o *salary cap*, um acordo decidido entre as franquias de quanto é permitido gastar com salários de jogadores (STEWART, 1998).

A unificação resultou na manutenção da NFL e extinção da AFL, reforçando o poder que a entidade detinha sobre a modalidade e sua capacidade de exercer violência simbólica a ponto de determinar como o processo de unificação seria feito (STEWART, 1998).

A principal criação dessa união foi o *Super Bowl*, uma espécie de presente especial para os fãs. Consistiria em uma partida final e oficial valendo o título, que seria disputada entre o campeão da NFL e o campeão da AFL. Porém, o nome só foi realmente adotado na quarta edição do evento, antes disso, o jogo era chamado de *AFL-NFL World Championship Game* (STEWART, 1998; CREPEAU, 2014).

Neste processo, o futebol americano profissional foi se desenvolvendo, se tornando cada vez mais moderno e atendendo às necessidades da NFL, das equipes e principalmente do público consumidor, nas décadas que viriam a passar. Dentro e fora de campo, a modalidade esportiva ganhou contornos de espetáculo, devido ao sempre presente apoio da mídia, seja ela televisão, jornais e internet. Esse desenvolvimento se deve muito à NFL ser a mais estruturada liga esportiva nos EUA (STEWART, 1998).

Para Morales Júnior e Marques (2016b), a unificação entre a NFL e a AFL fez com que a disputa por legitimidade entre as entidades cessasse, abrindo espaços para a erupção de novas disputas por poder, como entre equipes e jogadores. Além disso, a unificação fez com que o FA profissional fosse fortalecido entre o público.

Atualmente, a NFL é composta por 32 franquias, divididas em duas conferências: a Nacional e a Americana, uma forma de lembrar os anos em que existiram dois campeonatos nacionais. Cada conferência é composta por 4 divisões: norte, sul, leste e oeste (NFL, 2018).

O *Super Bowl* é realizado sempre no primeiro domingo de fevereiro, a edição de 2017 foi a de número 51, ou LI, pois a NFL utiliza algarismo romano para enumerar seu evento. Com exceção do *Super Bowl* 50, em que foram utilizados números arábicos. O vencedor da temporada 2016/2017 foi o *New England Patriots*, pela 5ª vez recebendo o troféu Vince Lombardi (ESPN, 2017).

O evento, ocorrido dia 5 de fevereiro de 2017, alcançou um lugar entre as cinco maiores audiências de *Super Bowl* na televisão norte-americana, estima-se que 111 milhões de televisores estiveram sintonizados na Fox, emissora que transmitiu o evento (PEREZ, 2017). Alguns consideram inclusive que é o maior evento esportivo de um dia dos Estados Unidos.

3.4. Futebol americano no Brasil

Com relação à prática de futebol americano, sabe-se que a modalidade apresenta três formas de prática, como o *flag*, *tackle* e o *fullpad*, caracterizados por elementos diferenciados entre si, como a utilização ou não de contato físico, além do uso ou não de equipamentos de proteção. No Brasil, de acordo com Frontelmo e Ribeiro (2006), surgiu uma nova variação do futebol americano, o *beach football*, devido às dificuldades de se importar equipamentos (de proteções a bolas) e de ter campos com medidas e marcações oficiais. De acordo com os autores, em 1986 ocorreu o primeiro movimento para se praticar futebol americano no país, porém as barreiras, conhecimento e equipamentos, impediram que a modalidade fosse praticada em sua

complexidade e totalidade (FRONTELMO; RIBEIRO, 2006). Porém, isso não impediu que os envolvidos desistissem da ideia e conseguissem reunir 20 pessoas para jogar o *beach football*.

Nessa passagem histórica, já é possível identificar como o efeito de apropriação proposto por Bourdieu (1990) contribuiu para o surgimento de uma prática ressignificada de FA no Brasil, semelhante ao relatado com a transformação do rúgbi em FA. As condições objetivas com relação às dificuldades de importação de equipamentos, falta de espaços específicos para prática e o pouco domínio nas técnicas envolvidas na modalidade, fizeram com que o grupo praticante adaptasse a prática para algo que fizesse parte de seu *habitus*. Como por exemplo, utilização dos espaços esportivos no litoral voltados para a prática do *beach soccer* e a não utilização do contato físico vigoroso característico do FA profissional dos EUA.

Essa nova vertente do futebol americano se popularizou no Brasil, e em 2010 passou a ser organizada pela recém-instituída Federação de Futebol Americano do Rio de Janeiro (FeFARJ), entidade filiada à CBFA. Sendo responsável pela organização do Carioca Bowl, o campeonato estadual carioca de *beach football* (FEFARJ, 2017).

O estado de São Paulo também foi importante para a expansão do futebol americano, porém o *flag*⁹ foi o ponto de partida. Essa variante da modalidade continua presente, com campeonatos e equipes formadas e atuantes pelo estado (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016a). A FEFASP também realiza o gerenciamento do *flag*, contudo mesmo sem a chancela da entidade, ocorrem diversos jogos amistosos ou oficiais, entre diferentes equipes em todo o território do estado de SP.

Outro estado importante para a expansão do futebol americano é o Mato Grosso, que de acordo com Rodrigues *et. al* (2014), também teve um processo que contribuiu para o início da expansão da prática da modalidade, possuindo característica semelhante ao acontecido no Rio de Janeiro, ou seja, iniciou-se como uma brincadeira entre amigos.

A contribuição de Rodrigues *et. al* (2014) é de estabelecer etapas de desenvolvimento da equipe do Cuiabá Arsenal, sendo elas: amadora, transição e profissional. A amadora sendo caracterizada pelo período em que os amigos se reuniam para brincar de futebol americano, em que se utilizavam coletes e capacetes de *tae-kwon-do*. Na etapa seguinte, a de transição, alguns jogos amistosos foram realizados contra equipes de outros estados e se desenvolve uma preocupação com o rendimento esportivo da equipe, em que começam a ser sistematizados os

⁹ Uma variação do futebol americano, porém sem contato físico entre os jogadores. Pode ser jogado com times de 5 a 11 pessoas. O termo *flag* é oriundo das fitas presas na cintura dos jogadores e ao serem retiradas, a jogada para como se tivesse ocorrido um *tackle*, que é o ato de interromper o avanço do jogador através da força. (USFFA, 2013).

treinos objetivando a melhora da condição física da equipe. Na última etapa, de profissionalização, a equipe adquire os equipamentos de proteção, estabelece o registro como associação, inicia-se a vinda de jogadores americanos e iniciam a disputa de campeonatos (RODRIGUES *et. al*, 2014).

A CBFA é responsável por gerenciar a seleção nacional da modalidade, realizando seletivas, treinamentos regionais, acompanhamento periódico de jogadores, entre outras funções. O ano de 2015 foi um marco para o Brasil “Onças”, como é chamada a seleção, pois foi a primeira participação na Copa do Mundo de Futebol Americano, organizado pela *International Federation of American Football* (IFAF) e realizado em Canton, estado de Ohio, Estados Unidos, considerado um dos berços do futebol americano. A Seleção acabou a competição em último lugar, com uma vitória e duas derrotas (ALCANTARA; AKITA, 2016).

Quando se trata da organização da modalidade, Morales Júnior e Marques (2016a) investigaram o processo de ruptura existente no estado de São Paulo e notaram que essa disputa também existia no cenário nacional da modalidade, ou seja, a divisão paulista era um reflexo do cenário nacional da modalidade, e durante um determinado período, 2010 e 2015, ocorreram concomitantemente dois campeonatos brasileiros que se denominavam “Campeonato Brasileiro de Futebol Americano”.

O primeiro campeonato de futebol americano *fullpad* no Brasil não foi de responsabilidade da CBFA, e sim de uma empresa privada. Chamava-se Torneio Touchdown (TTD) e foi realizado entre os anos de 2009 e 2015 (TOUCHDOWN, 2016). A principal característica do TTD era o repasse de verba por parte da organizadora do evento para as equipes, em uma tentativa de diminuir as despesas dos participantes (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016a).

A CBFA passou a organizar seu campeonato nacional no ano seguinte, contudo houve constantes alterações nos nomes e nos formatos de disputa, de acordo com as dificuldades encontradas em contemplar a totalidade do território nacional em um campeonato de uma modalidade amadora em sua quase totalidade. De acordo com Stamm (2017), jogadores de FA no Brasil “chegam a gastar até R\$ 1 mil do próprio bolso” e muitos dividem a vida de jogador com a vida pessoal, sem qualquer dedicação exclusiva.

O FA no Brasil é cenário de uma disputa por poder e legitimidade frente ao modo de organização da modalidade. A dualidade entre campeonatos nacionais é uma evidência da atuação de agentes que buscavam agregar capital simbólico. A CBFA busca tal reconhecimento, através do reconhecimento obtido pela Confederação nacional junto às entidades reguladoras internacionais, como a Federação Internacional de Futebol Americano (IFAF) e a Federação

Pan-americana de Futebol Americano (PAFAF) respectivamente (MORALES JÚNIOR, MARQUES, 2016a).

Por outro lado, o TTD buscava o reconhecimento através de sua capacidade de agregar valor ao campeonato com os acordos de patrocínio que a empresa firmava com grandes marcas, como a bebida energética TNT e a cervejaria Budweiser. Esses patrocínios permitiam ao TTD repassar valores próximos de R\$ 20 mil para que as equipes pudessem diminuir os custos de viagem principalmente. De acordo com Sabino e Mainardi (2017), as equipes tinham a responsabilidade em conseguir o campo onde os jogos aconteciam e a preparação do local; o TTD pagava a equipe de arbitragem.

A disputa no cenário nacional se manteve até 2016, quando o TTD anunciou, no dia 16 de março de 2016, que não realizaria a edição por conta de divergências entre a organização e as equipes para definir as diretrizes do campeonato. Pela forma como os acontecimentos foram anunciados, é possível perceber que a CBFA já estava em contato com as equipes que disputariam o TTD, pois no dia seguinte, 17 de março, a CBFA divulgou uma “Nota Oficial de Unificação”, assinada pelo presidente em exercício na época, Guto Sousa, em que os dizeres “deixamos as diferenças de lado” e “comemorar a vitória do bom senso” denotam as marcas da disputa que existiu entre CBFA e TTD (CBFA, 2016).

Porém, o campeonato organizado pela CBFA sofre com as constantes alterações de nome, que se dera da seguinte forma. De acordo com o Futebol Americano Brasil (2017), os dois primeiros campeonatos foram a Liga Brasileira de Futebol Americano utilizado em 2010 e 2011. Nos dois anos seguintes, 2012 e 2013, foi o Campeonato Brasileiro de Futebol Americano. Entre 2014 e 2016 mais um novo nome, a Superliga Nacional (1ª divisão) e a Liga Nacional (2ª divisão). Para 2017 a história se repete, agora sob o nome de Brasil Futebol Americano (BFA).

O Quadro 1 auxilia a visualizar melhor essa duplicidade e as constantes alterações nos nomes dos campeonatos organizados pela CBFA:

Quadro 1 – Campeões nacionais entre 2009 e 2016

Ano	Competição
2009	Torneio Touchdown
2010	Torneio Touchdown

	Liga Brasileira
2011	Torneio Touchdown
	Liga Brasileira
2012	Torneio Touchdown
	Campeonato Brasileiro
2013	Torneio Touchdown
	Campeonato Brasileiro
2014	Torneio Touchdown
	Superliga Nacional
2015	Torneio Touchdown
	Superliga Nacional
2016	Superliga Nacional
2017	Brasil Futebol Americano (BFA)

A organização da BFA está centrada nas próprias equipes participantes, totalizando 95 partidas e mais de mil atletas escritos. As equipes se dividiram em quatro conferências: Centro-Oeste, Nordeste, Sul e Sudeste, os quatro campeões de divisão disputaram as semifinais nacionais e as duas equipes vencedoras desses confrontos fizeram a final do campeonato, denominada *Brasil Bowl* (GERAQUE, 2017).

Contudo, o FA no Brasil também se faz presente de outra forma, através do consumo da modalidade praticada em solo brasileiro e o da NFL. Essa diferenciação se faz importante para a construção do espaço social da modalidade, que tem uma trajetória relativamente curta no território brasileiro.

Considerando o consumo de futebol americano no Brasil, é importante pontuar que há uma predominância do consumo da prática profissional ofertada pela NFL, principalmente através dos canais esportivos da ESPN, com mais de cinco jogos televisionados por rodada. Outros canais como o Esporte Interativo e o BandSports contribuíram e já transmitiram partidas em temporadas passadas.

De acordo com Macedo (2016), o crescimento no interesse do público brasileiro com a modalidade não passa despercebido pela NFL. A Liga já começa a analisar uma forma de incluir o país no roteiro de atividades realizadas no exterior, caso semelhante ao que acontece com a

National Basketball Association (NBA). Atualmente a NFL realiza partidas na Inglaterra e no México (NFL, 2017a, NFL, 2017b).

A ideia já mostra possuir apoio do dono de uma das franquias mais vitoriosas da Liga, o *New England Patriots*. Robert Kraft disse que adoraria ver sua equipe jogando no Brasil (MACEDO, 2016). Dirigentes da Liga chegaram a visitar o estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, gerando a especulação de que o país recebesse o *Pro Bowl*, espécie de jogo das estrelas, onde os torcedores votam nos seus atletas favoritos e que ocorre uma semana antes do *Super Bowl*. Porém, é uma partida que recentemente não tem despertado o interesse dos americanos. Além de a partida ser um atrativo diferente em um novo país, o Brasil ainda tem um fator a mais, Cairo Santos, jogador do *Kansas City Chiefs*, o primeiro jogador brasileiro a integrar o elenco de uma franquia da NFL (MACEDO, 2016).

No mesmo sentido, Geraque (2017), de uma forma gradual, afirma que se tem voltado as atenções para o consumo da modalidade praticada em solo brasileiro. O consumo de FA no Brasil tem recebido notoriedade por conseguir utilizar as imponentes arenas construídas para a Copa do Mundo de 2014. O autor também evidencia que recentemente estádios que estavam fechados e sem perspectivas de uso, foram liberados para realização de jogos do campeonato nacional de 2017, o Brasil Futebol Americano (BFA) (GERAQUE, 2017).

Os ‘elefantes brancos’, como também são conhecidos os estádios da Copa do Mundo que não são constantemente utilizados, como exemplo a Arena das Dunas em Natal (RN) e Arena Pernambuco, em São Lourenço da Mata (PE), receberão jogos de *Bulls Potiguar* e Recife *Mariners*, respectivamente (GERAQUE, 2017). Outro exemplo é a equipe do Cuiabá Arsenal, que recebeu o Corinthians Steamrollers na estreia da Super Liga Nacional de 2016, contando com o apoio de mais de 12 mil torcedores na Arena Pantanal, palco de jogos da Copa do Mundo de 2014 (GLOBOESPORTE, 2017).

Entretanto, esse não foi o maior público do Cuiabá Arsenal, que em 2015, ao jogar diante da equipe do Coritiba Crocodiles, recebeu mais de 15 mil torcedores. Esses números são expressivos, inclusive sendo maiores que a média de público do campeonato mato-grossense de futebol (GLOBOESPORTE.COM, 2017).

De acordo com Bueno (2016), ao estudar o caso da equipe do Cuiabá Arsenal, a média de público presente em jogos de FA é maior em relação ao futebol. Alavancado principalmente pela vinculação da imagem do Cuiabá Arsenal na mídia local, jornais impressos e televisionados, possibilitando a construção de uma identificação e representação da região com a equipe. Marchi Jr. (2004) também evidenciou a forte contribuição da televisão no desenvolvimento do voleibol, pois segundo o autor, o campo esportivo e campo jornalístico

possuem estruturas semelhantes no que tange as relações com mercado, comércio e lucro. Tal relação também foi explicitada por Bourdieu (1997) em relação aos Jogos Olímpicos, evento esportivo utilizado como forma de propaganda político-ideológica e produto de mercado, através da divulgação midiática.

Tal repercussão na mídia fez com que o Governo do Estado do MT iniciasse o desenvolvimento de uma série de ações visando utilizar a Arena Pantanal como um local de vivência entre os moradores de Cuiabá. Integrando assim diferentes modalidades, como o futebol e o FA, além de alterar a imagem da Arena, construída para a Copa do Mundo de 2014, considerada um dos espaços que se tornariam abandonados após a realização do evento (BUENO, 2016).

3.5. Futebol americano no estado de São Paulo

Como já visto anteriormente, o estado de SP também contribuiu para a expansão do FA no Brasil, porém o *flag* acabou por ser incorporado ao *habitus* dos praticantes de FA no início dos anos 2000. As dificuldades em importar equipamentos e o pouco conhecimento acerca da modalidade fez com que os praticantes encontrassem no *flag* a possibilidade de praticar o FA (MORALES JÚNIOR, MARQUES, 2016a).

Consequentemente, surgiu a necessidade de se estabelecer uma instituição que fosse capaz de gerenciar a prática do *flag*, dessa forma foi criada a LPFA, entidade que atuou na regulamentação da modalidade entre 2002 e 2014. Esse órgão possuía o reconhecimento por parte da CBFA, órgão nacional, podendo exercer violência simbólica dentro do subcampo do FA paulista. Porém, em 2012, as divergências entre algumas equipes e a direção da LPFA levaram a um processo de ruptura, resultando na criação da FEFASP, que atua até hoje (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016).

A disputa foi travada exclusivamente nos bastidores, afastando as equipes de qualquer confronto dentro de campo. Contudo, mesmo assim a dualidade de entidades reguladoras contribuiu para estabelecer algumas rivalidades dentro do subcampo do FA no estado de SP. O motivo apontado para a ruptura, de acordo com os dirigentes da FEFASP no ano de sua criação, foi uma centralização de poder, que resultava em benefícios para aquelas equipes que possuíam capitais sociais junto à direção (MORALES JUNIOR; MARQUES, 2016a).

Não havia, por parte da LPFA, a preocupação para a melhora das condições estruturais das equipes, ou seja, a entidade simplesmente determinava o regulamento do campeonato e as equipes interessadas deveriam pagar a inscrição e jogar. Não havendo qualquer movimentação

por parte da LPFA no sentido de conseguir, através do diálogo com o poder público ou a iniciativa privada, obtenção de espaços para realização de jogos. Outro ponto que contribuiu para a ruptura foi a imposição da LPFA em não permitir que as equipes filiadas a ela disputassem o TTD, a participação deveria ser apenas no campeonato brasileiro organizado pela CBFA (MORALES JÚNIOR, MARQUES, 2016a).

Morales Júnior e Marques (2016a) caracterizaram a disputa entre LPFA e FEFASP como uma releitura da disputa entre o “velho” e o “novo”, proposta por Bourdieu (1983). A LPFA, sendo o “velho” do campo, detentor do reconhecimento por parte da CBFA, um capital simbólico da entidade, que conferia poder de determinar a entrada das equipes em seu campeonato. Enquanto que a FEFASP, na figura das equipes, foi o “novo”, questionador da lógica dominante no subcampo, assumiu a heterodoxia e o não reconhecimento da LPFA, trazendo para si capitais simbólicos pautados nos motivos que causaram a divergência. Ou seja, a FEFASP tinha a preocupação em transmitir conhecimento para as equipes de modo a elevar suas condições de jogo e treino, facilitar acordos de uso dos espaços públicos ou privados e a decisão em conjunto das normativas de funcionamento e dos regulamentos das competições.

A dualidade se manteve até 2015, quando a FEFASP anunciou, através de sua página oficial em uma rede social, a entrada das equipes que até então faziam parte do quadro associativo da LPFA. No mesmo ano, aconteceu o primeiro campeonato estadual unificado, a IV Super Copa São Paulo de Futebol Americano, consagrando como campeã uma equipe vinda do processo de vinculação, que anteriormente participava das competições da LPFA, o São Paulo Storm.

Entretanto, a hegemonia da FEFASP não perdurou por muito tempo. Em março de 2016, foi anunciada a criação de um novo campeonato paulista, com o nome de São Paulo Football League (SPFL). Assumindo uma postura distintiva frente ao que já havia sido feito no estado, contudo na mesma carta, as equipes fundadoras desse novo campeonato, não falavam em ruptura com a FEFASP, apenas uma tentativa de fazer algo novo (SPFL, 2016).

O Quadro 2 auxilia a visualizar e compreender melhor os campeões paulistas de acordo com a entidade e o campeonato. Enquanto que os Quadros 3 e 4, mostram as equipes que disputaram o campeonato de cada entidade, LPFA e FEFASP no ano de 2014, anterior ao do anúncio de vinculação. No Quadro 5, são expostas as equipes que disputaram o torneio da SPFL em 2016.

Quadro 2 – Campeões estaduais paulistas entre 2010 e 2017

Ano	Campeão	Competição
2010	São Paulo Storm	Campeonato Paulista (LPFA)
2011	Corinthians Steamrollers	Campeonato Paulista (LPFA)
2012	São Paulo Storm	Campeonato Paulista (LPFA)
	Corinthians Steamrollers	Super Copa SP (FEFASP)
2013	São Paulo Storm	Campeonato Paulista (LPFA)
	Corinthians Steamrollers	Super Copa SP (FEFASP)
2014	São Paulo Storm	Campeonato Paulista (LPFA)
	Corinthians Steamrollers	Super Copa SP (FEFASP)
2015	São Paulo Storm	Super Copa SP (FEFASP)
2016	Sorocaba Vipers	Super Copa SP (FEFASP)
	Lusa Lions	Troféu Landmark (SPFL)
2017	Rio Preto Weillers	Super Copa SP (FEFASP)
	Lusa Lions	Troféu Landmark (SPFL)

Quadro 3 – Equipes participantes do Campeonato Paulista (LPFA) 2014

Araçatuba Touros
Brasil Devilz
Prudente Coronéis
Rio Preto Weillers
São Paulo Storm
Spartans Football
Sorocaba Vipers
Votuporanga Mohawks

Quadro 4 – Equipes Participantes da Super Copa São Paulo (FEFASP) 2014

ABC Corsários
Avaré Mustangs
Botafogo/SP Challengers
Cabritos FA

Corinthians Steamrollers
Cougars FA
Leme Lizards
Limeira Tomahawk
Nemesis Football
Ocelots FA
Paulínia Mavericks
Pouso Alegre Gladiadores
São Paulo Saints
Vinhedo Lumberjacks
Vikings FA

Quadro 5 – Equipes Participantes do Troféu Landmark (SPFL) 2016

Botafogo/SP Challengers
Corinthians Steamrollers
Lusa Lions
Palmeiras Locomotives
Ponte Preta Gorillas
Santos Tsunami
São Caetano Blue Birds
São Paulo Storm

4. MÉTODOS

A abordagem qualitativa de pesquisa é um processo que busca compreender o significado de experiências em um ambiente específico para os seus interlocutores, de modo que os componentes se relacionam para formar o todo (THOMAS; NELSON, 2002). Esse tipo de pesquisa, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de conceitos e categorias durante a investigação. Caracteriza-se pelo empirismo e pela sistematização progressiva de conhecimento, até a compreensão da lógica interna do processo estudado (MINAYO, 2006).

O presente trabalho enquadra-se nessa abordagem de pesquisa à medida que se propõe a desvendar e compreender um contexto particular. Configura-se em um procedimento exploratório-descritivo que busca absorver as informações provindas dos discursos e documentos, discutindo e analisando seus conteúdos evidentes e latentes (MARTINS, 2004).

Por isso, para atender às demandas da pesquisa qualitativa exploratório-descritiva, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dirigentes de equipes de FA do estado de SP, possibilitando dessa forma, o alcance dos objetivos traçados, uma vez que a grande maioria das decisões do FA são feitas por esses agentes.

A Análise Temática (AT) é um método qualitativo de análise de dados amplamente utilizada no meio acadêmico, seja para fins de ensino ou pesquisa, mesmo para pesquisadores e alunos pouco familiarizados com abordagens qualitativas de pesquisa (BRAUN; CLARKE, 2006). Como apontado por Aronson (1995), a AT permite que sejam capturados os inúmeros e complexos sentidos existentes dentro de um conjunto de dados.

O método requer do pesquisador um grau elevado de envolvimento com os dados e capacidade de interpretação dos mesmos para que sejam consideradas não apenas as palavras e ideias contidas explicitamente nos dados, mas também suas nuances. Dessa forma, os dados não simplesmente emergem dos discursos, mas são identificados pelo pesquisador (GUEST; MACQUEEN; NAMEY, 2012).

Braun e Clarke (2006) apontam que o método possui flexibilidade e independência acerca das decisões relacionadas aos embasamentos teóricos que o pesquisador realiza durante a execução do trabalho, permitindo seu uso com diferentes abordagens epistemológicas.

Essa característica da ferramenta de análise permitiu sua escolha como análise dos dados que foram produzidos através de entrevistas semiestruturadas com gestores de equipes de FA do estado de São Paulo, sobre o processo de vinculação de entidades reguladoras do futebol

americano e sua discussão com as já apresentadas categorias de análise encontradas na Teoria dos Campos de Pierre Bourdieu, e dados sobre o subcampo do futebol americano.

4.1. Participantes

É preciso considerar, nesse tipo de pesquisa, a posição social, o histórico, a formação e acesso à informação que se faz relevante ao estudo. Na impossibilidade de uma investigação qualitativa com a população integral de um espaço social, seja por torná-la onerosa, ou porque este universo compreende muitos sujeitos, é indicado que o pesquisador selecione os indivíduos a serem analisados de acordo com critérios específicos (MINAYO, 2006).

Dentro de uma população de 27 dirigentes das equipes que fizeram parte do anúncio de vinculação à FEFASP das equipes anteriormente vinculadas à LPFA, foram participantes da investigação, 6 dirigentes de equipes de futebol americano, entre presidentes e vice-presidentes, atuantes em equipes do estado de São Paulo, que tenham participado dos últimos campeonatos paulistas, da LPFA e FEFASP antes da vinculação, além de participação nas reuniões da FEFASP em que foi acordado o processo de vinculação.

Dessa forma, como critério para escolha, tem-se presidentes e/ou vice-presidentes de equipes de futebol americano que atendam às seguintes características: 1) equipes que mantenham relações formais de registro na FEFASP; 2) tenham participado de forma direta das conversas e reuniões que iniciaram o processo, além das assembleias extraordinárias da FEFASP, onde foi discutida a entrada das equipes da LPFA na FEFASP, que consequentemente resultou no anúncio da vinculação.

A lista dos nomes dos dirigentes foi obtida junto ao Presidente da FEFASP e os participantes escolhidos de acordo com a disponibilidade e aceitação na participação. Foi tomado o cuidado de entrevistar dirigentes oriundos de dois grupos: a) antigos participantes da LPFA; b) participantes da FEFASP antes da vinculação; em mesmo número, perfazendo três entrevistados em cada situação.

Os dirigentes, ao concordarem em participar do presente trabalho, foram solicitados à assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra no Apêndice A, documento ao qual estava presente no projeto que foi submetido e aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo, CAAE 12765913.0.0000.5407 (ANEXO 1). De forma a garantir o anonimato dos dirigentes, quando existir referência a eles, os mesmos serão chamados de D1, D2, D3, D4, D5 e D6.

O Quadro 6 contempla brevemente algumas informações relevantes sobre os entrevistados. Destacam-se entre as informações, a formação superior de todos os dirigentes e acúmulo de funções, seja como jogador ou treinador.

Quadro 6: Características dos Dirigentes entrevistados

	Dirigente 1 D1	Dirigente 2 D2	Dirigente 3 D3	Dirigente 4 D4	Dirigente 5 D5	Dirigente 6 D6
Gênero	M	M	M	M	M	M
Idade	30 anos	31 anos	29 anos	34 anos	30 anos	40 anos
Formação Superior	Administração	Administração	Direito	Jornalismo e Educação Física	Administração	Direito e Administração
Tempo de atuação em atividades ligadas ao FA	9 anos	9 anos	7 anos	10 anos	7 anos	6 anos
Cargo no período de vinculação FEFASP - LPFA	Presidente	Presidente	Presidente	Vice-presidente	Vice-presidente	Presidente
Acúmulo de Funções	Sim (jogador)	Sim (jogador)	Sim (jogador)	Sim (jogador)	Sim (jogador)	Sim (treinador)
Filiação da equipe anterior ao processo de vinculação	FEFASP	Ex-LPFA	FEFASP	Ex-LPFA	Ex-LPFA	FEFASP
Localização geográfica da equipe	Interior	Interior	Interior	Região Metropolitana da cidade de São Paulo	Interior	Região Metropolitana da cidade de São Paulo

4.2. Construção de dados

Com o intuito de investigar os discursos e captar a percepção e ideias principais dos participantes sobre a temática do estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (roteiro de questões no APÊNDICE B, realizadas pessoalmente pelo pesquisador aos entrevistados, de forma oral, com uso de aparelho gravador e posterior transcrição das respostas.

4.3. Análise de Dados

A análise dos dados provenientes das entrevistas transcritas foi realizada utilizando a AT. Ao adotar tal método, necessitou-se realizar algumas decisões que direcionaram as abordagens na análise do conjunto de dados. Dentre as opções metodológicas sugeridas por Braun e Clarke (2006), de modo a tornar o estudo coerente com a fundamentação teórica escolhida, foram escolhidas para o presente estudo: a) uma rica descrição do conjunto de dados – para que se consiga dar importância aos temas que auxiliem a responder a pergunta central do trabalho; b) análise temática teórica – onde os temas construídos são alicerçados pelos conhecimentos e fundamentação teórica do pesquisador e também fundamentados em um referencial teórico previamente delimitado; c) temas latentes – para identificar e examinar ideias, nuances e ideologias, não apenas em sua esfera semântica; d) análise temática construtivista – considerando que os sentidos e experiências investigadas são socialmente produzidas e reproduzidas.

Para a organização dos dados através da AT proposta por Braun e Clarke (2006), foram realizadas as seguintes etapas, que não ocorrem necessariamente de forma linear, mas que podem apresentar um fluxo livre entre elas:

a) A primeira de “familiarização com os dados” consistiu no conhecimento dos dados obtidos, possibilitando uma análise inicial. Essa primeira etapa foi feita no momento de produção e de transcrição das entrevistas, seguido de leituras e releituras dos dados transcritos.

b) A partir da segunda etapa, na “elaboração de códigos iniciais”, foram identificadas características dos dados que sejam relevantes para responder às perguntas norteadoras do trabalho, os mesmos trechos puderam ser utilizados para construir mais de um tema. Essa etapa inicial de codificação é dependente do tipo de análise que será conduzida, ou seja, se é direcionada aos dados ou ao referencial teórico adotado, como é o caso dessa dissertação.

c) Na terceira etapa, denominada de “busca por temas”, foi realizada uma listagem dos códigos gerados na etapa anterior para elaborar os temas e considerar como diferentes códigos combinam para fortalecer possíveis temas. Nessa etapa é recomendada a utilização de recursos visuais como diagramas e tabelas para auxiliar o pesquisador. Surgiram nessa etapa os esquemas de possíveis temas com os códigos que os sustentam.

d) Na quarta etapa foi realizada a “revisão dos temas”. Buscou-se refinar os temas encontrados anteriormente. Permitindo novos agrupamentos de códigos, fusão de temas semelhantes ou desmembramento de temas que estejam muito amplos. O tipo de análise interfere na condução dessa fase, ou seja, se a análise é direcionada aos dados ou ao referencial

teórico, sendo a segunda escolhida para o projeto. Essa etapa se deu em dois momentos, o primeiro de revisar os códigos gerados a partir dos dados e a segunda que teve como foco a revisão dos temas propriamente ditos. Surgindo ao fim desse processo um mapa temático que será útil na última etapa.

e) Na etapa de “definição e rotulação dos temas” os dados já foram tratados de forma a obter um mapa temático que consiga atender à questão central do trabalho. Sendo possível identificar a essência do que cada tema trata e determinar quais aspectos dos dados os temas captam. É importante que durante o processo o pesquisador evite parafrasear os trechos, procurando identificar o que realmente interessa.

f) Após todo o tratamento das transcrições e construção de temas, é chegada a hora da “escrita do texto final”. Cabe ao pesquisador contar a história que conduza o leitor à compreensão dos fenômenos observados. Ela precisa ser concisa, coerente, lógica, não repetitiva, tanto internamente aos temas quanto entre os diferentes temas. Para a escrita se pode fazer uso de trechos literais que ajudem a captar a essência do tema que está sendo mostrado.

A discussão e conclusão do trabalho ocorreu com base em um diálogo entre os aspectos ligados ao objeto de pesquisa, que foram provenientes da análise das entrevistas e de referencial teórico ligado à sociologia do esporte e a categorias analíticas de Pierre Bourdieu para compreensão e descrição do espaço estudado.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Bourdieu e Wacquant (1992), um primeiro passo metodológico seria a delimitação do campo a ser estudado, para o presente trabalho, além da construção do campo esportivo, se fez necessário a delimitação de um subcampo relacionado à modalidade investigada, o futebol americano. A partir dessa construção, uma próxima etapa é a de análise da posição que o referido subcampo ocupa frente ao campo do poder, sendo esse um dos pilares do método de Bourdieu, o caráter relacional dentro dos espaços sociais. Ou seja, a estrutura das relações objetivas entre os agentes e instituições determinam seus limites de ação.

A partir disso, é possível que seja desenhado o mapa da estrutura objetiva das relações ocupadas pelos agentes ou instituições que competem pela forma legítima de autoridade específica no campo, pois sem esse mapeamento estrutural se torna frágil qualquer análise dessas relações de disputa, sendo analisado ao final o *habitus* dos agentes, isto é, os diferentes sistemas de disposições adquiridos em relação ao campo (BOURDIEU; WACQUANT, 1992). Sendo assim, é possível dizer que a compreensão com relação aos discursos e ao *habitus* dos agentes só se alcançada através desse olhar dialético da posição ocupada pelo campo e pelo próprio agente.

Neste sentido, as informações apresentadas nos capítulos iniciais desse trabalho buscaram atender ao processo de construção do futebol americano no estado de São Paulo enquanto um subcampo do campo esportivo brasileiro. No momento posterior, as entrevistas atenderam à demanda das análises sobre os objetivos traçados, assim como a relação dos entrevistados com os demais agentes e as estruturas sociais que os permeiam.

As análises das entrevistas realizadas levaram à construção de temas que auxiliam na compreensão e na construção da resposta às perguntas centrais do trabalho: Como se compõe o subcampo social do futebol americano no estado de São Paulo pós-vinculação? Como se deu o processo de filiação das equipes da LPFA junto à FEFASP? Como se dão as ações dos sujeitos em relação à busca por poder e legitimidade social na organização do futebol americano no estado? Quais são os objetivos das equipes e entidades organizadoras da modalidade?

Foram definidos três grandes temas sustentados pelos seus subtemas, sendo eles: Início – razões para a aproximação; Processo – frentes de trabalho, conversas e prováveis exigências e; Desdobramentos – Super Copa São Paulo Unificada, relação com CBFA, surgimento da SPFL: uma nova ruptura? A Figura 1 auxilia na compreensão da estrutura dos resultados. A seção foi organizada de modo a destacar e discutir as falas que subsidiam o tema, havendo uma breve conclusão acerca do mesmo.

Figura 1: Estrutura temática (Fonte: Próprio Autor)

5.1. Início: Razões para a aproximação

Quando questionados sobre os motivos pelos quais se passou a pensar em uma vinculação das até então entidades reguladoras, LPFA e FEFASP, os sujeitos oscilaram em demonstrar semelhanças, ficando evidentes mais as diferenças como razões para o início do processo. Essa percepção da “realidade social” já demonstra o *habitus* dos dirigentes frente ao tema, ou seja, de acordo com sua posição ocupada dentro do subcampo – sendo um “novo” ou “velho”, as regras de conduta permitidas no espaço e a bagagem histórica incorporada pelo agente, a percepção e a atuação frente aos motivos pelos quais as equipes da LPFA decidiram se vincular à FEFASP foram variados.

Iniciando com a fala de D1, D2 e D4, respectivamente, que se aproximam ao considerar que o motivo desta vinculação foi a busca pelo crescimento e desenvolvimento do FA paulista. Para eles, há uma clareza para o uso dos termos desenvolvimento e crescimento. A ideia está ligada a um processo de dar condições para que o FA seja visível e mais conhecido no campo esportivo brasileiro.

Para os dirigentes, a transfiguração promovida pela FEFASP foi pautada principalmente pela capacidade de demonstrar que a entidade conseguia promover o FA paulista de uma forma mais competente e profícua do que a LPFA, visando também uma busca por ascensão no

cenário do FA nacional, que possui outros estados também estruturados, como Mato Grosso, Rio de Janeiro e Pernambuco.

A ideia de fazer mais do que um campeonato, foi uma das argumentações utilizadas pelos dirigentes no momento da ruptura e criação da FEFASP, em 2012. De acordo com dirigentes paulistas de FA que contribuíram para a criação da FEFASP, entrevistados por Morales Júnior e Marques (2016a), a LPFA se preocupava única e exclusivamente com a organização do campeonato, ou seja, estabelecia as regras da competição, a tabela de jogos e cobrava das equipes o valor da inscrição. Ficava a cargo das equipes participantes toda a organização logística, com relação ao local e estrutura das partidas. A violência simbólica (BOURDIEU, 1996) praticada pela LPFA acabava por não permitir que as equipes oferecessem uma estrutura mínima, como arquibancadas, vestiários para as equipes e que transmita um *habitus* esportivo, mesmo que de maneira amadora, para a realização das partidas do campeonato paulista.

Outro ponto que surge a partir da fala dos dirigentes é com relação ao que se considera como um processo de desenvolvimento da modalidade. É possível perceber o *habitus* dos entrevistados frente a esse tema, D1 está vinculado à FEFASP desde sua criação, dessa forma a incorporação de um ideal de desenvolvimento no sentido de proporcionar melhorias para as equipes. Por sua vez, D2 (ex-LPFA) já pensa no crescimento da modalidade no país, em que o processo de vinculação permitiria ao estado de SP estar à frente desse crescimento.

D1: Foi decidido que se a FEFASP tem esse pensamento que, de fato, é de desenvolver o futebol americano, não só como campeonato, mas que as equipes poderiam se unificar.

D2: Crescimento do esporte no país. Não adianta você ficar dividido, se você estiver dividido, você está suscetível ao fracasso.

Por fim, D4 e seu vínculo relacionado às questões de caráter técnico da prática, uma vez que a ruptura acabou por fazer com o que o FA paulista ficasse defasado em relação a outros estados do Brasil:

D4: Então basicamente foi por isso, porque sempre pensar que para o estado crescer e para ter um nível bom e organizado, ele precisa estar unido.

Para avançar na discussão deste tema, faz-se necessário retomar dois conceitos já existentes na literatura, a massificação e a democratização do esporte. Gebara (2002, p. 14) traz a luz uma questão: “é legítimo entender por democratização do esporte apenas a possibilidade

de levar suas imagens a milhões e milhões de pessoas?”. A partir dessa indagação, o autor pontua problemas com relação à ambiguidade existente com o termo democratização, e como o processo de massificação de determinada modalidade esportiva não acarreta necessariamente em sua democratização.

Uma modalidade esportiva se torna democrática a partir do momento em que se torna uma possibilidade de prática para grupos minoritários, influenciado fortemente por sua relação com a educação. Enquanto que a massificação por sua vez, é o processo que ocorre quando uma modalidade esportiva se torna um produto a ser comercializado, atraindo assim o maior número de consumidores possíveis, possuindo uma forte ligação com a espetacularização (GEBARA, 2002).

Tal contextualização de conceitos se faz importante, pois há certa banalização ou má- interpretação em sua utilização, fato este que Marchi Jr. (2004) já demonstrava preocupação com o caráter semântico destas palavras, pois uma ressignificação do sentido e da prática do voleibol fez com que o uso da palavra ‘massificação’ estivesse ligado às duas possibilidades citadas anteriormente, mas são diferentes a partir do momento que são inseridas em determinados contextos.

Dessa forma, para D1 e D2, dirigentes com *habitus* relacionado a questões políticas, organizacionais e de marketing, o crescimento e desenvolvimento que os dirigentes apontam têm relação tanto com a massificação, aumentar o número de consumidores de FA paulista ou até mesmo criar um mercado consumidor da modalidade, vide a situação financeira das equipes, quanto a uma direção rumo à democratização. É importante destacar que o FA ainda enfrenta problemas com relação ao número de participantes, fato esse que acaba por fazer com que os jogadores assumam mais de uma posição dentro e fora de campo, como é o caso dos dirigentes entrevistados neste estudo.

A fala de D5 aponta ainda que o crescimento da modalidade se dará a partir de um melhor nível técnico e estrutural dos jogos a serem disputados, não sendo interessante para o público um jogo que tem pouca qualidade. Isso pode ser transformado em uma capital simbólico do FA perante aos espectadores, o nível de jogo elevado, principalmente devido ao caráter espetacular que o FA possui nos EUA, com momentos que demonstram a excelência dos atletas e sua grandiosidade.

Aliado ao fator técnico, outra preocupação com relação ao crescimento do FA paulista é descrita na fala de D5, que diz respeito à estrutura para a prática.

D5: Às vezes o torcedor chega, o jogo no meio de uma praça, que não tem arquibancada, não tem vestiário, os jogadores se trocam no meio do campo. Como que a torcida vai pensar que isso vai crescer? Vai olhar aquilo vai pensar que é ridículo, é coisa de moleque, que é um racha.

O excerto de D5 demonstra a preocupação que deve existir para que o FA seja atrativo, para que a prática tenha capitais simbólicos relacionados ao campo esportivo. Condições mínimas para a utilização das equipes e árbitros, além da realização ocorrer em lugares que sejam adequadas à apreciação e a prática esportiva, como um campo com arquibancadas. Caso contrário, a modalidade não despertará interesse por parte do espectador, sendo improvável que o FA se torne, além de difundido, uma modalidade esportiva viável do ponto de vista econômico e que alcance o crescimento que os dirigentes entrevistados acreditam que ele possa alcançar.

Para D3, o processo de vinculação se iniciou por um motivo bem específico, o fracasso da LPFA enquanto entidade reguladora. Porém, em sua fala há um reforço para a ideia de que o enfraquecimento se deu por conta de um desnivelamento favorável para as equipes que compunham o quadro associativo da LPFA. A escolha pela permanência na LPFA, de acordo com D3, se dava principalmente pela diferença técnica que existia entre equipes da LPFA, fracas, e que eram fáceis de serem vencidas em campo, com as da FEFASP, fortes, que apresentariam maiores dificuldades.

D3: Primeiro, na minha opinião, o que motivou a unificação foi que a LPFA não deu certo. Começou a ter aquela noção exata que os times da FEFASP eram mais fortes e os da LPFA eram os que sobravam, Sorocaba Vipers, Rio Preto Weilers. Dava para se ter uma noção de quem estava na LPFA era porque era mais fácil e do que por ser uma liga melhor.

A transfiguração promovida no subcampo do FA paulista pela FEFASP fez com que as equipes que fossem filiadas a ela elevassem suas condições estruturais, restando à LPFA apenas oito equipes que disputaram a última edição do Campeonato Paulista por ela organizado. É uma fala com clara desvalorização para com as equipes que ainda eram filiadas à LPFA antes da vinculação.

Em uma análise bourdiesiana, é possível perceber uma nítida deslegitimação de D3 para com a LPFA enquanto entidade e suas equipes como merecedores de respeito por disputarem um campeonato, na opinião dele, fraco. No campo esportivo, é possível notar a presença de uma *doxa*, ou seja, o exercício de dominação que não é questionado pelos dominados, que é o mérito esportivo relacionado às vitórias e conquistas de resultados, que possui uma forte ligação

com a distribuição de capital simbólico dentro do subcampo do FA paulista. Possibilitando às equipes campeãs possuir certa distinção e inclusive influência em forma de poder social e simbólico frente aos processos de entrada e disputa por poder.

Nesse primeiro questionamento aos dirigentes é possível ver resquícios da disputa travada entre 2012 e 2015, principalmente nos discursos inflamados dos envolvidos no reconhecimento ou não das atividades das entidades reguladoras (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016a).

Os motivos para D4 se baseiam exclusivamente nas necessidades de evolução na sua equipe, uma vez que a LPFA não era composta de equipes do mesmo nível técnico e estrutural. Reforçando a ideia trazida anteriormente por D3, que não foi participante da LPFA em momento algum de sua trajetória no FA paulista.

D4: Isso ocorreu principalmente pelo fato da nossa equipe começar a ficar para trás dos demais estados em questão de organização, em questão de nível técnico de jogo.

A FEFASP, em sua fundação, conseguiu unir equipes que demonstraram o descontentamento em comum com a gestão feita pela diretoria da LPFA. Os dirigentes da FEFASP sempre destacaram o trabalho realizado pela entidade no auxílio junto às equipes para a constante busca na evolução de suas práticas. Não foram encontradas atitudes semelhantes por parte de outras entidades atuando nos demais estados do Brasil (MORALES JÚNIOR, MARQUES, 2016a). Porém, D4 demonstra a preocupação com uma possível defasagem frente às demais equipes do Brasil, visto que sua equipe disputa regularmente as competições nacionais organizadas pela CBFA.

Marques e Gutierrez (2009) consideram o mérito esportivo como sendo uma forma de capital simbólico do campo esportivo, sendo esse, possível de ser considerado como o resultado e principalmente, a vitória como fator de reconhecimento e legitimidade. Na fala de D4, é possível ver a preocupação em manter sua equipe competitiva e bem organizada, para que nos momentos de enfrentar as demais equipes do Brasil, possa praticar o FA da melhor forma possível, aumentando assim, as chances de vitórias.

D5 pontua que a vinculação se tornou inevitável, pois o movimento migratório de equipes da LPFA para a FEFASP foi considerável durante os três anos em que as entidades atuaram concomitantemente. A situação para as equipes do interior paulista era agravada, pois se aumentou a distância para com a diretoria, que era estabelecida na capital paulista. Dessa forma, as equipes que restaram na LPFA tinham pouco contato com a direção da entidade,

consequentemente acabaram por definir entre si que iriam fazer a solicitação para a entrada na FEFASP.

D5: Já existia muito papo de unificação, mas não uma unificação por vontade própria, é que já chegou no ponto que não tinha outra possibilidade. Cada vez mais times da Liga indo para Federação, até o ponto que começou a ficar difícil organizar um campeonato com a chancela da LPFA. E para quem estava no interior estava pior ainda, que a única saída era ir para a FEFASP.

Nesta fala, é possível perceber como agentes que ocupam espaços geograficamente próximos, como o interior de SP, acabaram por se organizar para fazer a troca de entidade reguladora. As proximidades geográficas, no caso do estado de São Paulo, conformam um *habitus* desses dirigentes que buscavam na FEFASP melhores condições ou uma aproximação maior com a diretoria da entidade reguladora.

D6, por sua vez, credita a motivação para a vinculação a um caráter financeiro, uma vez que a divisão entre as equipes em duas entidades reguladoras acabava por gerar confusão entre o público e possíveis patrocinadores:

D6: A necessidade foi devido às dificuldades financeiras que os times estavam passando. A ideia de que o campeonato só seria mais interessante para a gente trabalhar devido à confusão que se faz principalmente em torcedores, marketing e tal no país por ter mais de um campeonato.

Bueno (2016), ao investigar as características socioculturais da equipe do Cuiabá Arsenal, também se deparou com problemas financeiros do FA no estado do Mato Grosso. Sendo possível estabelecer a existência de uma estrutura financeira que necessita de constante preocupação dentro do subcampo do FA brasileiro, para que a modalidade possa continuar sendo praticada.

A busca pela profissionalização não é exclusividade do FA, seja em São Paulo ou no Mato Grosso, contudo, o que se percebe em grande parte é constituição de *habitus* profissional, mesmo que os agentes em sua grande maioria não vivam exclusivamente de suas atividades relacionadas ao FA, ou seja, sejam amadores. Modalidades como voleibol e basquetebol também enfrentaram as mesmas dificuldades nesse processo (MARCHI JR., 2004; BENELI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006).

De acordo com Marchi Jr. (2004), os resultados obtidos pela seleção brasileira masculina de voleibol dentro de quadra, acúmulo de capital simbólico do campo esportivo,

favoreceram as mudanças e foram combustíveis para o então presidente da Confederação Brasileira de Voleibol, Carlos Arthur Nuzman, enfrentar o Conselho Nacional dos Esportes (CNE) para liberar a entrada de empresas privadas no subcampo do voleibol brasileiro nas décadas de 1980 e 1990. Percebe-se nessa passagem, a relativa autonomia do subcampo do voleibol brasileiro, uma vez que o CNE é diretamente ligado ao Ministério do Esporte e possuía capital simbólico legitimado para que ele pudesse determinar a entrada ou não de empresas privadas no campo esportivo. Transfigura-se um processo de violência simbólica liga principalmente à entrada de novos agentes no campo.

Sendo assim, quase 70 anos depois da inserção da modalidade no Brasil, foi determinada o fim da proibição de empresas de firmarem acordos com entidades esportivas, permitindo assim exibirem suas marcas em uniformes, como é visto hoje em dia. Foi devido a esse início de incentivo de capital econômico por parte da iniciativa privada que os atletas se beneficiaram dessa nova estrutura esportiva, onde a falta de material para os treinamentos realizados no período da noite, após suas jornadas de trabalho, deu espaço à dedicação aos treinamentos, com remuneração compatível contando também com adicionais, como planos de saúde (MARCHI JR., 2004).

O basquetebol, por sua vez, também enfrentou dificuldades em manter as equipes competitivas da modalidade, os clubes sem ajuda de patrocinadores não conseguiam arcar com os custos para manter uma comissão técnica e os jogadores. Dessa forma, dois anos após a liberação para que empresas explorassem o potencial retorno do marketing esportivo no voleibol, o basquetebol, em 1983, obteve a liberação para a divulgação de patrocinadores, porém, a efetiva entrada das empresas aconteceu ao final daquela década (BENELI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006).

No recorte histórico da execução deste trabalho, o Brasil vivia uma profunda crise econômica em 2015, agravada pela crescente instabilidade existente no cenário político nacional. Refletindo em um crescimento de 38% de desempregados, chegando a mais de 10 milhões de brasileiros (SILVEIRA, 2017). Esse dado é importante, pois é sabido sobre o caráter amador da modalidade, onde grande parte dos recursos que financiam o FA são oriundos dos próprios jogadores, através principalmente do pagamento de mensalidades (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2015). Considerando a Lei Pelé de 1998, o esporte profissional é “caracterizado pela remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva” (BRASIL, 1998). Não sendo essa a realidade vivenciada pelo FA, tanto no Brasil, quanto no estado de SP.

Porém, a Lei Pelé é ineficiente para determinar a manifestação esportiva do FA paulista, principalmente por se tratar de um esporte amador com um sentido e significado voltados ao esporte de alto rendimento. Nessa perspectiva, faz-se necessário recorrer às contribuições de Howe (2004), onde o autor estabelece uma leitura do esporte amador no atual contexto social do século XXI.

Para o autor, a relação histórica entre amadorismo e profissionalismo tem fortes raízes no princípio de igualdade, pois cada movimento atua de acordo com seu *habitus*, almejando alcançar seus objetivos. Sendo assim, amadores praticam por razões sentimentais, enquanto que profissionais têm na prática algum tipo de remuneração.

Aliado aos objetivos, Howe (2004) pontua que o ideal Vitoriano de equidade é influenciado por essas ambições distintas e avança, ao passo que equipes ou indivíduos que disputam uma partida tendo se dedicado em proporções similares, acabam por produzir competições “justas” que acabam sendo mais atrativas, entretendo os espectadores. Sendo esse o principal determinante para estabelecer as divisões do campo esportivo britânico, permitindo equipes com recursos, sejam eles técnicos, estruturais, pessoais e financeiros, a disputarem entre si. Logo, uma equipe amadora que de alguma forma tem um atleta profissional, acaba gerando um desequilíbrio competitivo.

Howe (2004) não desconsidera que durante o processo de determinada modalidade esportiva de uma prática amadora para profissional houve momentos de desequilíbrio, e exemplifica o caso do Rúgbi em 1995 no País de Gales, onde existiam equipes que tinham condições financeiras de contratar jogadores e outras equipes não. Essa desigualdade fez com que se criasse um grupo com seis equipes com chance de disputarem o título.

A partir dessa construção histórica, Howe (2004) propõe um *continuum* do envolvimento esportivo, como pode ser visto na Figura 2:

Figura 2. Continuum do envolvimento esportivo (Traduzido de Howe, 2004)

A figura auxilia em visualizar como pode ser vivenciado o esporte, principalmente entre os participantes descompromissados e devotados, sendo esses os quais o autor se dedica em investigar, por tratá-los como uma releitura do movimento amador característico da gênese do campo esportivo, sendo chamado de amadorismo moderno. Howe possui uma significativa aproximação com as ferramentas analíticas propostas por Bourdieu, principalmente o *habitus*.

A partir de sua trajetória e os capitais adquiridos durante sua existência, uma pessoa pode transitar ou não dentro dessas formas de participar do esporte. Isso se torna importante para a compreensão do FA paulista, uma vez que por se tratar de uma modalidade amadora frente ao regimento da Lei Pelé, o *habitus* dos agentes atuantes dentro do subcampo, sejam eles dirigentes ou jogadores, aproxima com o de agente envolvidos com o esporte profissional.

Para Howe (2004), os amadores modernos, em especial os devotados, buscam a melhora de rendimento frente aos seus pares, inclusive sacrificam certas ocasiões da vida social para alcançar esse objetivo, deixam de ir a festas, alimentam-se corretamente, dedicam períodos de descanso e treino para ter condições de desempenhar o melhor possível durante as competições. E claro, toda essa dedicação só se torna possível graças ao sentido que os amadores veem na prática de sua modalidade esportiva.

Outro ponto que Howe (2004) elenca em seu trabalho é o de que os amadores devotados, por possuírem *habitus* semelhante ao dos profissionais, acabam por enfrentar um verdadeiro dilema em suas trajetórias, a de viver a partir de sua prática amadora, especialmente se buscam a melhora de suas capacidades. Guardadas as proporções das realidades investigadas por Howe e este trabalho, ainda é pouco provável que os jogadores de FA paulista consigam realizar essa transição. Muito por conta das condições objetivas da modalidade no estado de SP, que não permitem às equipes firmarem acordos com os jogadores para que eles se dediquem exclusivamente aos treinos e jogos de FA.

A grande transformação ocorrida no Rúgbi do País de Gales, do amadorismo para espetáculo teve em grande parte contribuição do Conselho Esportivo no Reino Unido entre o final da década de 1960 e começo de 1970, que basicamente se utilizou de fundos governamentais para financiar atividades esportivas (HOWE, 2004).

Esse cenário de transformação de prática amadora para profissional se assemelha com o vivenciado pelo basquetebol e voleibol brasileiro, investigado por Beneli, Rodrigues e Montagner (2006) e Marchi Jr (2004) respectivamente e serão abordados a seguir.

O basquetebol e o voleibol em seu período inicial de desenvolvimento no Brasil se deram basicamente dentro dos clubes, servindo apenas como um passatempo para seus

associados, desvinculado de qualquer preocupação com resultados, era literalmente a prática com fim em si mesma - característica da sociedade inglesa, berço do esporte. Além dos praticantes, os responsáveis por cuidarem das modalidades, os dirigentes, também eram em sua maioria amadores e não possuíam recursos financeiros para desenvolver o basquete de forma organizada (BENELI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006). Esse traço histórico-cultural no desenvolvimento das modalidades acaba por auxiliar na caracterização do campo esportivo brasileiro, onde a estrutura clubista parece oferecer as melhores condições para que determinadas modalidades possam ser praticadas, ainda que envolva um número diminuto de pessoas.

O primeiro passo rumo a uma profissionalização do basquete foi sua sistematização, ou seja, o número de agentes atuantes no subcampo do basquetebol detentores de capitais como social e econômico, possibilitando dedicação maior por parte desses agentes nas atividades relacionadas ao desenvolvimento do basquetebol (BENELI; RODRIGUES; MONTAGNER, 2006).

De forma semelhante, o FA do estado do Mato Grosso também passou por um processo de sistematização de suas atividades, Bueno (2016), ao investigar a trajetória do Cuiabá Arsenal, elencou três momentos marcantes nesse processo: a primeira etapa é amadora, marcada pela realização da primeira composição da equipe, a segunda foi caracterizada pela realização da partida do Cuiabá Arsenal com a utilização de todo o equipamento de proteção característico das partidas de FA da NFL, onde o autor já considera como algo profissional. E o terceiro momento, a tentativa de espetacularizar o FA do Mato Grosso.

Contudo, a partir da construção teórica adotada para o presente trabalho, é possível inclusive questionar o fato de considerar o FA, seja no Mato Grosso ou em São Paulo, como profissional apenas por adotarem um *habitus* que se assemelha ao esporte de alto rendimento, ou seja, preocupação por rendimento e vitórias, traços característicos do capital simbólico do campo esportivo.

Dessa forma os apontamentos da Lei Pelé, que regulamenta a prática esportiva em solo brasileiro, e de Howe (2004), possibilitam classificar o FA paulista como uma prática amadora em sua essência, onde os envolvidos, em sua grande maioria, não possuem qualquer vínculo formal de contrato ou carteira assinada com as equipes atuantes, podendo ser classificados, de acordo com o modelo de Howe (2004), como amadores devotados.

Seguindo no tema, tem-se a fala de D6, que avança nas razões para a vinculação das equipes à FEFASP, pontuando se tratar de uma movimentação da própria Federação, que percebendo o enfraquecimento da antiga rival, a LPFA, começou um processo de tentar integrar

as equipes que faziam parte da Liga em seu quadro associativo. Notável como D6 não pontua uma ‘unificação’ no início das conversas, pois na sua concepção, esse processo traria consigo um eventual resqúcio da LPFA, reconhece inclusive que mesmo a integração não seria fácil, pois já havia se incorporado ao subcampo do FA paulista, algumas disputas entre equipes que eram trazidas da época de dualismo na gestão da modalidade.

D6: Começou o movimento interno, nosso, de dentro da FEFASP, para atrair os times de fora. Tanto que não se falava em fusão, mas sim em integração. Num primeiro momento tinham times que eram reticentes, devido a rivalidades que foram surgindo.

Essa movimentação demonstra como a heterodoxia da FEFASP foi até os momentos finais da disputa. Uma vez que a entidade sempre questionou o *habitus* da LPFA, seja na elaboração dos campeonatos, no descaso para com as equipes do interior, e consequente favorecimento para as equipes da capital. Tanto que o grande trunfo da FEFASP foi a tentativa de trazer o São Paulo Storm em um primeiro momento, como afirmam D4 e D6:

D4: O que aconteceu foi o seguinte, na verdade não foi a ida das equipes da LPFA para a FEFASP, foi a entrada do São Paulo Storm para FEFASP. A princípio foi essa conversa, é essa negociação, sendo isso o que aconteceu.

D6: Na verdade foi assim, a gente veio atraindo os outros times e a vinda do Storm, na época o presidente muito meu amigo, vim conversando muito com ele, foi a peça final para a vinda dos outros times, uma vez que na LPFA, o Storm tinha uma importância grande.

Nessa passagem é notável a influência que a equipe do SP Storm tinha na LPFA, a equipe fundada em 2006 é considerada uma das pioneiras do FA em SP. Por sempre manter relações próximas à LPFA, acabava também por ter grande poder frente ao cenário nacional, sendo cofundador da extinta Liga Brasileira de Futebol Americano (STORM, 2017).

É uma equipe possuidora de certo capital social e simbólico (BOURDIEU, 1983, 1998) dentro do subcampo do FA paulista, que faz com que as demais equipes do estado, principalmente as que também eram filiadas à LPFA, a reconheçam como uma equipe respeitável. Claro que além desse livre acesso e reconhecimento, o capital simbólico esportivo também se faz importante, por ser uma das equipes mais vencedoras do estado, possuindo cinco títulos estaduais, conquistados de forma invicta do Campeonato Paulista da LPFA (2010, 2012, 2013 e 2014) e a Super Copa (2015) da FEFASP (STORM, 2017).

Como é possível perceber, há uma discrepância quanto aos motivos que levaram ao início do processo, mesmo em momentos de convergência, como é o caso de D1, D2 e D4. Ao apontarem o crescimento e o desenvolvimento da modalidade, os três entrevistados acabam por considerar aspectos distintos, emergindo em seus discursos a construção de *habitus* diferentes e que acabam por auxiliar na compreensão de suas trajetórias dentro do subcampo.

Sendo esse o único momento de congruência nos discursos, o restante das falas são visões específicas dos diferentes agentes que demonstraram possuir percepções distintas dos motivos que fizeram com que houvesse a aproximação entre a LPFA e a FEFASP. Logo, o fato de ser “ex-LPFA” ou “FEFASP” não favorece a existência de um *habitus* comum entre si, parece haver outros fatores influenciando.

As especificidades das visões são pautadas na noção de *habitus*, onde o agente vai ter uma postura frente às situações vivenciadas dentro do subcampo de acordo com alguns fatores, como posição ocupada dentro do campo e o grupo ao qual ele pertence, além de sua bagagem histórica pessoal. Esse último fator é amplo e pode contemplar uma série de vivências. Para tal análise, um traço específico dessa bagagem que pode auxiliar na compreensão dessas diferenças sobre a percepção dos fatos é a formação acadêmica que os dirigentes possuem.

Além do caráter distintivo em ser dirigente de FA, todos os entrevistados para o presente trabalho possuíam formação superior como já descrito anteriormente. D1 e D2, ambos com formação em Administração, demonstram uma visão relacionada ao aumento no número de pessoas envolvidas com FA, sejam atletas ou espectadores. Enquanto D4, por trazer consigo toda uma formação em Educação Física e Jornalismo, demonstra um outro olhar frente aos motivos do processo de vinculação, valorizando aspectos relacionados à qualidade e melhora do jogo em si, sendo essa a preocupação para que depois as pessoas possam se interessar pelos jogos. Enquanto que D6, com a formação em Direito, aponta que isso o possibilitaria a intermediar conflitos e oferecer um aparato legal frente às suas percepções.

Tal cenário explicita a perspectiva bourdieusiana de que o *habitus* é uma construção histórica, ligada às experiências e acumulação de capital dos sujeitos. Neste caso, a análise ligada ao *habitus* e consequente ocupação de espaço pelos agentes, pode se dar baseada na aquisição de capital cultural, tanto incorporado, quanto institucionalizado, por parte dos mesmos.

5.2 Processo: Etapas e participação dos agentes

O segundo grande tema emergente foi intitulado de Processo, que buscou um detalhamento com relação à forma como a vinculação se desenvolveu até culminar no anúncio oficial feito pela FEFASP, em 6 de janeiro de 2015 (FEFASP, 2015). Subsidiaram esse tema os seguintes subtemas: participação das equipes que já integravam a FEFASP, manutenção do nome FEFASP e possíveis imposições feitas para que a entrada das equipes fosse aceita.

Neste tema, o enfoque foi aprofundar questões como a participação das equipes já filiadas à FEFASP, condições para que as equipes da LPFA fossem aceitas e o teor das conversas realizadas.

5.2.1 Participação das equipes já filiadas à FEFASP

O primeiro subtema é com relação à participação das equipes já filiadas à FEFASP, visto que uma das grandes diferenças apontadas pelos dirigentes e elucidada por Morales Júnior e Marques (2016a) era o de caráter democrático e participativo nas reuniões em que eram decididas as necessidades da FEFASP, de forma a evitar que as decisões beneficiassem apenas aquelas equipes próximas à diretoria, fato esse que auxiliou na movimentação ocorrida em 2012 para a ruptura com a LPFA e consequente criação da FEFASP.

Logo, investigar como se deu a participação dessas equipes se tornou interessante, pois partindo do pressuposto da FEFASP de decidir as demandas através da votação, após o diálogo ser instaurado de modo a ouvir aos interessados e os interesses, o processo de vinculação só se tornou possível depois que as equipes filiadas à FEFASP decidiram entre si se aceitariam ou não a entrada das equipes que integravam a LPFA até então.

Importante pontuar que D1, D3 e D6 eram membros da FEFASP, enquanto que as equipes de D2, D4 e D5 integravam a LPFA, essa construção se faz necessária para esclarecer o *habitus* dos dirigentes frente a essa participação. Uma vez que era esperado que os dirigentes com relação de longa data com a FEFASP tenham vivenciado com os demais agentes as situações que aqueles advindos da LPFA não tenham percebido, pois a primeira interação com todos os integrantes da nova composição da FEFASP aconteceu após a aceitação pelas equipes integrantes.

D1: Foi conversado isso na reunião, o presidente relatou que pediram, “vamos ver se todos podem entrar” e aí foi colocado em votação para

todos os dirigentes da FEFASP naquele momento, se aceitariam ou não as equipes. E foi aceita.

D3: Bom para entrar na FEFASP todas as equipes precisam de aprovação das equipes que já fazem parte, o processo foi o mesmo para eles. Então os presidentes das equipes filiadas à federação votaram pela entrada ou não das equipes da LPFA. Eu votei a favor de entrada, a gente combinou que ia votar a favor da entrada dessas equipes da LPFA. Exatamente para que houvesse essa unificação e que fosse algo histórico para o estado.

D6: Foi um trabalho bem de formiga, de conversar e convencer os times, convencer os presidentes que conversavam com seus times. Para aí sim aceitar, esses times aceitarem a vinda dessas novas equipes, mesmo com rugas que existiam, mas que no nosso entender de direção, era muito importante trazer.

A disputa entre LPFA e FEFASP, ocorrida entre os anos de 2012 e 2015, foi caracterizada por Morales Júnior e Marques (2016a) como a disputa entre o “velho” e o “novo” proposta por Bourdieu (1983). Durante o período, o velho foi traçado pelo *habitus* ortodoxo dos dirigentes que integravam a LPFA, que reconheciam a entidade por sua tratativa exclusiva com a CBFA, que por sua vez a considerava como a entidade reguladora do FA paulista. Enquanto que a postura por parte de dirigentes da FEFASP sempre foi do “novo” heterodoxo, questionador e refutador dos capitais simbólicos que a LPFA possuía, pautados inclusive evocando a Lei Nº 9.615, que regulamenta a prática esportiva em território nacional, que garante a atuação de diferentes entidades afim de promover a prática esportiva de diferentes modalidades (BRASIL, 1998).

Dessa forma, a busca pela transfiguração dos capitais em disputa no subcampo esportivo do FA paulista por parte FEFASP se realizou, pois através de conversas e convencimento, as equipes que integravam a LPFA acabaram por migrarem para a FEFASP, submetidas, é claro, a todo o processo democrático que a entidade prezava, ou seja, através do voto de suas equipes já filiadas para a aceitação ou não da entrada.

Por outro lado, nas falas de D2, D4 e D5, fica claro que o primeiro contato com as equipes que já integravam a FEFASP só aconteceu depois que elas já haviam decidido pelo aceite da entrada.

D2: Foi bem amenizado, foi bem reduzido do que a gente esperava. Valeu a pena, foi bacana e tem surtido resultados.

D4: Foi a primeira coisa que ele teve que fazer e foi o que causou a grande dificuldade em fazer a coisa acontecer. Mas quando a gente chegou, sentou todo mundo numa mesa, e começou a conversar, começou a se conhecer, percebemos que o problema de tudo estava na falta de sentar, conversar e mostrar que a ideia de todo mundo era o crescimento do esporte no estado.

D5: Eu, particularmente, não sei com relação às outras equipes durante o processo. Era um caminho que já estava acontecendo [...] A reunião que eu participei de fato na FEFASP já foi para a definição do campeonato, até porque diretamente com a gente não houve uma reunião para tratar sobre unificação.

Uma análise possível frente a essa etapa do processo é a possibilidade de interpretação de um exercício de violência simbólica por parte da FEFASP. A partir do momento que em a FEFASP inverte os papéis, ou seja, passa a ser o velho do subcampo, detentor dos capitais simbólicos que lhe garantem a determinação de quem pode se filiar à entidade. A escolha de qual equipe vai fazer parte ou não de seu quadro associativo é uma forma de determinar quem pode ou não participar do jogo estabelecido dentro do subcampo do FA paulista, o que expõe o surgimento e imposição de uma nova doxa neste subcampo.

5.2.2 Fim da LPFA, hegemonia da FEFASP

Outro ponto do processo que merece destaque é a manutenção da FEFASP enquanto nome da entidade paulista de FA. Uma vez que ao considerar o tempo de atuação dentro do FA, a LPFA tinha considerável tempo a mais em comparação com a FEFASP. Contudo, a disputa que ocorrera até o anúncio da vinculação fez com que a FEFASP se fortalecesse de forma a manterem o nome de uma entidade ‘nova’ em detrimento de uma entidade ‘velha’ possuidora de determinados capitais sociais que eram consequentemente convertidos em capital simbólico.

Dessa forma, os dirigentes foram questionados se durante o processo de conversa, independente de qual fosse, informal ou em reunião, se houve a tentativa de se permanecer com o nome da LPFA. O resultado da vinculação, como já se sabe, foi a manutenção da FEFASP como entidade reguladora da modalidade no estado de SP e mais, não houve em qualquer momento a intenção de manter o nome da LPFA, como pontuaram todos os dirigentes entrevistados.

D2, ex-LPFA, tinha em mente a criação de uma nova entidade reguladora, novo nome, sem nada que pudesse ser associado ao período conturbado de disputa entre as duas entidades.

D3 e D6 lembraram-se do episódio, mas se torna evidente a partir de suas falas a postura da FEFASP, agora ortodoxa, de não aceitar a criação de um novo nome, permanecendo com o nome adotado pela entidade em 2012.

D2: Não. Como LPFA não. Nós tínhamos o interesse de fazer FEPAFA, quando eu estava encabeçando a LPFA.

D3: Alguém da LPFA queria fazer uma reunião para criar alguma coisa nova, um modelo de Conferência Anhanguera e conferência Metropolitana, alguma coisa nesse sentido, mas que acabou não vingando. Em nenhum momento a FEFASP se propôs a abrir mão do nome, isso me lembro. Se eles quisessem, entrariam para FEFASP ou então que continuassem assim com a LPFA.

D6: Diante desse fato, e da LPFA estar sem ‘cabeça’, alguns times da LPFA começaram a vir. Chegamos no final de 2014 no momento em que já estávamos trazendo alguns times. Nisso, o representante deles veio com a ideia de unir com um novo nome e a gente coloca que não, que o mais fácil era vir para a FEFASP.

Ao realizar a interpretação desse subtema a partir da ótica de Bourdieu, e consequentemente as disputas existentes nos diferentes campos da sociedade, além da disputa ocorrida e abordada anteriormente por Morales Júnior e Marques (2016a), é possível notar nesse trecho que a FEFASP conseguiu a alteração da *doxa* do subcampo, de forma a converter como capitais valoráveis aqueles dos quais ela era detentora, como o caráter democrático nas decisões, auxílio financeiro na estruturação de equipes recém formadas e a liberação das equipes de jogar o campeonato nacional que escolhessem (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016a).

O reconhecimento e legitimidade que a FEFASP passou a ter por parte dos agentes envolvidos no FA paulista fez com que o nome da entidade se mantivesse. Mesmo tendo sido conversado que o resultado da vinculação seria a criação de uma entidade com novo nome, a Federação Paulista de Futebol Americano (FEPAFA). Porém, em um exercício de violência simbólica por parte da FEFASP, acabou fazendo valer o discurso sobre a vantagem e facilidade de manter o nome da entidade que já possuía legitimidade no subcampo do FA paulista, uma vez que a procura partiu das equipes que ainda ingressavam o quadro associativo.

Outro ponto que chama atenção é a fala de D4 e D5, ex-LPFA, apontando para a inevitável extinção da entidade e o não funcionamento do campeonato.

D4: Na verdade, a LPFA já estaria extinta de qualquer forma, o que estava sendo discutido era o novo formato de Federação que a gente da LPFA estava discutindo em criar. Por que a LPFA já estava muito desorganizada, na verdade não existia nada concreto como Federação ou como Liga, nada disso.

D5: Foi como eu te falei, o campeonato da LPFA já não estava mais funcionando, em 2014 já tinha tido pouco time e a previsão para 2015 era pior ainda. Então, a gente participou das conversas, mesmo o pessoal da capital sendo mais fechados entre eles também, e acabou 2014 com o planejamento de que independente do que a LPFA fosse fazer, existiria essa migração para a FEFASP.

Isso reforça a ideia trazida por Morales Júnior e Marques (2016a) quando os dirigentes atuantes no auge da ruptura LPFA/FEFASP, apontavam que a preocupação da LPFA era única e exclusivamente com a organização do campeonato paulista, por ela chancelada e reconhecida pela CBFA. A partir do momento que a realização do campeonato se tornou inviável, seja por um número diminuto de equipes, problemas estruturais e de organização, aliado ao cenário econômico pouco favorável, o capital que a LPFA possuía, a organização do campeonato paulista a partir da concordância das equipes que pagavam inscrição foi perdido, abrindo assim, os caminhos para a consolidação da FEFASP enquanto entidade reguladora do FA em SP.

5.2.3 Condições impostas pela FEFASP para aceitar as novas equipes

Claro que essa nova estrutura organizacional do FA demandaria o reconhecimento da FEFASP como entidade reguladora, para isso os participantes foram questionados sobre a existência de uma possível imposição por parte da FEFASP para a aceitação das equipes vindas da LPFA, além do processo de aprovação por parte do quadro associativo da entidade. Nesse cenário, surge o terceiro e último subtema, à partir das respostas dos dirigentes sobre a existência de algum tipo de imposição para que a vinculação fosse concretizada.

Ao analisarmos as falas dos dirigentes, D2, D4 e D5, todos ex-integrantes da LPFA, é possível perceber que para eles não houve o exercício de violência simbólica por parte da FEFASP. Contudo, é possível construir a existência de uma *doxa* frente à aceitação das equipes ao modo de funcionamento das entidades reguladoras.

D2: Não, o que foi passado foi o modelo de trabalho, onde era coletivo, onde todos os gestores das equipes têm direito a voto. Nada era decidido individualmente e sim no coletivo, que era o que a gente sempre buscou. Então para a gente foi mais fácil. Não houve ‘você vem, mas tem que

fazer isso!’. Foram colocadas as regras e perguntado: ‘Vocês estão dispostos?’, respondemos “sim” e então acabou.

D4: “Com relação à alguma imposição ou alguma coisa nesse sentido, não houve nada. Houve só a conversa e a partir do momento que nós entramos, passamos a ser como qualquer equipe que já estava lá. Então foi bem legal essa questão na unificação, porque houve uma igualde desde o início dentro da FEFASP”.

D5: “Não houve nenhum tipo de imposição, nós apenas explicamos a estrutura existente de cada equipe, depois disso a presidência entrou em contato com os times”.

Com relação a esse subtema, alguns pontos chamam a atenção. Primeiro é com relação às falas de D1 e D3, participantes da FEFASP antes da vinculação.

D1: É, eles tinham uma maneira de trabalhar, de fato é aceitar a maneira de trabalhar nossa né, ah e que de fato aceitar essa questão de conselho né, porque para eles lá era sempre alguém mandando, mas na FEFASP não é assim. E é isso, foi isso mesmo, de fato aceitar as normas da FEFASP, calendário, questões financeiras, taxas, compromissos com a federação.

D3: Que todas as equipes seguissem o regimento e o estatuto que a FEFASP havia criado, votado e aceitado anteriormente. Não existiu nenhum tipo de imposição tão forte assim para me lembrar, e que foi marcante.

Após a transfiguração promovida pela entidade no subcampo do FA paulista, aqueles agentes que passaram o período entre 2012 e 2015 sendo considerados como um “novo” no campo que buscava a ascensão a partir do não reconhecimento da LPFA como entidade reguladora da modalidade, são agora o “velho” do campo, agindo por sua vez de forma a: a) legitimar o capital simbólico que possuem e b) exercer violência simbólica no que diz respeito aos meios de filiação junto à FEFASP.

Mesmo compartilhando da posição social de D1 e D3, ou seja, são integrantes da FEFASP desde sua criação, D6 vai no sentido contrário, ao pontuar que não houve nenhum tipo de imposição por parte da FEFASP para a aceitação das equipes vindas da LPFA ou qualquer penalidade.

D6: Não colocamos nenhuma situação para a vinda do pessoal, do tipo “ah não pode isso ou é proibido alguma coisa”, mas mostramos as vantagens de eles jogarem um campeonato só. Mas foram muitas conversas e sem nenhuma penalidade para as equipes que vinham.

Para eles, a FEFASP determinou imposições para as equipes advindas da LPFA e ainda retoma o *modus operandi* da antiga entidade para questioná-lo e em última análise deslegitimá-lo. Semelhante à investigação de Morales Júnior e Marques (2016a), em que a disputa era em sua quase totalidade pautada, além do reconhecimento ou não da entidade, em críticas nas estruturas de poder existentes nas duas entidades.

Os dirigentes filiados à FEFASP pontuaram que a pouca alternância no cargo de presidente e a forma como as equipes que possuam maior capital social com a diretoria eram beneficiadas em detrimento daquelas com menor influência junto aos diretores. D1 é integrante de uma das equipes que fundaram a FEFASP em 2012, pode-se notar um *habitus* do dirigente que ainda traz consigo uma bagagem histórica muito viva do período de ruptura entre as entidades reguladoras.

As diferentes posturas adotadas pelos entrevistados auxiliam na construção de *habitus* que caracterizam os grupos entrevistados, ex-LPFA e FEFASP. Os dirigentes recém-chegados à FEFASP demonstram uma ortodoxia frente ao fato de terem de aceitar as regras da entidade para poder ingressar, amparado em grande parte pelo histórico da LPFA ser baseado em uma relação de poder entre dominantes, os membros da diretoria, e os dominados, dirigentes das equipes integrantes da entidade. Enquanto que dirigentes já envolvidos com a entidade, especialmente D1 e D3, demonstram um *habitus* de exercício da violência simbólica por parte da FEFASP, em fazer com que fosse acatado o seu estatuto.

Dessa forma, este segundo tema possibilita a utilização da divisão e diferenciação de *habitus* entre dirigentes “ex-LPFA” e “FEFASP” que no tema anterior não se fez evidente. Ou seja, o grupo a qual pertence o agente faz com que esse tenha uma percepção específica com relação ao que foi questionado.

Disputas por poder dentro dos subcampos que compõem o campo esportivo reforçam a proposta de Bourdieu (1983) de como esses espaços se constituem. Ao olharmos diferentes modalidades esportivas é possível perceber a essência na busca por poder e distinção, comum aos campos e subcampos sociais (BOURDIEU, 1983, 1998, 2013). Como é o caso da disputa entre a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) e o Comitê Olímpico Internacional (COI) pelo controle do futsal enquanto possível modalidade olímpica. Nesse cenário, Andrade, Caregnato e Cavichioli (2016) traçam o panorama do subcampo do futsal de modo a encontrar os motivos que impedem que essa modalidade esportiva seja aceita como parte do programa olímpico.

Andrade, Caregnato e Cavichioli (2016) concluem que há de fato uma disputa, pois as regras que o COI adota para considerar uma modalidade esportiva legitimamente olímpica ou não, são atendidas pela FIFA, porém a disputa pelo controle do futsal nos Jogos Olímpicos extrapola o regulamento do COI, uma vez que este órgão exerce a violência simbólica de não permitir o futsal como integrante do programa olímpico.

5.3 Desdobramentos: Novos conflitos e rupturas, velhos pretextos

O último grande tema emergente foi com relação aos desdobramentos que ocorreram após a vinculação entre a LPFA e a FEFASP. Compreender a estrutura do FA paulista pós-vinculação se faz importante, pois é necessário estabelecer as condições objetivas existentes para avaliar a manutenção ou alteração dos *habitus* dos dirigentes. O tema é subsidiado pelos seguintes subtemas, tais como: relação com a CBFA, criação da SPFL e a disputa entre equipes da capital com as equipes do interior.

5.3.1 Relação da FEFASP com a CBFA

D1 aponta para uma aproximação entre a entidade paulista e a nacional logo após o anúncio da vinculação, porém o desenvolvimento dessa relação acabou ficando centralizado na figura do presidente da Federação. D2, ex-LPFA, pontua que a relação é de aproximação, ainda que de maneira gradual, uma vez que no ano que passou, apenas com a FEFASP atuando no subcampo, a CBFA demonstrou pouco interesse em aproximar os vínculos, mas a tendência para ele é de uma aproximação cada vez maior.

D1: A conversa de uma federação filiada à confederação brasileira aumentou né, a intensidade dessa conversa e de fato eu não vou saber dizer, provavelmente o presidente saiba melhor como está essa conversa.

D2: Houve uma aproximação das entidades. A gente busca uma parceria mais interessante para os próximos anos, esse ano que ela começou a acontecer de uma forma mais bacana. Ano passado ainda foi exclusivo, era um pouco mais frio, mas vem crescendo. E isso deixa a gente um pouco mais esperançoso.

D3 é taxativo em considerar que atualmente só a FEFASP atua no subcampo, dessa forma caberia à CBFA aceitar, mas ameniza ao dizer que há pessoas dentro da FEFASP com

boas relações com a diretoria da CBFA. D4 demonstra pouco conhecimento, ponto interessante, por se tratar de um dirigente da capital do estado com grande acesso na CBFA.

D3: Dessa forma, querendo ou não, a FEFASP é quem representa o futebol americano no Estado de São Paulo. Existem algumas pessoas da LPFA que possuem contato com a Confederação, então tinha essa ponte. Passando sim a FEFASP a ter acesso a CBFA por ser a entidade que representa o FA no Estado de São Paulo.

D4: Estou acompanhando mais por fora do que internamente. Mas não consigo te afirmar como está esta situação.

D5, por sua vez, questiona a aproximação pautada em uma nota emitida pela CBFA cobrando a existência de federações estaduais e que a situação da FEFASP não atendia às demandas impostas para que a CBFA reconhecesse a entidade paulista.

D5: Não, não, a CBFA soltou uma nota falando que eles vão criar [entidades reguladoras] em estado que Federação não existir. Aí eu não sei se eles vão fazer contato com a Federação que já existe. Por bem ou por mal vai acabar existindo uma federação oficial ligada à CBFA, como diz a nota da própria CBFA, que todos os estados vão ter que ter uma representação.

E por fim, D6 que participou ativamente dessas tratativas, corroborando os apontamentos anteriores da centralização de algumas questões na figura do presidente.

D6: Então a gente tentou a aproximação com a CBFA, mas foi em vão, então preferimos arrumar a própria casa. Então ficava um negócio muito assim com a CBFA: “você têm obrigação de fazer desse jeito, porque nós somos CBFA”, só que para nós esse discurso nunca colou. É um discurso de patriotismo meio que “me ame porque sou CBFA”.

Para compreender a situação na relação entre a FEFASP e CBFA, os dirigentes foram questionados sobre como estava a relação entre as entidades estadual e nacional, no que diz respeito ao reconhecimento da FEFASP por parte da CBFA.

D1: A conversa de uma federação filiada à CBFA aumentou, a intensidade dessa conversa e de fato eu não vou saber dizer. É que eu lembro quando conversou, que teve a unificação, teve uma conversa forte de ser única, mas então, essas questões mais de filiar é o Presidente que está a par, eu não estava muito a par. E hoje em São Paulo não existe uma federação reconhecida pela CBFA.

D2: Houve uma aproximação das entidades. O atual presidente da CBFA tem uma aproximação bacana hoje com a FEFASP. A gente busca uma parceria mais interessante para os próximos anos, esse ano que ela começou a acontecer de uma forma mais bacana. Ano passado ainda foi exclusivo, era um pouco mais frio, mas vem crescendo. E isso deixa a gente um pouco mais esperançoso.

É possível perceber uma diversificação de falas que apontam para diferentes percepções, isso já demonstra como os *habitus* dos agentes frente ao processo, uma vez que essa ferramenta analítica é construída à partir da influência da posição ocupada pelos agentes e sua bagagem histórica, que neste caso está relacionado ao fato de já estar na FEFASP ou vir da extinta LPFA.

Ao considerar os entrevistados, é possível como D1, D2 e D6, dirigentes que ocupam posições semelhantes e possuem certo capital social dentro da FEFASP, muito por terem vivido às disputas entre as entidades durante 2012 e 2015, pontuam que a aproximação ocorreu. Enquanto que de D3, dirigente com menos tempo de atuação no subcampo, acaba por defender uma posição que, independente da CBFA legitimar ou não, é a FEFASP que atua no estado. Logo, por falta de concorrência, a FEFASP se torna legítima na organização do FA paulista.

D4, por ser dirigente de uma equipe da região metropolitana, que entrou na FEFASP no processo de vinculação, demonstra não conhecer a situação entre as entidades. Uma possibilidade a ser levantada é o fato de sua equipe sempre ter disputado os campeonatos nacionais organizados pela CBFA, sempre possui capital social junto às diretorias da entidade.

O que também pode ser percebido é a centralização em pessoas específicas no subcampo, mais especificamente o presidente da FEFASP. Além de estreitar os laços com a CBFA, esteve atuando também nas conversas que resultaram na vinculação.

Essa centralização acabou sendo abordada por um dos entrevistados, conforme mostra o trecho a seguir:

D6: As questões do dia a dia, ou você executa através de uma frente que é na figura do Presidente ou senão não acontece. Porque o trabalho é voluntário, não adianta, o Brasil é um sistema presidencialista em tudo. Então, a execução é de forma centralizada.

No FA paulista, todas as equipes possuem presidentes eleitos dentro das associações – formato característico da estrutura organizacional das equipes de FA no estado de SP – que são incumbidos de representá-las nas reuniões da FEFASP (MORALES JÚNIOR; MARQUES, 2016a). Assim como esses presidentes podem se organizar de forma a concorrer ao cargo de presidente da entidade.

D6 pontua que a figura do presidente é de agir de forma a atender às demandas levantadas nas assembleias da FEFASP:

D6: Você tem uma centralização sim na execução, mas você tem uma descentralização na tomada das decisões, que são conjuntas, são no formato de colegiado. Mas a execução acaba sendo centralizada, na figura do presidente e tal. Mas na realização dos jogos, cada time faz de forma descentralizada, se a gente analisar friamente.

É possível justificar a construção do *habitus* de D6 ao considerarmos que muitas das estruturas institucionais no Brasil requerem a existência de um presidente eleito por aqueles que necessitam de representação ou de uma centralização para coordenar as ações, aliado a um envolvimento pessoal tanto com a modalidade, como a própria atuação profissional e com forte influência do *illusio* que o mantém inserido e ávido em participar das disputas do subcampo.

5.3.2 Criação da SPFL

Contudo, pouco depois de 1 ano e 2 meses do anúncio da vinculação das equipes vindas da LPFA junto à FEFASP, foi divulgada uma carta anunciando a criação da SPFL. Partindo do pressuposto adotado entre 2012 e 2015, a existência de duas entidades, e que cada uma organizava seu campeonato estadual, caracterizava uma disputa entre elas, em 2016 se torna possível retomar esse cenário de ruptura. Segue um trecho da carta divulgada na página do Facebook da SPFL (SPFL, 2016):

Na manhã deste domingo, 06 de março de 2016, foi concebida a SPFL – São Paulo Football League. Desejando experimentar um modelo de autogestão, representantes das principais forças do Futebol Americano paulista decidiram se unir para promover um torneio entre si, em busca do que acreditam ser a estrutura mais sustentável e profissional para o crescimento da modalidade. A organização de tal evento não significa ruptura com a FEFASP e seus torneios. A opção entre disputar uma ou outra competição é aberta aos integrantes da SPFL, assim como até escolher em jogar ambos os torneios. Tal atitude reforça o espírito que norteou a concepção da nova liga: experimentação e liberdade para buscar o que pode ser melhor para cada um.

Mesmo no trecho vinculado, onde é considerado que a criação da SPFL não caracteriza um novo momento de ruptura, é importante pontuar que de todas as equipes que assinaram a carta, somente o São Paulo Storm disputou a Super Copa São Paulo da FEFASP daquele ano,

mas acabou jogando com sua equipe recém-formada e com muitos novos jogadores, a equipe principal disputou a SPFL (STORM, 2017).

A carta foi assinada por oito equipes, são elas: Botafogo/SP Challengers, Corinthians Steamrollers, Lusa Lions, Palmeiras Locomotives, Ponte Preta Gorilas, São Caetano Blue Birds, São Paulo Storm e Santos Tsunami, das quais 7 possuem vínculo com equipes de futebol, exceção é a equipe do Storm, o São Paulo do nome é referente à capital do estado, cidade na qual a equipe foi fundada.

Nesse momento, cabe uma discussão importante frente ao efeito de apropriação que o FA sofreu no Brasil, mais especificamente no estado de SP. Morales Júnior e Marques (2016a), ao abordarem os dirigentes atuantes na organização burocrática da modalidade, perceberam significativas alterações na forma com que o FA paulista se organiza, muito por conta das condições objetivas distintas entre Brasil e Estados Unidos.

Diferentemente do estado de SP, o MT apresentava uma lacuna esportiva significativa com relação ao futebol, mesmo possuindo uma tradicional e longa história, o futebol não é representativo e expressivo no estado, sendo uma condicionante importante para que o FA se desenvolvesse no MT (BUENO, 2016). Dentro de uma perspectiva bourdiesiana, é possível considerar essa lacuna como a “estrutura”, que condicionou a atuação “estruturante” dos envolvidos com o Cuiabá Arsenal.

Em SP, tal lacuna não se faz presente. O futebol é bem estruturado, tem-se a Federação Paulista de Futebol atuante. Sendo assim, a estrutura paulista encontrada pelas equipes de FA é completamente diferente da mato-grossense, fazendo com que fosse reconhecido o capital simbólico do futebol no estado, o que favoreceu que as parcerias entre equipes de FA e de futebol fossem estabelecidas, tanto no interior, como na região metropolitana da capital.

Curti (2016) desenvolve o conceito de franquia, apontando que a NFL não se difere de outros sistemas de franquia como as redes de lanchonete *McDonalds* e *Burger King*. Dessa forma existe uma instituição, a NFL, que controla as regulamentações que regem suas operações e de seus franqueados. Porém, as regulamentações não são impostas de forma violenta, as próprias franquias em decisões coletivas decidem essas normas. A NFL cede a uma cidade o direito de possuir uma equipe e consequentemente explorar o mercado do FA na região estabelecida.

Com relação às equipes, em SP são associações sem fins lucrativos, onde os agentes atuantes, sejam eles jogadores, técnicos e dirigentes, acabam por muitas vezes assumindo essas funções de maneira concomitante. Muito pela falta de pessoas capazes de assumir apenas uma única função, normalmente os integrantes mais antigos das equipes, por possuírem certos

capitais sociais e culturais, acabam por serem convidados a assumirem essas novas funções. Fazendo com que o surgimento das entidades reguladoras sejam basicamente a aglomeração de equipes com representantes possuidores de *habitus* semelhantes, como o foi na ocasião da criação da FEFASP, dirigentes descontentes com a LPFA se organizaram de forma a criar uma nova instituição para organizar a modalidade pautada em características que eles acreditavam ser as melhores para o desenvolvimento do FA.

Porém, o FA encontrou dificuldades na falta de conhecimento por parte do público e consequente pouco interesse em assistir *in loco* aos jogos realizados pelo Brasil. Dessa forma, uma saída encontrada por algumas equipes foi estabelecer acordos de parceria com equipes de futebol, elucidada por Morales Júnior e Marques (2015), onde os autores questionaram os dirigentes com relação às percepções a essas parcerias e obtiveram como resultado o discurso de que o objetivo dessas parcerias buscava aumentar o interesse das pessoas em consumir o FA paulista, reconhecendo que o futebol é a grande detentora de capital simbólico e econômico dentro do campo esportivo brasileiro, sendo notável a participação em outros subcampos, como o voleibol e o basquetebol. Na Superliga de voleibol masculina, atualmente há a participação de clubes como o Corinthians/SP e Cruzeiro/MG e, na Superliga feminina, o Fluminense/RJ. No Novo Basquete Brasil (NBB), são quatro equipes com filiação de clubes de futebol: Botafogo/RJ, Flamengo/RJ, Vitória/BA e Vasco da Gama/RJ (SUPERLIGA, 2017; NBB, 2017).

Na história do voleibol, a presença dos clubes de futebol também se fez presente, claro que em outro contexto e em outra sociedade brasileira. No caso do voleibol, de acordo com Marchi Jr. (2004), ao traçar a história durante três décadas, 1960, 1970 e 1980, já se verificou indícios da forte contribuição que as estruturas de clubes como Santos e Botafogo ofereceram aporte para o desenvolvimento da modalidade. Muito pelo destaque que possuíam com o futebol, consequentemente a grande via de inserção do voleibol no Brasil foi através dos clubes esportivos.

Esse cenário permite afirmar, a partir das entrevistas, a existência de uma *doxa* com relação ao futebol, onde não há questionamento da supremacia da modalidade no campo esportivo, há um *habitus* por parte dos agentes envolvidos com outras modalidades que reconhecem e reforçam essa *doxa* ligada ao futebol. A ponto de o objetivo em desenvolver o FA é de torná-lo a segunda modalidade mais praticada no Brasil, ficando atrás apenas do próprio futebol.

Nessa perspectiva, se torna interessante uma comparação com o subcampo do FA no estado de MT, onde Bueno (2016), ao investigar a equipe do Cuiabá Arsenal, evidenciou uma

lacuna no cenário esportivo, ou seja, a falta de equipes de futebol com representatividade e expressão. Foi essa abertura detectada pelos agentes envolvidos com a equipe do Cuiabá Arsenal que os fizeram traçar um plano almejando o destaque e a representatividade no campo esportivo do estado. Sendo esse o principal objeto de disputa, o capital simbólico no estado do MT.

Diferentemente do estado de SP, onde a busca não é pela representatividade do FA como principal modalidade, mas sua consolidação como segunda modalidade, seja em números de praticantes ou consumidores. Por isso, a estratégia de filiação a equipes de futebol se mostrou para os dirigentes como sendo uma possibilidade de alcançar os dois objetivos.

Júnior e Marques (2015), ao abordar dirigentes atuantes no subcampo do FA paulista, questionaram sobre essas parcerias e encontraram que a expectativa dos dirigentes era de agregar a marca do FA com o capital simbólico de equipes como Corinthians, Ponte Preta e Botafogo/SP, o que poderia facilitar em acordos de patrocínio e parcerias com a iniciativa privada. Além de criar um vínculo de representatividade com as torcidas, aumentando o número de pessoas presentes nas partidas de FA em SP.

Dos seis dirigentes entrevistados, D1 e D4 participaram da SPFL no ano de sua criação e mais uma vez as comparações acabam sendo feitas com o futebol. Considerando a constituição da Primeira Liga (PL), fundada em 2015 e que conta com a participação de 18 equipes de estados como Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, além de outros. Os participantes da PL participam dos campeonatos chancelados pela CBF e pelas federações estaduais (PRIMEIRA LIGA, 2017).

D1: A SPFL veio com uma proposta para ser uma liga independente, igual teve no soccer um campeonato brasileiro independente, porém no soccer tem muito dinheiro envolvido, tem televisão, então você acaba conseguindo abafar ou não uma liga ou outra. A SPFL veio com uma proposta de ser uma liga independente, uma forma de organização onde visa o lucro, então assim, as equipes vão jogar para dar público, vão jogar para ver o valor que tem e com isso dividir o lucro disso.

D4: A SPFL não é um novo momento de ruptura, não foi criada com esse pensamento. Na verdade, foram ações que foram levando a isso. Houve algumas divergências no formato do campeonato da FEFASP no ano passado e durante esse processo o Corinthians se retirou do campeonato. Mas em nenhum momento ele saiu da Federação ou brigou, não teve nada disso. Eles simplesmente não concordaram com o formato que o campeonato estava seguindo e resolveram que não iriam participar do campeonato do ano passado.

Nas duas falas, D1 e D4, participantes do campeonato da SPFL, assumem a postura de não considerar uma ruptura, apenas a tentativa de fazer um campeonato à parte da FEFASP, onde as equipes envolvidas buscariam obter lucro com a realização dos jogos. Aliados também às divergências que existiram durante a estruturação da Super Copa da FEFASP, principalmente com relação aos custos do campeonato. O capital econômico se mostra nesse contexto como o principal capital em disputa entre equipes e FEFASP no primeiro momento, que acabou resultando na desistência delas e consequente criação da SPFL.

Os demais entrevistados, D2, D3, D5 e D6 acabaram apontando que realmente houve um desentendimento entre a FEFASP e as equipes que compuseram a primeira edição da SPFL. Fazendo com que isso os motivasse a decidir pela não participação na Super Copa e criar a SPFL, constituindo dessa forma um novo momento de ruptura e divisão na organização burocrática do FA estadual.

Ao decidirem questões relacionadas ao campeonato da FEFASP, as equipes se submetem ao processo de violência simbólica da entidade, mas que é decidido pelas próprias equipes. Como foi possível perceber nos discursos de D2, D3, D5 e D6, ou seja, o regulamento, o calendário, os valores e as obrigações de cada equipe foram definidas e acordadas em conjunto. Por isso, há certo espanto quanto às falas dos dirigentes, ou seja, se foi algo definido em conjunto e estabelecido a partir do comum acordo, porque as equipes criadoras da SPFL não se opuseram com o que estava sendo acordado na FEFASP para a realização da Super Copa?

Para D2, além do questionamento, o dirigente aponta para uma aproximação do modelo da SPFL com o da NFL, apesar de sua justificativa ser pautada no objetivo do campeonato, de obter lucro a partir da realização dos jogos e venda de produtos relacionados ao torneio. É a tentativa de legitimar o capital simbólico do campeonato da SPFL, em detrimento da FEFASP, pois é possível notar uma disputa simbólica, a partir da fala de D2, com relação ao formato ou modelo de campeonato que vá oferecer subsídio ao FA paulista de se desenvolver de modo a diminuir os custos das equipes participantes, para que o caminho rumo à massificação se torne possível:

D2: Eu não tiro a razão deles terem montado algo novo, um modelo novo. Porque querendo ou não, o modelo da SPFL é mais próximo do americano do que o da FEFASP.

D3, por sua vez, já aponta os motivos que propiciaram a nova ruptura no FA paulista, um desacordo entre FEFASP e as equipes, principalmente no que diz respeito aos valores cobrados pela entidade para a participação das equipes. Partindo desse novo cenário de descontentamento, é possível retomar o cenário existente em 2012 que resultou na criação da própria FEFASP. Porém, a decisão realizada em conjunto pelas equipes associadas à FEFASP faz como que a relação de violência simbólica traçada por Morales Júnior e Marques (2016a) entre a LPFA e suas equipes seja diferente no momento da tomada de decisão.

De acordo com D5, onde as equipes em comum acordo decidem questões como estrutura de campeonato, regulamento e valores para a realização, a semelhança está no momento seguinte, em que o descontentamento é apresentado pelas equipes e a entidade, fundamentada na decisão tomada *a priori* pelo seu quadro associativo, não altera sua posição:

D3: Na verdade, eles não aceitaram muito bem os valores e a forma como foi conduzido o campeonato na FEFASP. Então eles resolveram criar uma coisa nova, não foi apenas questão de valores, mas foi uma demanda que surgiu que eles queriam o campeonato estilo NFL. E também não aceitaram as contas que a Federação fazia para custear o campeonato para organizar o campeonato, mando das rodadas. E aí eles resolveram então criar uma liga de Elite.

D5: Foi tudo muito rápido e feito nos bastidores. Teve uma reunião lá no passado que estava presente a maioria dos times e estava tudo certo para a gente fazer a Super Copa, que ia ser uma das maiores edições e teria sido um torneio muito bom. Em cima da hora começaram as confusões, as reclamações e as brigas políticas típicas do futebol americano. Nisso alguns times começaram a sair, desistiram da competição, aí logo depois surgiu anúncio da criação da SPFL.

Para D6, os motivos que levaram à criação da SPFL ainda não foram elucidados, e ele ainda busca compreender qual foi o momento determinante neste processo. Uma vez que todo o aspecto burocrático e democrático da FEFASP foi seguido a rigor e tudo que foi decidido para a realização do campeonato de 2016 foi acordado entre os dirigentes das equipes participantes. É possível ver a postura heterodoxa por parte dos envolvidos com a criação da SPFL, principalmente a partir do questionamento dos valores que haviam sido decididos anteriormente nas reuniões da entidade:

D6: O que eu vejo é assim, eu ainda estou tentando descobrir o que realmente se levou a criação da SPFL. Porque o motivo elencado foi que nós estávamos aumentando o preço das carteirinhas e isso era um absurdo, mas o preço foi votado, todo mundo decidiu, tudo bonito como deve ser na democracia. Fizemos a ata da reunião, todos assinaram,

aceitaram e tal, definiram o preço e como funcionaria, tudo ok. De repente alguns times rompem, falam que não, que era um absurdo cobrar isso, estava muito caro, fez as contas e viu que estava muito caro.

Cabe uma discussão do conflito acerca dos objetivos traçados entre as duas entidades. Construindo-se dessa forma uma releitura da disputa ocorrida na gênese do campo esportivo, objeto de estudo de Bourdieu.

Por um lado, tem-se a FEFASP, objetivando o fomento do FA a partir de uma perspectiva de oferecer às suas equipes filiadas condições de melhorarem suas estruturas de funcionamento, seja de treino ou de jogos, buscando uma democratização no primeiro momento, através de parcerias com o poder público para utilização de espaços ou com a iniciativa privada para o custeio de despesas relacionadas à prática de FA. Não aparenta existir, a partir dos discursos, a preocupação de ganhos materiais, ou seja, a ascensão social e acúmulo de capital econômico através do FA.

Aproximando do *habitus* amador característico da aristocracia, responsável pela alteração no sentido dos jogos populares para o esporte, onde os ganhos materiais pouco importavam frente ao prazer em fazer parte de algo que proporcionasse um caráter distintivo aos demais (BOURDIEU, 1983).

Em contrapartida, a SPFL busca a distinção à partir de um espectro voltado ao profissionalismo da modalidade, permitindo a ascensão social dos agentes envolvidos com a prática. Valorizando outros aspectos além da prática bem estruturada, mas a possibilidade de vender um produto relacionado ao FA que seja diferente do que tem sido ofertado pela FEFASP em SP. Essa disputa é compreendida nas falas de D4 e D6, respectivamente:

D4: “Vou te falar só o que eu vejo, eu vejo muito mais a Federação preocupada em organizar um campeonato e conseqüentemente os times jogarem, se manter de certa forma no amadorismo do que uma profissionalização”.

D6: “A FEFASP enquanto entidade é promover, divulgar e propagar o esporte. A SPFL é ter lucro com o esporte. Então são motivadores diferentes e objetivos também. Só que como ter lucro com algo que ainda não chegou a um nível de conhecimento do povo paulista e brasileiro? Minha opinião: elevar e depois vender”.

Um ponto que chama atenção na fala de D4 é com relação ao fato de que a FEFASP estaria apenas interessada em organizar um campeonato, esse foi um dos pontos levantados pelos dirigentes para defender a ruptura com a antiga LPFA em 2012 (MORALES JÚNIOR;

MARQUES, 2016a). Não havendo qualquer preocupação por parte da entidade, em atender às demandas propostas pelos times, como estrutura para a realização dos jogos. Em um espaço temporal de pouco mais de um ano, o mesmo motivo é apresentado para legitimar a criação de uma nova instituição dentro do subcampo, porém a demanda criada e esperada pelos envolvidos está ligada muito mais a um *habitus* mercadológico, tentando massificar o FA paulista.

A questão mercadológica já foi abordada por Bueno (2016), sendo este um dos objetivos para o presidente da Federação Mato-Grossense de Futebol Americano, para alcançar essa meta, algumas etapas devem ser realizadas. A primeira é aumentar a divulgação da modalidade, consequentemente expandindo e disseminando a modalidade através do estado. Aliado à busca de atrair mais público para as partidas de FA através da oferta de um produto com qualidade de entretenimento. Tal posicionamento é semelhante com os achados nesse trabalho, uma vez que a partir das falas dos dirigentes paulistas é possível notar objetivo de desenvolver a modalidade em SP a partir do aumento de público presente nos jogos e das melhorias no nível de jogo e espetáculo, sendo essa a grande proposta da SPFL.

Esse plano de expansão do FA em MT, de acordo com Bueno (2016), só é possível graças à adoção, por parte do Cuiabá Arsenal, de um modelo de profissionalização pautado no exemplo americano, onde a equipe é uma empresa que atua dentro do campo esportivo e objetiva ofertar um produto a ser consumido e considerado a melhor forma de desenvolver o esporte, mesmo ao considerarmos o Brasil com uma estrutura do campo esportivo que ainda enfrenta.

O termo profissionalização aparece de maneira recorrente nas falas, sejam dos dirigentes de SP ou do MT. Porém, como já discutido anteriormente, o termo sustentado no presente trabalho é com relação à ideia de atletas e dirigentes possuírem acordos formais e terem condições de viverem exclusivamente da prática esportiva, conseguindo através do esporte todo o seu sustento, cenário esse que ainda não é realidade.

Assim sendo, o que ocorre no futebol americano ainda é um processo de estruturação da modalidade, onde as equipes buscam se estabelecer de acordo com as condições e possibilidades de suas cidades, sofrendo também forte influência do *habitus* dos dirigentes que estão à frente das equipes.

Sendo assim, é possível perceber que o futebol americano, seja no MT ou SP, tem uma trajetória distinta da descrita por Marchi Jr (2004) no voleibol, onde o autor propôs fases de amadorismo, profissionalização e a espetacularização. No FA, a espetacularização é uma forma de se alcançar o profissionalismo, através da adoção de estratégias de marketing, vinculação a

empresas e um *habitus* empreendedor e empresarial por parte do presidente do Cuiabá Arsenal para alcançar tal objetivo.

Ao mesmo tempo em que D6 reconhece que é importante obter lucro a partir da prática de FA, acredita que o momento ainda não é o ideal. É necessária a criação de uma cultura esportiva do FA paulista, para que a partir disso possa se pensar em vender um produto de qualidade. Em uma análise bourdieusiana, o FA precisa possuir certos capitais simbólicos para que os futuros espectadores vejam sentido no consumo do FA paulista.

O caso do Cuiabá Arsenal, explicitado por Bueno (2016), é semelhante no sentido de buscar esse perfil mercadológico da prática de FA. Amparado nos bons resultados obtidos em 2010 e 2012 como Campeão Brasileiro pela CBFA, a equipe iniciou o desenvolvimento de ações de marketing e propaganda, de modo a criar uma identificação por parte do público no primeiro momento, para que a equipe pudesse ter uma base de torcedores.

Concomitante com esse processo de aproximação e identificação com o torcedor iniciou-se as tratativas com parceiros e patrocinadores, tornando a imagem do Cuiabá Arsenal como uma possibilidade de investimento, capaz de movimentar uma significativa quantidade de dinheiro. Isso graças à incorporação de um capital cultural e social por parte do presidente do Cuiabá Arsenal, ou seja, sua vivência nos eventos esportivos da NFL. Além disso, adotou um *habitus* pautado principalmente na competência e organização administrativa, considerados similares aos das franquias do futebol americano profissional dos EUA (BUENO, 2016).

De acordo com Bueno (2016), o FA do estado do Mato Grosso (MT) passou por etapas semelhantes às aquelas previamente estabelecidas por Wanderley Marchi Jr. em sua tese de doutorado: “Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000). O amadorismo da modalidade está fortemente vinculado à prática do FA sem a utilização dos equipamentos de proteção, estabelecido entre os anos de 2006 e 2009. Com a aquisição dos equipamentos no ano de 2009, a equipe do Cuiabá Arsenal tem uma significativa alteração em seu *habitus*, deixando de ser diversão e transformando seu *habitus* no sentido do profissionalismo. Aliado aos dois títulos nacionais conquistados pela equipe, em 2010 e 2012, o sentido de profissional está vinculado à preocupação com resultados e a organização das atividades da equipe voltadas para o objetivo de ser vitorioso e, em um segundo momento, obter lucros financeiros. Contudo, é possível perceber uma inversão às etapas traçadas por Marchi Jr. (2004).

5.3.3 Disputa entre equipes da região metropolitana da capital e do interior

A criação da SPFL expôs outra disputa, além da questão mercadológica e de forte presença de equipes filiadas a clubes de futebol, entre equipes da região metropolitana da capital com equipes do interior. Considera-se nesse trabalho a Região Metropolitana de São Paulo, composta por 39 municípios, incluindo a cidade de São Paulo, sendo considerado um dos maiores polos de riqueza nacional (EMPLASA, 2017). Enquanto que o interior é todo o território restante do estado. Dessa forma, os dirigentes foram questionados sobre a existência dessa disputa.

Para D3, o *habitus* das equipes da região metropolitana da capital do estado tende a ser distintivo, pois os mesmos acreditam serem melhores em comparação com as equipes do interior

D3: Eu percebo que existe uma divisão sim e eu acho que eles pensam que eles são superiores. Mas acredito que eles estão equivocados, porque as equipes aqui são fortes até mais forte do que eles são hoje. A evolução das equipes do interior é mais rápida. Mas tem sim essa diferenciação entre equipes do interior com os da capital. E sempre vai ter.

De modo que ao analisar as oito equipes que assinaram a carta de criação da SPFL em 2016, seis são da capital, apenas duas do interior – porém essas duas equipes estão situadas em duas das três maiores cidades do estado. Enquanto que na FEFASP, das 12 equipes que participaram da edição de 2016 da Super Copa São Paulo, nove eram do interior, duas da capital e uma de outro estado (FEFASP, 2017). A própria centralização que a LPFA realizava na capital foi motivo de descontentamento, e contribuiu para a constituição da FEFASP, ciclo que se repetiu em 2016.

Outro ponto que merece ser destacado é com relação à origem dos dirigentes, quatro são do interior, um da grande São Paulo e um da capital. Não coincidentemente, o dirigente da capital (D4) aponta não existir a disputa, ideia que é trazida por D5, dirigente do interior. Mas D4 na fala seguinte, aponta a “tentativa de defender os próprios interesses”, como Bourdieu (1983) provavelmente diria, os capitais simbólicos que cada um possui e sua posição ocupada no campo. Por estar no grupo relativamente dominante, seu posicionamento de negar a disputa é uma tentativa de deslegitimar qualquer tentativa de crítica que essa situação possa trazer.

Avançando nessa disputa, é possível destacar o conceito de *doxa*. D4, por ser um dirigente de uma equipe da região metropolitana da capital não reconhece a existência da

disputa, uma vez que está no grupo considerado dominante no FA paulista. Sua ortodoxia de pontuar que as equipes simplesmente defendem seus interesses denota que a disputa é implícita e ocorre de forma velada entre os atuantes no espaço social do FA paulista. A posição ortodoxa de negar a disputa é parte importante do *habitus* de D4, provavelmente acomodado em uma situação e posição de poder no subcampo, agindo deste modo, de forma a conservar os processos de dominação oculta próprios dos campos sociais (BOURDIEU, 1989; 2013).

D4: Eu não vejo uma disputa, até porque disputa é algo muito forte de comprovar. O que eu vejo é uma tentativa de defender os próprios interesses. Enquanto que o pessoal do interior visa melhorar as condições deles lá no interior a gente visa melhorar as condições aqui em São Paulo.

De forma contrária, D5 reconhece a existência e denuncia as dificuldades para as equipes do interior paulista, principalmente no que diz respeito ao deslocamento para a realização de jogos. Ao pontuar o descontentamento, inclusive das equipes de arbitragem em se deslocarem para o interior, demonstra a heterodoxia no questionamento da não existência dessa disputa.

D5: Se você perguntar, eles vão falar que não existe, mas existe. Para quem está no interior, a gente sente muito mais. Tudo por aqui é mais difícil, arbitragem reclama de vir para cá, perto que não gosta de vir, o estado é grande. Às vezes é mais rápido viajar para o Rio de Janeiro do que para minha cidade, isso dificulta e acaba gerando uma divisão. E o pessoal que estava à frente dessa equipe não estava nem aí para o desenvolvimento do esporte, eles queriam desenvolver o time deles e ganhar. Hoje que tá mudando um pouco na cabeça, mas acabou favorecendo essa divisão, no sentido de cada um fazer o seu.

Algumas falas chamam a atenção, começando com D2, que pontua a disputa e vai além, ao denunciar um possível boicote às equipes do interior que começam a despontar esportivamente. É uma releitura possível da disputa entre o “velho” e o “novo” proposta por Bourdieu (1983), no FA paulista, o velho, ortodoxo, pode ser considerado as equipes da região metropolitana e o novo, heterodoxo, as equipes do interior. Considerando que as equipes da região metropolitana da capital são consideradas tradicionais e com uma história que se funde com a do FA paulista e brasileiro. Consequentemente, em um processo de interiorização do FA, as equipes estabelecidas no interior são consideradas novas dentro do subcampo.

D2: Cara, existir, existe! Não de uma forma exacerbada, mas existe, infelizmente. Existe sim uma rixa e o pessoal sempre quer tirar do

interior e levar para capital, que o interior nunca pode ter vez, quando um time do interior começa a despontar, aparece alguma coisa para atrapalhar. Eles só querem o famoso: Venha a nós. Não pensam no coletivo, na verdade é: Venha a eles [da capital].

Enquanto que para D6, o FA encontra menos concorrência no interior, possibilitando assim sua ascensão e aceitação junto ao público, É uma condição estrutural importante com relação às cidades do interior, por serem menores em tamanho territorial e densidade populacional, facilitando consequentemente o acesso às praças esportivas dessas cidades, há uma adesão maior por parte do público. Fato esse que pode contribuir para a fala de D3 sobre as equipes do interior não ficarem devendo nada para as da capital, talvez até superando-as.

D6: Cara, na verdade é o seguinte, os times da capital nunca gostaram de viajar ao interior, com exceção de uma ou outra equipe. “Lá não tem público”, o que não é a realidade, os times do interior levaram sempre mais público que os times da capital. O que a gente percebe no FA é quanto menos coisa tem a se fazer mais chance é o FA de prosperar. Então hoje a SPFL foi só capital e agora corre livre leve e solta para o interior e acho que para o ano que vem terão muito mais times aí, pelo menos esse é o planejamento da SPFL, captar mais times do interior.

A vinculação cessou a disputa entre entidades reguladoras, porém a nova conformação do subcampo contribuiu para que emergisse novas disputas, ou que disputas antigas viessem à tona. A FEFASP surgiu como uma resposta à centralização de poder que a LPFA possuía que beneficiava em grande parte o grupo próximo à diretoria, porém havia participação de grandes equipes da região metropolitana. Entretanto na nova conformação, a ruptura entre equipes da região metropolitana da capital e do interior se tornou mais evidente, com a criação da SPFL e a sua centralização de jogos sendo na capital.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo a encerrar o presente trabalho, se faz necessário uma reflexão frente ao que foi abordado no decorrer desta pesquisa. Essa seção condensará os principais pontos construídos, estabelecendo um jogo de perguntas e respostas, à partir da pergunta central e considerando as perguntas norteadoras estipuladas.

Com relação à primeira pergunta: “como se organiza atualmente o futebol americano no estado de São Paulo pós-vinculação?”. Foi possível notar que a FEFASP, através do questionamento e do *habitus* heterodoxo frente ao modo organizacional do FA paulista, conseguiu subverter a lógica de distribuição de capitais. Resultando em dois principais efeitos: a) busca pela filiação por parte de equipes até então filiadas à LPFA; e b) negociação direta com a principal equipe da LPFA, o São Paulo Storm.

Esses dois pontos permitem afirmar que todo o processo de disputa entre FEFASP e LPFA ocorrido fez com que a FEFASP se fortalecesse, passando a ter capitais simbólicos que permitissem a ela o reconhecimento e a legitimidade por parte das equipes paulistas. O eminente desmembramento por parte das equipes restantes à LPFA resultou em sua extinção, a entidade atuou durante mais de 10 anos no subcampo do FA paulista.

Outro questionamento levantado para o trabalho: “como se deu o processo de filiação das equipes da LPFA junto à FEFASP?”. A partir do momento que a FEFASP se consolida no subcampo do FA em São Paulo, a configuração da disputa entre velho e novo proposta por Morales Júnior e Marques (2016a) deixa de fazer sentido. O resultado da vinculação tornou a FEFASP o ‘velho’ do subcampo, detentor de poder e das formas de distribuição e entrada, ou seja, passou a exercer a violência simbólica dentro desse espaço, rompendo com a lógica anterior de distribuição de poder, construindo uma nova estrutura social no subcampo.

Logo, se fez necessário compreender, a partir da visão dos dirigentes, como foi esse processo, quais etapas foram determinantes para que o anúncio pudesse vir a ser feito da forma como foi. Ficou evidente a presença de certos capitais sociais que se converteram em simbólico, uma vez que todo o processo foi sendo conduzido através de muita conversa entre os dirigentes. Seja entre os dirigentes mais próximos geograficamente, como os do interior e os da capital, para que fosse feito o convencimento no sentido de que a ida das equipes da LPFA fosse lucrativa, em termos organizacionais, para todos os envolvidos.

A nova configuração do subcampo do FA paulista, com apenas uma entidade, fez com que novas disputas surgissem, tornando-se pertinente para a compreensão do subcampo após a consolidação da vinculação. Porém, o resultado não foi duradouro e as novas disputas acabaram

por levar ao subcampo vivenciar uma nova ruptura, com a criação da SPFL. Que apesar de não ser considerado um novo desmembramento, o fato de que a maioria das equipes da SPFL não disputar o estadual da FEFASP caracteriza uma ruptura semelhante ao que aconteceu entre 2012 e 2015. A partir disso, a investigação tentou elucidar quais os motivos foram cruciais para tal evento, destacam-se desse contexto três principais: a) equipes da região metropolitana da capital contra equipes do interior, b) filiação a equipes de futebol; e c) objetivos almejados.

Com relação a essa disputa entre interior e capital, tornou-se evidente o confronto simbólico entre os envolvidos e aproximação no que diz respeito ao *habitus* dos agentes. Equipes da cidade de São Paulo possuem, além da proximidade geográfica, algumas trajetórias parecidas, sustentadas principalmente pelo tempo de existência dessas equipes atuando no FA paulista. Enquanto que as equipes do interior compartilham certos traços de um *habitus* questionador frente a essa superioridade das equipes da região metropolitana.

Dessa forma, as equipes da região metropolitana buscam a centralização das atividades do FA, em especial em São Paulo, capital do estado, assumindo uma postura de distinção ao considerar que as melhores equipes paulistas estão na capital do estado. A criação da SPFL, ao propor um novo modo de gestão de campeonato, transmite a mensagem de que o FA praticado por suas equipes é superior ao praticado pelas equipes do interior que disputam a Super Copa promovida pela FEFASP, ou ao menos, com maior potencial de mercado. Essa disputa auxilia na compreensão de mais uma pergunta do trabalho: “como se dão as ações dos sujeitos em relação à busca por poder e legitimidade social na organização do futebol americano no estado?”, através de um *habitus* que legitimam e garantem distinção pelo fato das equipes: a) serem da cidade de São Paulo; b) de equipes com mais tempo de atuação no subcampo e c) equipes parceiras de grandes clubes de futebol.

A segunda disputa emergente desse cenário pós-vinculação, fica a cargo da filiação das equipes de FA com equipes de futebol, uma estratégia que busca agregar valor às marcas dos times de FA e consequentemente facilitar os acordos de patrocínio e a ida de público aos jogos. Tal atitude reforça a dominância do futebol no campo esportivo brasileiro, uma vez que tal cenário não é exclusividade do FA, outras modalidades também acabam por ter equipes filiadas a equipes de futebol, como é o caso do futsal, voleibol e basquetebol.

Finalizando as novas disputas do subcampo do FA, o que se obteve foi a resposta para uma das questões centrais do trabalho: “quais são os objetivos das equipes e entidades organizadoras da modalidade?”. Uma vez que durante as falas dos dirigentes, tornou-se evidente que uma das motivações para a criação da SPFL foi que aquilo que a FEFASP tinha

como objetivo, de fomentar a prática, estruturar as equipes e possibilitar a melhora nos jogos, não atendia mais às demandas de algumas equipes.

A SPFL, à partir dos discursos dos dirigentes que participam do campeonato, surge na tentativa de aproximar o FA paulista da profissionalização, um campeonato que busca vender um produto, guardadas as devidas proporções, algo semelhante ao que a NFL faz nos EUA. Dessa forma, constrói-se um *habitus* por parte dos dirigentes da SPFL muito mais voltado para o aspecto mercadológico, que buscam uma massificação da modalidade. Por outro lado, pode-se elaborar um *habitus* por parte da FEFASP mais preocupado com uma democratização do esporte, a partir da melhora de condição das equipes para que o nível técnico do jogo seja elevado de forma constante e semelhante. Para que então se dê o próximo passo em direção à profissionalização do FA.

Esse trabalho se propôs a investigar um recorte específico da modalidade no estado de SP, que possibilitou compreender como a vinculação se desenvolveu e o que, a partir dela, ocasionou no subcampo. É possível verificar que as categorias analíticas propostas por Bourdieu na Teoria dos Campos auxiliam no desvendar das relações existentes no espaço investigado.

Não houve, nesta pesquisa, a pretensão de cessar as discussões sobre o FA paulista, pelo contrário, a partir das contribuições desse trabalho, novas investigações se fazem pertinentes para o subcampo. Questões relacionadas à gestão esportiva, modelos de organização de campeonato, possibilidades de comercialização do FA, facilidades e dificuldades por estar no interior ou capital, como melhorar as estruturas das equipes, e quão atuante é a participação das equipes de futebol nas filiações com equipes de FA. Além disso, de estender a participação aos demais dirigentes ou novos questionamentos para outros agentes no subcampo, como treinadores e jogadores.

REFERÊNCIAS

- ALCANTARA, C.; AKITA, E. **Brasil vê 'boom' de praticantes e fãs do futebol americano**. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol-americano/futebol-americano-cresce-em-audiencia-e-praticantes-no-brasil,adce1c28a4ccce56a647b96fd75100bo1whpde3.html>>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- ARONSON, J. A Pragmatic View of Thematic Analysis. **The Qualitative Report**, v. 2, n. 1, p. 1-3. 1995. Disponível em : <http://nsuworks.nova.edu/tqr/vol2/iss1/3>. Acesso em : 21 abr. 2016.
- BENELI, L. de M.; RODRIGUES, E. F.; MONTAGNER, P. C. **O modelo de Brohm e a organização do basquetebol masculino brasileiro**. Conexões, Campinas, SP, v. 4, n. 1, nov. 2007. ISSN 1983-9030. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637962>>. Acesso em: 03 jan. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/conex.v4i1.8637962>.
- BOURDIEU, P. Sport and social class. **Social science information**. V. 17, n. 6, p. 819-840. 1978.
- _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero. 1983a.
- _____. Trabalho e projetos. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo: Ática, 1983b, p.38-45.
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil. 1989.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1990.
- _____. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. **Pro-Posições**. Campinas, v. 25, n. 1, p. 247-256, abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- _____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus. 1996.
- _____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Tahar, 1997.
- _____.; DAUNCEY, H.; HARE, G. The state, economics and sport. **Sport in Society**, v. 1, n. 2, p. 15-21, 1998
- _____. Capital social. Notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, p. 65-69. 1998a.
- _____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, p. 71-79. 1998b.
- _____. **A distinção**. Crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk 2013.
- _____. The forms of capital. In: RICHARDSON, J., **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**. Westport: Greenwood, 1986, p.241-258.
- BOURDIEU, P.; WACQUANT, L. **An invitation to reflexive sociology**. Chicago: University of Chicago Press. 1992.
- BRASIL. Lei Nº 9.615, de 24 de março de 1998. Institui normas gerais sobre desportos (Lei Pelé).

BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research In Psychology**, v. 3, n. 2, p.77-101, jan. 2006. UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

BUENO, Igor Alexandre Silva. **O futebol americano em Cuiabá Mato Grosso: a construção de uma demanda esportiva**. 2016. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL AMERICANO. **Sobre**. Disponível em: https://www.facebook.com/CBFA.official/info?tab=page_info/. Acesso em: 18 set. 2016.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL AMERICANO. **Nota Oficial de Unificação**. 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/CBFA.official/photos/a.115407638627163.22672.115378308630096/562133297287926/?type=3&theater;>. Acesso em: 20 mar. 2016.

CREPEAU, R. C. **NFL Football: The History of Americas's New Pastime**. Illinois: University of Illinois Press, 2014.

CURTI, A. **Manual do futebol americano**. Santos. Simonsen, 2016.

EILER, S. **American Football Made In Germany**. Sport Orthopädie - Sport Traumatologie, Kusterdingen, v. 27, n. 2, p.65-73, mar. 2011.

EMPRESA PAULISTA DE PLANEJAMENTO METROPOLITANO S/A. **Região Metropolitana de São Paulo**. Disponível em: <https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP>. Acesso em: 10 set. 2017.

ESPN. **ÉPICO! Patriots conseguem virada inacreditável e vencem o Super Bowl LI**. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/668718_epico-patriots-conseguem-virada-inacreditavel-e-vencem-o-super-bowl-li. Acesso em: 07 fev. 2017.

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL AMERICANO DO RIO DE JANEIRO. **Sobre**. Disponível em: https://www.facebook.com/pg/fefarj/about/?ref=page_internal. Acesso em: 7 ago. 2017.

FRONTELMO, P.; RIBEIRO, C.H.V. **Futebol Americano no Brasil. Estratégias e Limitações no país do Futebol**. Revista Digital efdeportes.com, 2006. Disponível em: <http://efdeportes.com/efd102/futebol.htm>. Acesso em 30 julho 2014.

FUTEBOL AMERICANO BRASIL. **Campeonatos**. Disponível em <http://futebolamericanobrasil.com/category/campeonatos/>. Acesso em 20 nov 2017.

GEBARA, A. História do Esporte: Novas abordagens. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (orgs.) **Esporte: História e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 5-29.

GERAQUE, E. **Bola oval movimentada 'elefantes brancos' da Copa do Mundo-2014**. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/esporte/2017/07/1897636-bola-oval-movimentada-elefantes-brancos-da-copa-do-mundo-2014.shtml>. Acesso em: 02 ago. 2017.

GIBSON, T. Accomodating Critical Theory. In: BRYANT, A; CHARMAZ, K. (ed.) **The SAGE Handebook of the Grounded Theory**. London: SAGE, p. 436-453, 2007.

GLOBOESPORTE.COM. **Com show de Brandon, Arsenal bate Corinthians na Arena Pantanal**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/mt/noticia/2016/07/com-show-de-brandon-arsenal-bate-corinthians-na-arena-pantanal.html>. Acesso em: 09 jul. 2017.

GUEST, G.; MACQUEEN, K. M.; NAMEY, E. E. Introduction to Applied Thematic Analysis. In: GUEST, G.; MACQUEEN, K. M.; NAMEY, E. E. **Applied Thematic Analysis**. Thousand Oaks: Sage Publications, Inc., p. 3-21. 2012.

GUTTMANN, A. Civilizes Mayhem: Origins and Early Development of American Football. In: MALCOLM, D.; WADDINGTON, I. (Ed.). **Matters of Sport: Essays in Honor of Eric Dunning**. Nova Iorque: Routledge, p. 31-39. 2008.

HOWE, P. D. **Sport, professionalism and pain: ethnographies of injury and risk**. New York: Routledge, 2004.

JÚNIOR, V. R. M; MARQUES, R. F. R. O sub-campo do futebol americano no estado de São Paulo: parcerias entre equipes de futebol americano com equipes de futebol. In: **IX Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana XV Simpósio Paulista de Educação Física (IX CIEFMH e XV SPEF)**, 2015, Rio Claro. Suplemento I. Rio Claro: UNESP. v. 21. p. 236-236. 2015.

MACEDO, S. **Crescimento do interesse por futebol americano no Brasil atrai NFL**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2017/02/1855099-crescimento-do-interesse-por-futebol-americano-no-brasil-atrai-nfl.shtml>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

MARCHI JUNIOR, W. **Sacando o Voleibol**. São Paulo: Hucitec, 2004.

MARQUES, R. F. R. Contribuições da Obra de Pierre Bourdieu para a Pesquisa em Sociologia do Esporte no Século XXI. In: **Estudos interdisciplinares em sociologia do esporte**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, p. 9-37. 2015.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; DE ALMEIDA, M. A. B. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Conexões**, Campinas, SP, v. 6, n. 2, ago. 2008. ISSN 1983-9030. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637803>>. Acesso em: 27 jan 2016. doi:<https://dx.doi.org/10.20396/conex.v6i2.8637803>.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; MONTAGNER, P. C. Novas configurações socioeconômicas do esporte contemporâneo. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 20, p. 637-648, 2009.

MARTINS, H. H T. de S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**. São Paulo. v. 30, n. 2, p. 289-300, mai/ago. 2004.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 9º ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORALES JÚNIOR, V. R.; MARQUES, R. F. R. O Futebol Americano no Estado de São Paulo: A Violência sob a Ótica dos Dirigentes. In: ALMEIDA, M. A. B. de. **Estudos interdisciplinares em sociologia do esporte**. Cap 4, p. 91-109. 2.ed. São Paulo: EACH, 2015. Disponível em: <http://200.144.182.130/ludens/images/publicacoes/Livro_II_EPSE.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2015.

MORALES JUNIOR, V. R., MARQUES, R. F. R. O futebol americano no estado de São Paulo: disputa por legitimidade entre entidades reguladoras no período de 2012 a 2014. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 19, n. 4, dez. 2016a. ISSN 1980-6183. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/34425>>. Acesso em: 26 set. 2017. doi:<https://doi.org/10.5216/rpp.v19i4.34425>.

MORALES JÚNIOR, V. R., MARQUES, R. F. R. O futebol americano e a teoria dos campos: a análise histórica da modalidade nos Estados Unidos na perspectiva da obra de Pierre Bourdieu. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport (ALESDE)**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 11-24, dez. 2016b.

ISSN 2238-0000. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/45493/34168>>. Acesso em: 11 jan. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/jlasss.v7i1.45493>.

NATIONAL FOOTBALL LEAGUE. **London Games**. Disponível em: <<https://www.nfl.com/london-games>> Acesso em: 20 ago 2017a.

NATIONAL FOOTBALL LEAGUE. **Mexico Game**. Disponível em: <<https://www.nfl.com/mexico>> Acesso em: 20 set 2017a.

NATIONAL FOOTBALL LEAGUE. **Standings**. Disponível em: <<https://www.nfl.com/standings/division/2017/REG>> Acesso em: 05 jan 2018.

PEREZ, A. J. Super Bowl LI viewership ranks among top five. **Usa Today**. Mclean. 06 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.usatoday.com/story/sports/nfl/2017/02/06/super-bowl-li-falcons-patriots-tv-rating-fox/97546162/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

PRIMEIRA LIGA. **A Liga**. Disponível em: <<http://www.primeiraligabr.com/liga.aspx>>. Acesso em: 16 out. 2017.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

RODRIGUES, F. X. F. et al. FUTEBOL AMERICANO NO PAÍS DO FUTEBOL: O CASO DO CUIABÁ ARSENAL. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 41, p.227-247, julho/2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/4784/3832>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

RIESMAN, D., DENNEY, R. Football in America: A study in cultural diffusion. **American Quaterly**, 3, 309-319.

SABINO, M., MAINARDI, D. **Onde está o patrocínio do Torneio Touchdown?** Disponível em: <<https://www.oantagonista.com/brasil/onde-esta-o-patrocinio-do-torneio-touchdown/>>. Acesso em: 07 ago. 2017.

SILVEIRA, D. **Número de desempregados cresce 38% em 2015, maior alta da história**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2016/11/numero-de-desempregados-cresce-38-em-2015-maior-alta-da-historia.html>>. Acesso em: 20 set. 2017.

SMITH, R. **Sports and freedom: The rise of big-time college athletics**. New York: Oxford University Press. 1988.

SOUZA, J. de; MARCHI JÚNIOR, W. Por uma sociologia reflexiva do esporte: considerações teórico-metodológicas a partir da obra de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p.293-315, 2010.

São Paulo Football League. **Carta aberta ao público do Futebol Americano**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/SPFootballLeague/photos/a.1702779999961256.1073741828.1702778519961404/1702779719961284/?type=3&theater>> Acesso em 20 jun 2016.

STAMM, M. **Futebol Americano já rivaliza com o 'soccer' em Mato Grosso**. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/lance/futebol-americano-ja-rivaliza-com-o-soccer-em-estado-brasileiro,c4b004c068a2911cb999110f006f3707nh4gwuza.html>>. Acesso em: 18 mai. 2017.

STEWART, M. **Football: A history of the gridiron game**. Franklin Watts, 1998.

STORM. **Futebol Americano**. Disponível em: <<http://www.saopaulostorm.com.br/category/futebol-americano/>> Acesso em 10 set 2016.

STORM. **História**. Disponível em: <<http://saopaulostorm.com.br/historia/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

THOMAS, J. R; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TOUCHDOWN. **Touchdown**. Disponível em: <<http://www.touchdown.com.br/touchdown/>> Acesso em 19 de set. 2016.

ANEXOS

1 – Aprovação do Comitê de Ética

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa
Campus de Ribeirão Preto
Of.CEtP/FFCLRP-USP/16-dgfs

Ribeirão Preto, 26 de fevereiro de 2016

Prezado Pesquisador,

Comunicamos a V. Sa. que a emenda ao projeto de pesquisa intitulado **“Descrição do campo social do futebol americano no estado de São Paulo: Organizações burocráticas e disputa por capitais”** foi analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 152ª Reunião Ordinária, realizada em 25.02.2016 enquadrada na categoria: **APROVADO** (CAAE n.º12765913.0.0000.5407).

Solicitamos que ao término do estudo um relatório final seja entregue via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Marina Rezende Bazon
Coordenadora

Ao Senhor
Prof. Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques
Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP
Fone: (16) 3315-4811 / Fax: (16) 3315-9101
Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 23 - casa 37 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br> - e-mail: coetp@ffclrp.usp.br

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O (a) Sr (a). foi selecionado(a) e está sendo convidado(a) para participar da pesquisa **intitulada** “*Subcampo social do futebol americano no estado de São Paulo: processo de unificação e suas consequências*”, que tem como **objetivo**, investigar características socioculturais próprias do subcampo social do futebol americano no estado de São Paulo após a unificação das entidades reguladoras. Este estudo tem como **método** de coleta de dados a aplicação de uma entrevista com dirigentes de futebol americano do estado de São Paulo.

Suas respostas serão tratadas de forma **anônima** e **confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome não aparecerá em qualquer momento. Porém, por se tratar de um grupo de participantes pequeno e bem definido, há certo risco de identificação dos sujeitos por meio dos resultados a serem publicados. Os **dados coletados** serão utilizados apenas nesta pesquisa e os resultados divulgados em eventos e/ou revistas científicas.

Sua participação é **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode **recusar-se** a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e **retirar seu consentimento**. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados.

Sua **participação** nesta pesquisa consistirá em responder a entrevista, que será gravada em áudio para posterior análise, visto que isso possibilita a preservação dos dados e análise sobre os temas tratados. Após a utilização do áudio e transcrição das entrevistas, os arquivos serão guardados por 5 anos e após este período serão descartados. O tempo de duração aproximado da entrevista é de 30 a 40 minutos. Esta será realizada pelo pesquisador responsável em local escolhido pelo Sr.

O(a) Sr(a). não terá nenhum **custo ou quaisquer compensações financeiras**. Esta pesquisa não envolve **riscos previsíveis** relacionados à sua participação, exceto de possível identificação por meios que fogem ao controle dos pesquisadores. Os **benefícios** relacionados à sua participação serão de aumentar o conhecimento científico para a área de Educação Física e Esporte, relativo a questões políticas, gerenciais e de participação social que envolva o futebol americano no estado de São Paulo. Tais resultados oferecerão subsídios teóricos tanto a pesquisadores, quanto a profissionais que atuem nesta área.

O(a) Sr(a). receberá uma via deste termo onde consta o telefone/e-mail do pesquisador responsável, podendo tirar as suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Desde já agradeço!

Pesquisador responsável

Pesquisador responsável: Dr. Renato Francisco Rodrigues Marques

Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Avenida Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, Ribeirão Preto/SP. (16) 3315-0347

E-mail: renatomarques@usp.br

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO, e que minhas respostas à entrevista serão gravadas em áudio e estou de acordo em participar do estudo proposto sob tais condições, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: _____
(nome por extenso e assinatura e data) ¹⁰

¹⁰ Caso você tenha alguma dúvida agora ou em qualquer outro momento da pesquisa, estou disponível para responder. Para esclarecimento de dúvidas sobre ética você pode entrar em contato com o Comitê de Ética que conhece esta pesquisa e autorizou que ela pudesse ser realizada. Os dados são os seguintes:

Apêndice B – Roteiro da Entrevista Semiestruturada

- 1- Cargo dentro da equipe e data de início. Experiência no futebol americano. Formação acadêmica. Idade.
- 2- O que motivou o início das conversas das equipes da LPFA com a FEFASP sobre a unificação?
- 3- Como foi a participação das equipes já filiadas à FEFASP nesse processo?
- 4- Houve tentativa de se fazer o caminho inverso? Ou seja, a unificação resultar na permanência da LPFA? O que ocorreu com a LPFA?
- 5- Quais foram as condições impostas pela FEFASP para aceitar as equipes da LPFA?
- 6- Como fica a relação da FEFASP com a CBFA?
- 7- Fale sobre a criação da SPFL.
- 8- Em quais aspectos a gestão da FEFASP se diferencia da gestão da LPFA?
- 9- Qual a perspectiva de desenvolvimento da modalidade a partir da unificação?
- 10- Percebe-se uma eventual disputa entre equipes da capital contra equipes do interior?
- 11- Fale sobre sua perspectiva a respeito dos processos de desenvolvimento, organização e divulgação do futebol americano no Brasil.

APÊNDICE C – Entrevista com o Dirigente 1 (D1)

P: A primeira pergunta é um pouco mais pessoal. Gostaria de saber hoje qual é o cargo que você tem dentro da equipe que você participa e quando você começou na sua equipe.

R: Bom, hoje eu sou presidente do conselho fiscal e jogador, mais jogador que de fato conselheiro, a gente ajuda no que é necessário. Fundei a equipe em 2007, então estou desde 2007 aí, vai dar quase 10 anos, é 9 anos. E nesse processo acredito que seja interessante porque eu sou vice-presidente, então acho que é o vai mais contribuir aí para a sua pesquisa.

P: Maravilha. A experiência no futebol americano então é 9 anos.

R: Acompanho há mais tempo, mas prática mesmo de 2007.

P: Formação acadêmica?

R: Superior incompleto.

P: Qual o curso?

R: Gestão pública e administração também.... Aí você vê qual é melhor usar.

P: Idade?

R: 2016.... Eu estou com 30 anos. Tô meio perdido no tempo, tá complicado.

P: Bom, agora entrando no processo. O que motivou o início das conversas da liga paulista com a FEFASP, ou da FEFASP com a liga, sobre unificar?

R: Bom, a LPFA perdeu o comando dela, perdeu a diretoria dela, assim, tinha uma diretoria que acabou se dissipando, e ficou abandonada. A FEFASP em consequência veio crescendo, aumentando a adesão e divulgação e enfim, participação, tudo né, foi crescendo como federação e aí surgiu algumas equipes que não se achava que enquadrava no quadro da FEFASP e foi para LPFA. Teve um campeonato dessa nova gestão da LPFA, porém a FEFASP de uma organizada, estruturada, com bastante equipes competitivas, enfim, com uma estrutura muito grande, essas equipes preferiram não, assim, correr num paralelo nesse ano, mas aí decidiram conversar para ver o que era possível fazer essa unificação. Eu não participei dessa conversa direta da unificação, acredito que o presidente vai saber te dizer com mais exatidão o que foi conversado, porém na reunião decidiu-se que, foi votado na FEFASP que iriam trazer as equipes LPFA e iriam aceitar as equipes LPFA na FEFASP porque algumas equipes inclusive com histórico de indisciplina, enfim, com histórico negativo, foi decidido que se a FEFASP tinha/tem esse pensamento que de fato é de desenvolver o futebol americano, não só como

campeonato, mas que as equipes poderiam se unificar. E foi essa a temática e juntou-se as equipes, foram aceitas todas as equipes e aí uniu de fato as federações, né...

P: Então veio por uma procura das equipes da Liga.

R: Isso, da LPFA para a FEFASP. A FEFASP sempre foi assim ó: a gente aceita todos desde que né, cumpra os requisitos, o histórico seja positivo. E assim, essa outra liga, esse grupo que se formou lá, eles sempre tentaram minar, e a gente sempre conseguiu mostrar mais serviço do que dar razão para os comentários negativos deles e eles cansaram né... porque uma federação organizada com mais de 20 equipes federadas, com campeonato com 16 equipes, grandes marcas, a outra com algumas equipes em surgimento, falou: melhor integrar do que ficar concorrendo né. E assim foi...

P: Então as equipes que já estavam criadas na FEFASP participaram do processo de unificação? Como se deu isso?

R: Isso, foi uma reunião né, como houve a procura de algumas equipes da LPFA de ir pra FEFASP, foi devolvido como assim: ou vem todo mundo ou não precisa. Uma ou duas equipes até interessante, tinha uma equipe com uma marca mais forte, pode falar?

P: Pode.

R: É o Storm, que era bem interessante ter na FEFASP. Aí foi conversando e aí isso na reunião o xxxxx relatou que pediram: vamos ver se todos podem entrar e aí foi colocado em votação para todos os dirigentes da FEFASP naquele momento, se aceitariam ou não as equipes. E foi aceita.

P: Então a entrada passou pela pauta de todo mundo. Não foi uma decisão de uma pessoa.

R: Isso, passou por tudo mundo, foi uma votação, inclusive.

P: Que é forma como a FEFASP se gerencia né, trazem para os dirigentes das equipes e vocês...

R: Exatamente, as demandas existem, aí é pontuado, lógico que muitas vezes uma demanda que quase ó, se a gente falar “ok” vai acontecer tal coisa, se falar que não vai tal coisa. Mas muitas vezes a demanda é votada.

P: Bom, então dessa forma não houve a tentativa de fazer o caminho inverso. A unificação, em nenhum momento, resultaria na manutenção do nome liga paulista?

R: Não, inclusive se não me engano, o CNPJ da LPFA está em um processo de transformação para ser FEFASP, vai manter acho que o número e se mudar só a razão social, isso eu não estou muito a par porque está mais que o presidente lá, não sei como está.

P: Beleza. E houve algum tipo de condição imposta pela FEFASP para aceitar essas equipes. Você falou de um histórico.

R: É, assim, a gente preza.... Porque assim, lá na LPFA era muito assim: tinha um, dois que mandava e os outros obedeciam, se discordava eram repreendidos e na FEFASP era sempre como eu falei né, uma demanda era colocada votação, votava quem queria e quem não queria, e aí a maioria sempre vencia. Então a exigência, de fato, foi: tinha algumas equipes que tinham denegrido a imagem da FEFASP, então foi meio que uma desculpa publica né, uma desculpa para os dirigentes, uma desculpa falando... é uma desculpa, acho que pode ser usado o termo, e poucas equipes, acho que uma ou duas só, e de fato obedecer as regras do campeonato né, aqui é um conselho, tem uma diretoria, o conselho é esse, vota, todo mundo é igual, não tem você, “ah você é o Storm”, não significa que você é maior que o Jaboticabal Defenders por exemplo, você tem direitos iguais, logico que eles tem condições melhores, enfim... E foi mais isso, obedecer as regras da FEFASP que é isso, cumprir com as obrigações financeiras e data de calendário, é isso...

P: Questão de inscrição de campeonato, pagamento de taxas...

R: É, eles tinham uma maneira de trabalhar, de fato é aceitar a maneira de trabalhar nossa né, ah e que de fato aceitar essa questão de conselho né, porque para eles lá era sempre alguém mandando, mas na FEFASP não é assim. E é isso, foi isso mesmo, de fato aceitar as normas da FEFASP, calendário, questões financeiras, taxas, compromissos com a federação.

P: Bom, então pensando um pouco nacionalmente, como ficou a relação da FEFASP com a confederação brasileira?

R: É, com essa unificação, a conversa de uma federação filiada a confederação brasileira aumentou né, a intensidade dessa conversa e de fato eu não vou saber dizer, provavelmente o xxxxxx saiba melhor como está essa conversa. Existiu, inclusive recentemente, uma conversa bem forte de oficializar a federação paulista, mas não sei se ainda está... deixa eu ver se tá, deixa eu lembrar.... É, que eu lembro quando conversou, teve a unificação, teve uma conversa forte

de ser única, mas então, essas questões mais de filiar é o Piunt que tá a par, eu não tava muito a par. E hoje em São Paulo não existe uma federação reconhecida pela federação nacional. Mas assim, eu vou ser bem sincero, é anônimo também, nem a federação brasileira está organizada estruturalmente para: “ah, uniu, tá tendo um campeonato só brasileiro, pô, legal”, mas por exemplo, num jogo contra o Santos, em conversas com o árbitro, eu perguntei sobre uma norma e ele falou: “ah, então, isso realmente tá no regulamento, mas o regulamento não tá pronto ainda”, aí eu falei: “mas gente, a gente já tá no começo do campeonato, praticamente segunda, terceira semana”, ele falou: “é, não tem nada pronto”. Então o futebol americano no Brasil ainda é desorganizado a nível federativo. Então, assim, a FEFASP vem lutando para estruturar e com isso falar: ‘ó federação, a gente tá organizadinho, então tá, ok, beleza”, e parece que tem uma taxa que você paga também, então essa taxa é passada aos clubes e os clubes não gostam muito, então tá sendo estudado uma proposta disso também. Hoje a FEFASP é reconhecida como federação paulista, porque é a única federação em SP e, digamos assim, já há cinco anos atuando né, então as pessoas reconhecem como a federação de SP. A LPFA morreu mesmo, não tem time, é um CNPJ parado, criado lá em 2001, onde a FEFASP tá buscando esse tramite para fazer a alteração. Então, junto a CBFA hoje a FEFASP é reconhecida como uma federação paulista, porém não juridicamente, acho que esse é o termo, entendeu? Juridicamente ainda não tem esse reconhecimento, a não ser que mude, as vezes ele pode te dar um relato diferente que eu não estou sabendo, porque faz alguns meses que eu não falo com ele. Então teve bastante coisa nesse meio tempo, entendeu?

P: Bom, a principal consequência da unificação que aconteceu de famoso nesse ano foi o anúncio da São Paulo Futebol League. Conta essa história.

R: (Risos) A São Paulo Football League, de fato, vou falar o conceito bonito da São Paulo Football League vai, depois eu passo para os meados mais ruins, os menos piores, mais ruins ficou feio. A SPFL veio com uma proposta para ser uma liga independente, igual teve no soccer um campeonato brasileiro independente, porém no soccer tem muito dinheiro envolvido, tem televisão, então você acaba conseguindo abafar ou não uma liga ou outra. A SPFL veio com uma proposta de ser uma liga independente, uma forma de organização onde visa o lucro, então assim, as equipes vão jogar para dar público, vão jogar para ver o valor que tem e com isso dividir o lucro disso. Visando o lucro, puxaram todas as marcas de futebol que tem em São Paulo, junto com o Storm, que é uma equipe tradicional e de São Paulo capital, e assim eles fizeram um campeonato. Pelo relato de dirigentes comigo, que participam, pela participação como jogador, pela visualização como público né, porque sou os três, na boa, não atingiram o

que eles queriam. Porque dois jogos dos Xxxxxx, se tinham cem pessoas no estádio era muito, então assim, na minha época como presidente dos Xxxxxx em jogos não tão importantes eu trazia mais pessoas para ver o futebol americano. Tanto que foi focado todos os jogos lá na capital né, sempre usando o Canindé, que é ali em frente ao CT do São Paulo e do Palmeiras. Então essa era a proposta deles: trazerem público, dinheiro e as equipes dividirem esse lucro. Tanto que até conversando, eu perguntei qual é a proposta e se eu quiser participar dessa liga, sou um time novo e se eu quiser participar? Vai ser avaliado a estrutura do time e não de fato a qualidade técnica. Aí me lembrou muito a questão dos Estados Unidos, é assim né, existe a NCAA, existe as divisões, as faculdades mais estruturadas estão de um jeito, daí vai descendo. Por exemplo as forças armadas disputam a liga inferior porque eles não focam muito, eles têm lá o programa de treino então eles jogam. Então é interessante, mas eu acho que o brasil não está preparado para isso, então trabalharam, pelo que me falaram os dirigentes não tiveram o retorno esperado, não sei se vai ser uma conversa para ter uma liga só... tanto que o pessoal da SPFL reconhece a FEFASP como federação de São Paulo, eles só quiseram fazer um campeonato à parte, deles, entendeu?

P: E não participaram do campeonato paulista.

R: É, o Storm participou. O Xxxxxx não conseguiu participar porque não tinha jogadores para dividir... o Storm tem 150 atletas, ele conseguiu destinar dois times, o Corinthians eu acho que como adquiriu o time recentemente, ele não quis disputar os dois... então assim, houve a conversa de dois, três times, a ponte preta chegou a cogitar, participar da FEFASP e da SPFL, aí não participou, eu não vou saber dizer por quê.

P: Só o Storm participou.

R: Só o Storm participou, e assim, foi muito bom, envolveu todos os atletas deles e essa atitude do Storm foi legal porque você cria uma liga, mas não deixa sua federação na mão, porque o que impactou negativamente foi que eles decidiram criar essa liga, anunciar a criação dessa liga logo depois da divulgação da tabela da FEFASP, então assim foi muito ruim e eu vou entrar no meandro mais profundo, no lado obscuro. O maior incentivador, quem cobrou mais atitude da FEFASP de organizar o calendário rápido e a gente sempre correspondendo as exigências foi o Trigo, presidente do Corinthians. Quando estava tudo redondinho, estruturadinho, ele falou: “não, tá tudo errado, vou criar uma liga nova”. Lógico que essa conversa da liga nova já vinha sendo alimentada e aí vem o lado obscuro: a minha sensação é que ele tinha essa liga nova montada, ele fez a FEFASP, cobrando, e aí a FEFASP estruturou,

e aí ele saindo mostrando essa nova liga ele impactava negativamente a FEFASP, ele fazia com que a FEFASP “pô, perdeu tudo os times, não vai ter mais”, entendeu? Então assim, a FEFASP mesmo com o baque de perder times de marcas importantes, se organizou, se reestruturou em uma semana, acredito, conseguimos fazer a tabela de grupos e o campeonato aconteceu e assim, o Corinthians tem um histórico lá dentro da FEFASP de não pagar a inscrição de dois campeonatos, está devendo dinheiro para a FEFASP, influência de árbitros, sempre querendo cobrar atitudes em campo pró time deles. Então assim, é um histórico bem negativo dentro da FEFASP que sempre foi aceito, tolerado, aceito não, tolerado, devido a marca Corinthians que é muito grande, então você tinha de tolerar algumas atitudes. E assim, as equipes envolvidas sem ser da capital, Corinthians e Portuguesa, foram muito prejudicadas porque o público sempre São Paulo, você não leva gente daqui, público, mídia sempre em São Paulo capital. Então assim, as equipes, Ponte Preta, Botafogo, o próprio São Caetano que está ali na grande SP, mas não é capital de fato né, eles foram meio que prejudicados, na minha visão, com essa liga. E beneficiou quem? A Portuguesa, porque hoje o futebol da Portuguesa soccer está muito ruim e o futebol americano está mostrando que tem força, o presidente lá quer mostrar que tem força para usar o Canindé, mídia, então ele está usando em benefício próprio e o dinheiro também, lógico. E o presidente do Corinthians sempre pensa: “vou evoluir o futebol americano, mas primeiro o meu bolso”. Então teve essas questões aí, que assim, eu estou supondo e é uma dedução minha, eu não tenho como provar nada, então assim, é minha leitura política, vamos dizer assim, de todo o processo. Eu tenho para mim que eles vão tentar mais um ano e não vão conseguir e eu acho que a proposta deles é interessante, mas poderia ser adaptada para a própria FEFASP, entendeu? Porque visar lucro é importante, mas não é só isso né, o futebol americano hoje não é desenvolvido a ponto de você pensar no lucro apenas. Então talvez exista uma conversa não de unificação, mas que SPFL continue, a FEFASP reconheça, “você é uma liga reconhecida pela federação paulista, porém os seus times têm que jogar aqui também, então se virem aí para se dividirem, joguem os dois, enfim, a gente casa o calendário”, talvez seja uma conversa essa. Ou não, até mesmo integrem todas as equipes SPFL, enfim, não sei o que vai acontecer para o ano que vem.

P: Então hoje o Xxxxxx é FEFASP?

R: É FEFASP, porém joga SPFL, entendeu? Ponte Preta é FEFASP, porém joga SPFL. Storm é FEFASP e joga as duas.

P: Acabou não voltando ao que era?

R: Mais ou menos. Porque a LPFA era uma liga independente, eu faço do jeito que eu quero e eu sou uma federação, sou uma liga, e eu quero, eu quero, eu quero, eu sou assim e é essa estrutura e vai. O foco também era desenvolver, então tinha esse conflito de objetivos, eu acho que parece muito ser igual ao que era, porém, é.... se for ver é verdade, porque antes era focado no lucro também mas para alguns e tá da mesma forma. Só que dessa vez eles conseguiram fazer o canto da sereia, que é o que eu falo, as duas marcas que eu falei que visaram o benefício próprio conseguiram ludibriar todos os outros e levar, tanto que os Xxxxxx, relato o termino, porém muito em “off” aí, que por exemplo, o mando contra o xxxxxxxxxxxx que era do terceiro jogo era pra ser em xxxxxxxxxxxx, eles venderam esse mando para a liga, pra ser em São Paulo, mas a liga pagaria o ônibus desse transporte, os jogadores tiveram que pagar, inclusive está devendo aí, enfim. Então assim, é muita balela e pouca ação. Em São Paulo teve repercussão? Teve, porque o Frota que é parceiro do Trigo consegue a penetração nos canais secundários, então assim você tem uma certa divulgação, mas quem está nas entrevistas sempre? O Corinthians, no máximo Portuguesa e Storm, então assim benefícios de alguns times. Mas igual eu falei, canto da sereia, uma hora acaba. Por isso que eu acho que dure mais um ano, no máximo, entendeu?

P: Acho que a criação da SPFL é a principal consequência da unificação. O Storm no primeiro ano de participação do torneio da FEFASP, ele ganhou o torneio da FEFASP. Será que não foi uma tentativa de alguém insatisfeito com o Storm já ter chego, já ter ganho, falar: “não, ó, vamos fazer uma outra para tentar ver se a gente ganha”?

R: (risos) ah, acho que não....

P: Porque a gente tinha uma hegemonia no estado de São Paulo, na FEFASP que foi quebrada.

R: É, inclusive os dois times não vão chegar na final, né? Não foi nem o Corinthians e nem os Xxxxxx que chegou. Foi quem? O Storm e o Campo Grande, é verdade. Então, acho que não nessa visão. O que, o que... espera aí, deixa eu organizar o pensamento aqui... Da hegemonia não. De fato, uma coisa é certa: Santos e Portuguesa devem ir pra FEFASP porque eles participaram da FEFASP em 2012, ficaram devendo, o Santos ficou devendo não sei quantos dinheiros lá e não quis participar depois mais, focando só no nacional. E a portuguesa perdeu um jogo dentro da FEFASP que achou que ia ganhar e ficou revoltado, falou que os times são muito ruins, detonou toda a FEFASP e saiu. Eles quiseram voltar porque com a unificação o Storm criou um campeonato só, ah vai entrar no que você falou basicamente, com a unificação desse campeonato o Santos e a Portuguesa quiseram participar, “então portuguesa,

vocês têm uma dívida aqui com a federação”, “não, já foi, não tem”, tem, não tem, tem, não tem.... “Portuguesa, pague o que você deve, pede desculpas para todos os dirigentes, porque em uma reunião você detonou toda a federação, falou que os times eram fracos e o campeonato deveria ser mais competitivo, peça desculpas a todos e volta. Santos, pague o que deve e você tá dentro”, disseram que iam pensar e não quiseram, não vieram e criaram essa nova liga. Então assim, não é quebrar a hegemonia no caso do Storm, “ah, foi campeão, eu quero ser campeão, não quero participar desse campeonato, vou criar o meu”, é outra leitura minha que eu fiz, entendeu? Então por isso que eu acho que vai acabar acontecendo de eles voltarem, é uma tentativa e é até bom que eles voltem porque aí vai mostrar que foi frustrada a tentativa, né?

P: Vai mostrar que a FEFASP realmente.

R: Porque a gente aconteceu sem as marcas de futebol. Aconteceu o campeonato, ah teve repercussão? Teve. E o futebol americano cria essa falsa ilusão, mesmo o nacional, quando o xxxxxx joga a repercussão é regional. E aí é o ponto que foram burros. Se você cria a federação, por exemplo o xxxxxx, você tá jogando, é, você foi jogar uma em Santos contra o Santos, você foi jogar uma em São Paulo contra a Portuguesa no Canindé e aí você iria jogar em Ribeirão você foi pra São Paulo de novo jogar contra o Palmeiras. Você gastou 3 mil reais em cada viagem no máximo, 9 mil reais, você joga aqui a FEFASP em Jaboticabal, Brodowski que o Alligators tá lá agora, você vai jogar no máximo Leme e se você for para a final vai jogar em Leme. Então assim, é muito mais barato, “ah, mas a inscrição da FEFASP é muito cara”, depende do ponto de vista porque quem votou para ser o tipo de inscrição do jeito que é foram os próprios times, entendeu? Foram propostas 5, 3 propostas de inscrição, duas alternativas, foi votado, vamos ficar com essas 3, agora vamos ficar com essa aqui. Então assim, não bate muito. Porque o que acontece, a inscrição para a FEFASP, por exemplo, o campeonato custa para 12 equipes em torno de 96 mil reais, a federação não tem dinheiro, passa a régua, divide por 12 e cada um assume um tanto. “Ah, mas é muito caro, 8 mil reais é muito por time”, então vamos criar uma alternativa? Cobra do atleta esse valor. Como você cobra do atleta? É 30 reais a carteirinha para você ter para apresentar para o árbitro, cobra 100 reais do atleta e esses 70 ajuda o time a pagar o custo do campeonato. “Não, é muito caro 100 reais para o atleta”, não é 100 reais para o atleta, você precisa pagar de qualquer maneira 10 mil reais do campeonato, enfim... Então, acabou saindo elas por elas, eles racharam e aí fica meio irônico né? Porque muitos dirigentes que fizeram a SPFL comemoraram a unificação do campeonato nacional, que foi o Touchdown que parou de funcionar né, mas peraí você comemora, racha São Paulo novamente, porque você criou uma liga independente, mas seu time não tá jogando na federação, você é da

federação mas seu time não joga, então fica meio confuso, você cria uma situação confusa dessa e comemora a unificação do nacional? Tipo, que coerência que você tem? É bem complicado. Então assim, eu não acredito que foi uma tentativa de “vou ser campeão”, talvez até da Portuguesa acredito, mas a tentativa de “vou criar o meu campeonato porque você não me aceita”, esse pensamento infantil eu acredito que teve sim.

P: Engraçado que você falou que a Portuguesa e Santos tem suas divergências com a FEFASP...

R: Dívida, não é nem divergência, é dívida. Só a Portuguesa mesmo que criticou muito o campeonato pela qualidade técnica.

P: E o Corinthians encabeça a São Paulo...

R: Teoricamente. É a marca mais forte né, ele vai encabeçar qualquer campeonato que ele for jogar. E conversa de bastidores que a gente acaba ficando sabendo porque a gente conhece muita gente, que ele tá criando uma bagunça nos bastidores da CBFA porque como ele é Corinthians e ele acha que é o rei porque é Corinthians, ele faz o que ele quer. E aí ele tá criando muito problema nos bastidores da CBFA. Não sei se de fato essa informação confere, mas foi o que me trouxeram. Eles falaram: “o seu amigo lá”- ele falou que não gosta de mim, então o pessoal brinca que é meu amigo - “o seu amigo lá tá criando problema na federação brasileira, até lá”, falei “nossa, mas já? Nem começou né”, aí ficou assim. Ele não gosta de mim porque eu conheço ele, como eu venho desde o começo do futebol americano, eu vi ele crescendo também com o Corinthians e a gente sempre participou de reuniões juntos, eu sempre com uma postura mais correta, mais ponderada e ele sempre do jeito dele, “é do meu jeito e foda-se vocês”, criou essa rivalidade de personalidade, entendeu? Eu não tenho nada contra, mas declaradamente ele falou para mim que não gostava, então assim... Inclusive, foi engraçado uma situação, isso é mais off depois você vê, a gente tinha uma reunião da FEFASP com todos lá e um time de Jundáí veio conversar comigo, a gente ficou sentado do lado, “é uma delícia jogar contra vocês, a mentalidade do Xxxxxx é perfeita, vocês batem, mas é no jogo, é jogo forte, mas é no jogo, não tem deslealdade. Agora a gente vai jogar contra o Corinthians os caras dão joelhadas”, nossa detonou o Corinthians. Aí eu fiquei meio sem graça porque a gente tava todo mundo próximo né, agradeci e dei uma olhada para a frente ele tava me olhando com uma cara de ódio porque ele tava prestando atenção na conversa, mas ele tava me olhando com uma cara de ódio, e assim, isso vai criando rivalidade entendeu? Enfim, para mim foda-se, então é interessante e o mais interessante é que a FEFASP não precisou do Corinthians para funcionar,

que muitos falavam no começo que a gente precisava da marca para divulgar, mas não precisou. E foi até um campeonato mais tranquilo que com ele, entendeu? Ele sempre tentava burlar, colocar jogador que não estava inscrito, enfim... é isso. Mas eles vão voltar, vai acontecer o campeonato normalmente, é saber lidar com as pessoas, gerenciar né. E vai acontecer a unificação de fato da liga de São Paulo, entendeu, porque eles não vão resistir muito tempo.

P: Bom... Aspectos, então, que a FEFASP vai se diferenciar da gestão da Liga, que é se tornar atrativa para as equipes, para ser hegemônica no estado de São Paulo. O que é?

R: É, eu acho que de fato é aquilo que eu acabei citando até numa outra resposta lá. É você colocar todos os dirigentes em uma mesa, e ó, vamos fazer o campeonato, o campeonato custa tanto e a gente precisa dividir esse custo. A federação, o time para se inscrever na federação, hoje está tendo, mas não tinha taxa de inscrição, é mínima a taxa de inscrição, é para manter custos de site que está sendo desenvolvido, de coisas para melhorar a federação. Por isso está sendo cobrado, começou esse ano, então é pra ter alguma coisa, pra comprar troféu, medalha, essa taxa de inscrição acaba pagando esses custos pequenos, entendeu?

P: A taxa de inscrição do campeonato?

R: Do campeonato, é pouco, entendeu? E aí então, você pega o custo do campeonato e é tanto, e aí gente? Vamos pagar tudo de uma vez? Vamos dividir e pagar, normalmente é em 10 vezes que se paga o custo, então sempre fica leve para os times. Então, então tem essa... a FEFASP põe na mesa e todo mundo tem direito a opinião, a voto, então a principal qualidade da FEFASP, o diferencial dela é que todo mundo decide, não é só um ou dois ou até três que fala: “é assim”, e visando no bolso. E a FEFASP é sempre visando no bem nas equipes, custeio pra todo mundo igual, se precisa de material... que nem a FEFASP tinha um dinheiro que foi das inscrições do começo do ano, fez boné para os árbitros com a marca da FEFASP. Então assim, você acaba fortalecendo a marca da federação. Então assim, é bem focando no desenvolvimento do futebol americano, no fortalecimento do futebol americano e nas equipes. “Ah nossa”- a equipe fala – “eu tenho que jogar de sábado, eu tenho que jogar de domingo”, porque sábado tem os adventistas lá, que é do sétimo dia, ou é o contrário, sei lá, então vamos ajustar o calendário, sempre não sacrifica ou crucifica ninguém, entendeu? Então a FEFASP se diferencia... a LPFA era de um jeito, que assim, organização, exigência que a pintura do campo tem que ser desse jeito, campo mínimo com uma arquibancada com 200 pessoas, então sempre com uma normatiza para que o futebol americano tenha uma boa imagem e se desenvolva como esporte. A LPFA era mais eles lá e “vamos fazer do nosso jeito”, entendeu?

P: A partir né... apesar que agora não é mais uma unificação, mas qual era a perspectiva de desenvolvimento quando anunciaram lá no comecinho do ano passado?

R: Então... a SPFL não impactou nada na unificação isso que é o interessante. Porque assim, a unificação ela era a.... qual é o objetivo da unificação? É você ter um lugar só, aonde um time em uma cidade como, sei lá, Franca, que está surgindo, São Sebastião do Paraíso que tá surgindo, criou uma equipe aqui, “opa preciso jogar um campeonato”, aí você fica: puta, tem a liga tal, liga tal, liga tal... qual que eu jogo? Então o objetivo da unificação é dar uma referência para as equipes novas, pelo menos no meu ver é isso. Se tem uma referência para a equipe que ela vai se desenvolver e jogar aquele campeonato. Inclusive a FEFASP, a proposta para o ano que vem é ter talvez uma liga para desenvolvimento, que aí a equipe fala: “não, não to preparado pra jogar contra os grandes, contra Leme, contra Xxxxxx, contra equipes fortes, então eu quero ir pra liga de desenvolvimento”. A liga de desenvolvimento vai ter a promoção, igual o nacional hoje é, promoção e despromoção, que é o rebaixamento, aonde a equipe que for promovida, “ah, consegui a promoção, quero subir”, então beleza, vem e cai um. A segunda: “Você quer subir? ”, “ah não, to bem aqui e ainda não to preparado para jogar contra os grandes, então eu quero ficar”. Então não cai dois, sobe um, cai um, entendeu? Então tem essa linha de pensamento, pelo menos é o que eu to propondo para FEFASP empregar, vamos ver o que vai acontecer... e a quantidade de times também, porque quando abre o campeonato todo time quer jogar, você tem 40 times interessados, na hora de fechar a lista, passar a régua mesmo de quem vai jogar é 16, 12, entendeu? Então, o benefício da unificação, a perspectiva do desenvolvimento da modalidade era você dar uma referência e a própria equipe para que ela se desenvolva. “Ah, criei uma equipe. FEFASP preciso de uma ajuda aqui.... O que eu faço? Aonde eu compro equipamento? ”. Você ter um socorro para as equipes, eu acho que a federação tem de ter esse objetivo mesmo.... Desenvolver o esporte. Por isso que eu acho que a SPFL, ela pode vir a ser um ponto positivo em São Paulo, porque tem um grupo lá: “ah, vocês querem gerir, querem, beleza! ”. Então criem o rebaixamento e a promoção, que a gente cria uma lei de desenvolvimento, a FEFASP cuida dessa liga de desenvolvimento e cuida da seleção paulista, que hoje é um déficit em São Paulo que não tem, entendeu? Deveria ter uma seleção paulista que nomeia os melhores, ó a equipe de São Paulo, ou talvez tem uma conversa aí de misturar os dois planos de gerencia vamos dizer assim, entendeu? Vamos ver. Mas por isso que é bom ter a unificação, porque você consegue auxiliar as equipes novas a se estruturarem, a como se estruturar e um objetivo. Porque o Xxxxxx já foi assim, quando você só treina sem jogo é um envolvimento do atleta, mas se você treina colocando um jogo, “vamos jogar um

amistoso tal dia”, então o grupo se envolve, as vezes para fazer ação pra pagar ônibus o pessoal se envolve mais. Então quando a equipe tem um objetivo de um campeonato ela se desenvolve melhor, entendeu, como equipe, como futebol americano como um todo. Porque ela vai aprimorar os treinos, vai procurar ajuda, é isso.

P: A FEFASP então não tem a preocupação apenas de realizar a supercopa São Paulo todo ano?

R: Não, isso é, assim, pelo menos é o meu pensamento, acredito que o xxxxx também tem esse pensamento, mas ele não consegue porque como os diretores fica cada um em uma cidade, então acaba sobrecarregando ele para fazer o campeonato, para correr atrás das coisas. Mas o objetivo principal da FEFASP é desenvolver o futebol americano. Tem um campeonato, esse campeonato tem que ocorrer para que tenha um campeonato e as equipes objetivem ali, mas tanto que tem a 9 de julho que é um campeonato opcional para muitas equipes, entendeu? Então, ao meu ver, o objetivo principal da FEFASP é desenvolver o futebol americano como esporte.

P: E uma questão mais geral, mais uma perspectiva, a respeito desse desenvolvimento, primeiro no nível nacional, já que você citou a unificação nacional já que o Touchdown não ocorreu. Então como tá o cenário nacional de desenvolvimento, organização e divulgação no Brasil depois também de uma unificação anunciada?

R: O ponto positivo da federação de o campeonato ser único, que também engloba na resposta da outra, depois você trabalha da forma que você achar melhor... você tem um campeonato único, você consegue concentrar esforços gerenciais... no caso: vamos procurar uma mídia para divulgar o campeonato. Mas aí a mídia fala: mas espera aí, tem dois campeonatos: qual é qual? Com a unificação, ainda mais o Touchdown tendo a força que tinha, você acaba... tanto que o Touchdown era mais reconhecido como torneio nacional que a própria CBFA. Então assim, você traz uma experiência de organização para a CBFA e aí você o foco: Sportv, globo esporte, eles pelo menos eles noticiam no Facebook placares né, e aí é o que eu falo, é regionalizado apesar de ser nacional. No Espírito Santo, o Vila Velha é muito apoiado pelo governo, é muito apoiado pela cidade, então o cara do Globo Esporte lá da capital fala: Pô, vou lá converso. Então sai no Globo Esporte. No Rio é a mesma coisa, tem três bandeiras de futebol muito forte aonde se você gerar pauta, notícia. E eu percebo que as equipes de futebol americano não usam muito. Por exemplo, o Xxxxxx ele peca muito, o botafogo deixou disponível... isso você não precisa, tá? Deixou disponível o marketing deles para trabalhar com

o Xxxxxx. O Xxxxxx não alimenta. A assessoria de imprensa do botafogo só continua noticiando coisas do Xxxxxx porque eles vão atrás, eles caçam, e eles não tem muito tempo, eles são focados no soccer que é o principal deles e eles não vão.... Então com a unificação facilita para os times divulgarem o trabalho deles. Porque você chega para um patrocinador, por exemplo, “ah eu disputo a liga nacional”, “pô, legal... divisão 1 ou divisão 2? ”, entendeu? “Ah eu jogo o campeonato paulista”, “pô, legal”. Não é jogar um Torneio Touchdown. “Ah o que é o Torneio Touchdown? ”. Aí o cara vai pesquisar antes de patrocinar.... “Mas espera aí, tem uma outra liga...”. E aí até você explicar. Só de você explicar o cara já impacta de pensar: “pô, que bagunça”. Entendeu? Então, o basquete aconteceu muito isso, eu vendo o basquete, teve uma época que tinha esse lance aí de duas ligas, teve uma unificação com a NBB. Então, a unificação da CBFA vai ter o mesmo resultado positivo que teve na FEFASP, muitos times vão surgir porque na FEFASP depois que unificou começou a brotar time, porque o cara tinha a ideia: “pô, vou jogar esse campeonato”. Começa a juntar os amigos e forma um time, entendeu? Acho que a CBFA ela vai em questão gerencial, ela vai facilitar muito, na questão estrutural, na questão de patrocínios, mídias, trabalhar com a imagem que o futebol americano precisa aparecer como esporte, entendeu? Basicamente é isso. Me preocupa porque como eu tenho acesso aos bastidores, eu tenho a sensação e me falaram que não está tão organizado como deveria. O presidente da CBFA é um cara excepcional, que é o Guto, tanto que quando ele foi eu falei: agora a CBFA tem jeito. E assim, eu até acreditava com uma unificação da CBFA com o Touchdown, dois campeonatos... igual na NFL, duas conferencias, joga os campeões. Mas não foi isso que aconteceu. Eu acho que ele vai melhorar ainda.... É porque é assim, teve a unificação, esse ano vai ter o experimento, o segundo ano.... Ele é um gestor muito qualificado, o Guto, então o segundo ano acho que vai ter muitas mudanças e melhores, entendeu? Eu acho é isso. E qual é a perspectiva? É que o futebol americano tenha mais, mais visibilidade, vai se fortalecer mais como esporte e é isso, acho que é isso.... Visibilidade e fortalecer como esporte, eu acho que é o que precisa.

P: E o Torneio Touchdown, assim, anunciou, agora não vai ter.... como é que vocês ficaram?

R: A notícia que eu tenho é, eu não tive acesso a tantas informações, é que como o gestor do Torneio Touchdown perdeu os patrocínios, ele acabou que falou para os times: ó, o calendário é esse, mas eu não tenho mais os 20 mil de ajuda de custo que eu dava pra vocês. Aí os times falaram que então não dava. Só que ficou meio contraditório, né? Sendo que na liga nacional você joga 3 jogos longe e o Torneio Touchdown eram 2. Então assim, sinceramente

eu acho que eu sei o que aconteceu, mas a gente não pode falar porque aí iria muito profundo. Mas na hora que teve o anúncio que o Torneio Touchdown não iria ocorrer, acabou que a CBFA falou ó: “você são bem-vindos, venham”. E aí foi todo mundo pra CBFA, entendeu? Então foi isso.

P: Não é o ser pensante em cima do gestor do Torneio Touchdown, não é?

R: É, mas isso é melhor nem comentar... mesmo que fique em off.

P: Bom, alguma coisa que você queira colocar, alguma coisa mais pessoal.... o roteiro meu era esse...

R: Eu acho que até fugiu um pouco do roteiro em alguns assuntos, mas é isso. Eu acredito muito que a FEFASP... o meu objetivo maior é ter um campeonato só em São Paulo, o ano passado teve e eu fiquei muito feliz, esse ano na hora que eles anunciaram a SPFL eu falei: mas gente, pra que?

P: Hoje você não tem mais... não assim, poder de decisão, mas você não participa do Xxxxxx como você participava quando era presidente?

R: Então, eu não sou mais o cara que dá a cara a tapa, eu não tomo muitas decisões. Mas eu ainda tenho muita influência lá dentro porque o responsável pela parceria com o clube de futebol continua sendo eu, o responsável por eles terem local de treino sou eu, porque eu sou gestor aonde eles treinam lá, trabalho dentro da equipe. Então eles decidem, por exemplo, chegou a cogitar não jogar a CBFA, eles queriam jogar, eu expus entre os atletas uma série de situações. Porque assim, o Xxxxxx está muito fraco como equipe, né, tem jogadores novos, pouco engajamento, muita bagunça administrativa. “Ah não, não tem bagunça”. Tem, a gente percebe, até organização cobrando mensalidade, você vê que tem uma cobrança, mas não tem atualização de dívida.... Enfim. É meio bagunçado. Então eu vendo esse cenário, eu expus para os jogadores falando: ou o time se compromete 100% os jogadores com o time e diretoria com o time, porque eles cobravam participação, cobravam empenho, só que no grupo lá do time tinha 60, 70 pessoas e você olhava que 20 nem participavam de treino. Então assim, como você cobrava engajamento do cara? O cara vai no treino, o cara paga mensalidade, aí na hora que vai jogar, um desses 20 vai jogar e joga no lugar no cara. Você não consegue ter moral, eu acho, para fazer nada. Então eu penso que.... Ah, eu coloquei esse texto lá né para o pessoal, ou tem esse compromisso ou não, assim, muitos da diretoria vieram me cobrar achando que eu não queria que jogasse porque ia prejudicar o time, não era isso, e que eu tinha que respeitar o histórico do time por ter conquistado a vaga. Não é isso, mas penso no próprio time. Assume um compromisso financeiro, no mínimo 30 mil reais, porque cada viagem a distância aí é 6, 7, 8, 10 mil reais.... Então assim, assume um compromisso financeiro, o time não paga o ônibus o

time vai pra cartório, negativa a imagem do time. E assim, como os atletas não estavam engajados, não ia ter esse.... Então assim, eu cobre uma participação de ambas as partes, tanto da diretoria como órgão fiscalizador e dos atletas como participativo. E aí ficou um clima meio ruim, mas tanto que na hora que foi pra decidir o discurso era: to cobrando vocês porque precisa participar, precisa ter engajamento e da diretoria porque vocês precisam eliminar o peso morto. E aí foi e decidiu que disputaria o campeonato. Eu fiz a sugestão para eles antes de decidir, falei: ó vamos para a segunda divisão porque pelo menos as viagens são mais curtas, né, Campinas, Paulínia, são lugares mais próximos, o custo é menor e o time não ta preparado pra jogar contra times do nível Flamengo, Timbó que, tanto que a gente perdeu de 59 a 0 pro Flamengo, muito jogador novo né. E aí acabou decidindo que vai jogar e aí assim, eu apoiei, eu apoio, eu ajudo no que posso. Por exemplo, precisa ir no campo, eu dou um jeito de construir o campo, eu to ajudando, mas agora mais nos bastidores. Para mim foi muito bom, porque a carga de você decidir, de ir atrás das coisas.... Porque assim, “ah eu preciso de tal coisa”, eu corro atrás, mas aí eu não consigo, eu falo: “não deu”. Eu antes não podia fazer isso. Não era não deu, eu tinha que dar um jeito, tinha que dar, me comprometia muito até de saúde, então para mim foi muito bom. Então, participo do Xxxxxx? Participo. Sou o cara que decide? Não, eu ajudo a decidir. É isso.

APÊNDICE D – Entrevista com o Dirigente 2 (D2)

P: Cargo dentro da equipe e data de início. Experiência no futebol americano. Formação acadêmica. Idade.

R: Tenho 31 anos e eu estou no futebol americano desde fevereiro de 2007, nos idos de 2007. Atual hoje eu estou como gestor e presidente de um grupo, tem as suas subdivisões dentro da organização, uma departamentalização para que a gente possa ter uma administração mais efetiva.

P: E o que você já fez dentro do FA?

R: Fui jogador, sou jogador até hoje. Na parte de gestão, controlava a parte do marketing, uma área que eu gosto muito, com o desenvolvimento de novos projetos. Sempre me baseando no modelo de gestão, no modelo de funcionamento americano. Porque tem resultado, dá certo, é o berço do futebol americano. Só que a gente tenta de alguma forma fazer com que ele seja implantado no BR sem adaptações. É difícil você tentar implantar um padrão americano, onde a cultura e o entendimento do atleta é completamente diferente, do brasileiro, pra você colocar isso na prática. É custoso.

P: Formação acadêmica

R: Administração, com ênfase em negócios internacionais.

P: O que motivou o início das conversas com a FEFASP?

R: Essas conversas eles veem há algum tempo. No meu humilde ponto de vista, nunca deveria ter ocorrido essa separação. Mas como são interesses individuais que foram colocados em voga, e lógico, a pessoa que tem melhor retórica consegue arrebatar os reprimidos, vamos dizer assim. Tinha muita coisa errada na antiga LPFA, na forma administrativa, na forma como eu posso te dizer, na forma prática de fazer o esporte crescer. Em 2011 aconteceu a exclusão, desde então a FEFASP vem crescendo com aquele grupo que eles tinham. Tinham praticamente metade dos times na FEFASP e metade na LPFA, só que a FEFASP vinha crescendo e a LPFA teve uma outra baixa muito grande, perdemos um diretor, Ricardo Malada, ficou internado por um bom tempo, ele era o cabeça que tava tentando reerguer a LPFA e eu assumi interinamente, entre 2013 e 2014. Foi onde nós realizamos o primeiro campeonato totalmente de baixo custo e 2014. Fizemos um campeonato com 8 times ou 10 times, não me recordo. Com um custo de 3 mil reais por equipe, foi um custo bem reduzido. Foi bacana, fizemos uma nova metodologia

pra tomar conta da arbitragem que acabou não dando muito certo, teve muita coisa errada. E através disso, em 2015, nós vimos a necessidade de fazer uma unificação, uma junção. Foi então que começaram os estudos, começamos a fazer reuniões. Entrou uma empresa especializada em publicidade em novos projetos, que era a Aligare daqui de Ribeirão Preto. Nós encabeçamos um Federação propriamente dita, a FEPAFA. Oferecemos essas propostas de melhorias, na forma de uma gestão diferenciada, onde todos votariam, no mesmo modo que a FEFASP é hoje. Só que um pouco mais diferente, trazendo fomentos americanos, como técnicos, jogadores e colocando em prática o próprio padrão americano de gestão. Só que aqui no Brasil tudo que é novo gera um pouco de desconfiança, gera um pouco de receio e medo e isso acabou não dando certo. Ai nós decidimos no final do ano de 2014 fazer a junção, isso aconteceu de fato em janeiro de 2015. Foi aí que surgiu “Se quer unir, vem pra FEFASP”. Essa foi a *hashtag* do momento. Foi nisso que a gente começou a pensar, que que vai adiantar duas entidades brigando mais ano? Vamos juntar! Juntamos, fizemos acontecer, tivemos 22 times em 2015. Esse ano devido as condições financeiras do país tivemos apenas 12 times disputando o campeonato, fora a cisão que ocorreu novamente por conta de egos. É uma experiência louca, porque eu mesmo tempo que você pensa “agora vai funcionar”, vem alguém e chuta o pau da barraca. Aí você tem que fazer todo o processo de novo pra fazer o pessoal entender e mostrar que tá errado, mas a gente não pode parar.

P: Você estava à frente da LPFA no processo... E qual foi o ponto central da unificação?

R: Em 2014 eu estava a frente. CRESCIMENTO do esporte no país. Não adianta você ficar dividido, se você estiver dividido, você está suscetível ao fracasso. A partir do momento que você se une à novas pessoas, ao um novo grupo com um mesmo ideal e com o mesmo ponto de vista, a sua chance de crescimento e fortalecimento da entidade como uma única forma de administração é muito maior. E foi o que aconteceu, nós conseguimos um grande crescimento na divulgação na internet, no nome da instituição, no nome dos times ao redor do país. Hoje o estado de São Paulo não está como o mais forte no país, mas ele tem um peso muito grande ainda. É o estado que tem a maior quantidade de times hoje equipados disputando campeonato. Mas ainda há uma falta muito grande de um consenso geral na unificação como um todo.

P: E como foi a participação das equipes das entidades envolvidas?

R: Como toda junção, toda fusão no primeiro instante ela deixa alguns pontos em abertos, alguns pontos que geram algum tipo de incômodo, porque você sai da sua zona de conforto e passa a seguir uma nova metodologia, isso sempre vai ocorrer. Porém foi bem

amenizado, foi bem reduzido do que a gente esperava. Valeu a pena, foi bacana e tem surtido resultados. Mas ainda assim a gente vê, eu como *manager*, eu como gestor de um time e um gestor junto com os demais daquele grupo que gerencia a FEFASP hoje, a gente vê uma grande dificuldade de outros gestores colocarem a mão na massa e deixa tudo nas costas do presidente: “ele é o presidente, ele que se vira”. Não é bem assim que funciona, e o Piunti vem fazendo o que é possível pra ele, pai de família, empresário, tem que tomar conta das empresas, da família, da vida pessoal dele e do negócio de um monte de marmanjo? Não é muito fácil. Seria muito mais fácil se tivesse funcionando 100% do jeito que foi proposto por todo mundo, que é todo mundo ajudar todo mundo. Mas 40% trabalha e o restante reclama

P: Como foi a recepção dos dirigentes que já estavam na FEFASP?

R: Foi bem diferente, risos. Porque nós éramos tidos com os vilões da questão, mas não pela presidência, isso jamais. Mas por alguns times tinha aquele receio: “pô, esses caras tão com a gente agora!”. Como eu disse, o primeiro ano foi um ano derradeiro, você tem mostrar pra que veio, que você está ali pra somar forças e não pra dividir, pra conquistar território junto com todo mundo e não só pra você. Então o primeiro ano foi tenso. Mas foi produtivo. Tanto que se você me perguntar se eu faria tudo de novo, de olho fechado eu diria e faria no mesmo momento. Porque é um crescimento tanto pessoal como coletivo. Alguém sempre tem alguma coisa pra agregar, sempre. Então se você tem esse discernimento e consegue fazer com que os demais que estão junto de você e os que estão chegando agora possam trabalhar em conjunto e vê que aquilo é passado, isso é fantástico. Porque cai por terra aquela máscara que é colocada em você entendeu? Cai por terra uma fachada que foi colocada. Então vale a pena. Foi bem bacana.

P: Caminho inverso. Resultar na LPFA?

R: Não. Como LPFA não. Nós tínhamos o interesse de fazer FEPAFA, quando eu estava encabeçando a LPFA. Por que? Porque nós queríamos colocar o nosso modelo de trabalho, que era o modelo americano propriamente dito. Com gestão de franquias, igual a NFL é. Só que não foi muito bem aceito. E como já tinha um nome, pensando pelo lado estratégico empresarial, o que que é mais fácil? Você continuar trabalhando com um nome que já está no mercado há bom tempo ou começar com um novo? Começar com o novo, seria uma coisa meio duvidosa, perante a aceitação do mercado. Mas se você trabalha com aquilo que já existe , você fortalece e consegue um crescimento maior. Foi o que aconteceu.

P: Você fala em vários momentos sobre um modelo americano não ter sido bem visto, por que?

R: Porque ele é complexo. Pro brasileiro é totalmente complexo. Como eu disse, hoje na atual conjuntura da federação com 40% que trabalha e 60% coça. E coça literalmente e reclama, não corre atrás de campo, não corre atrás de benefício para o coletivo. Só para o que beneficia sua equipe e para si mesmo. Não corre para saber se o presidente precisa de alguma coisa ou se a arbitragem precisa de alguma coisa. Não, quer as coisas mastigadas e na mão, colocada à mesa e o restante corre atrás. Da forma que consegue possivelmente e ideal. Agora porque que o modelo americano (MA) não foi muito bem aceito? Primeiro, o MA funciona da seguinte forma: todo mundo trabalha em prol de bem geral. Se você tem 10 times, os 10 times vão trabalhar pra ajudar os 10 times pra que esse possa ser altamente sustentável, de que forma isso? Trazendo patrocínios, vendendo souvenirs, vendendo uma imagem, criando uma marca e em cima dessa marca se consiga movimentar a economia e aquilo que você consegue através da venda desses produtos, você tem um caixa que você pode reinvestir no seu grupo. Fazendo campeonatos de custo zero, fazendo eventos de custo zero para os associados e para quem você cobra uma taxa, para que isso vá para o caixa e seja reinvestido novamente na instituição e assim por diante. Aí tem a questão principal do MA, não sei se você é muito ligado com o que acontece na parte esportiva americana. O jovem com 5 / 6 anos ele tem que obrigatoriamente tem que fazer dois esportes junto com a escola. Então no período da manhã ele estuda e a tarde ele pratica esporte e além disso tem que agregar um outro curso extra, é mais ou menos assim que funciona. Então você vê, podemos citar como um grande exemplo os Jogos Olímpicos de 2016, os EUA foi primeiro colocado assim, de longe. Foram muitas medalhas e a maioria dos atletas americanos são jovens, com exceção do Michael Phelps que é um mito, mesmo sendo um atleta universitário que teve uma vida conturbada, mas o esporte salvou ele. Envolvimento com droga, tentativa de suicídio, depressão profunda e é simplesmente mito, é o cara que mais ganhou medalha hoje na natação olímpica. Esse é o projeto americano de gestão esportiva, ele faz com que o esporte não seja uma brincadeira, uma parte lúdica. Ele é uma peça fundamental pro crescimento do cidadão, de desenvolvimento do cidadão. Porque ele vai ser uma pessoa com uma qualidade de vida melhor, ele vai saber lidar com a diferenças do seu companheiro de equipe e com os outros cidadãos inseridos na sociedade. E na questão competitiva, ele vai sempre dar o melhor de si. Agora olha pelo lado empresarial, o esportista americano ele vê uma oportunidade de ganhar status, que seria a imagem, e dinheiro, fazendo aquilo que ele gosta. Então ele pensa “Pô se eu me esforçar eu vou conseguir fazer isso acontecer, eu vou ganhar dinheiro e eu vou ficar feliz!”. Esse é o MA, é um modelo complexo, ainda mais falando. Você

tem uma divisão do que é prática esportiva e a necessidade que ela tem e exige do atleta, abdicação de muitas coisas. Você abdicar de lazer, de tempo com a sua família e de muitas coisas. Aí eu te pergunto: “Você acha que o brasileiro vai fazer isso?”, a maioria não! Eu falo por mim mesmo, eu tenho quase 10 anos de FA, completo 10 em fevereiro do ano que vem. Eu estou com a minha esposa faz 12 anos e 8 meses, eu deixei de cantar parabéns no aniversário pra ir treinar, deixar de viajar com a família, férias com a família pra ir jogar, quando não era só pra treinar. E se me perguntar se deu resultado, pô eu estou fazendo a minha parte e os demais? Tem que abdicar de muita coisa, de dinheiro às vezes, tem que fazer investimento. Agora isso na parte empresarial, o que o MA faria pro FA aqui no BR? Uma revolução! O método de gestão, o método de você trabalhar, você obrigatoriamente tem que trabalhar em conjunto, delegar funções, cada ter a sua função e cada um fazer igual, se não fizer tá fora. Um outro ponto muito bacana no MA é o exemplo da NFL. Você tem um teto e você tem um piso, as equipes tem a necessidade de estar enquadradas dentro desse patamar, nem abaixo nem acima. Se o gestor da franquia fizer alguma coisa errada, todo mundo (os outros gestores) vai e compra aquela franquia para vender à outra pessoa. Com o interesse de que todo o coletivo coexista de uma forma harmônica, caso contrária está fora. E aqui no BR, você acha que daria certo? É bem complexo, tem muitos clubes hoje. Você colocaria um clube de futebol atrelado ao seu time novamente? Hoje, não! Independência. Hoje nem os profissionais das melhores instituições de ensino conhecem o FA, se não são os alunos buscarem aquele conhecimento e vão buscar algumas formas diferentes de se trabalhar, os professores não vão buscar. A mesma coisa com os gestores de futebol, o cara mal sabe como gerir o próprio time. O futebol brasileiro hoje é quebrado, ele deve milhões, bilhões pro FISCO, não paga IR, não recolhe FGTS, é quebrado. O “Time Mania” foi criada pra tentar custear as contas atrasadas, pra zerar e zeraram por três vezes. E em reuniões que nós fizemos ano passado, tem um limite para que em 2017 seja quitado essas dívidas e se não forem quitadas as dívidas os clubes serão multados, processados. E sabe o que vai acontecer se isso ocorrer, os clubes vão acabar. Mas você acha que eles vão acabar com o futebol no BR? Não, não vão! Ninguém vai pagar nada e vai continuar da mesma forma. É isso que a gente não quer, que o padrão brasileiro, seja utilizado no FA daqui. O nome já fala é futebol americano, então tem que ser utilizado o padrão americano, não o padrão chinês, padrão alemão e não o padrão brasileiro. Eis a questão, é difícil, é complicado, é complexo e tem que ser estudado. Agora o pessoal estuda isso? Não, não estuda, infelizmente. Pensa que é só juntar um pessoal comprar o equipamento, colocar uniforme, treinar o que vê na internet e jogar. Tá acabando isso, graças a Deus. Nós temos hoje aí alguns ribeirão-pretanos que estão despontando como técnicos, como jogadores e isso é

importantíssimo para o esporte. E ao redor do BR tem muita gente boa indo inclusive para o exterior fazer cursos de aprimoramento e N outras coisas pra adquirir conhecimento e que possa ser inserido aqui no BR, que possa ser replicado aqui no BR. Então a gente tem uma esperança muito bacana, que dentro de no máximo 10 anos o FA seja um dos 3 esportes mais praticados e um dos 3 mais rentáveis no país. Tem tudo pra acontecer, basta os gestores começarem arregaçar as mangas, buscarem conhecimento e colocar em prática esse padrão americano.

P: Houve algum tipo de condição imposta pela FEFASP?

R: Não, o que foi passado foi o modelo de trabalho, onde era coletivo, onde todos os gestores das equipes têm direito a voto. Nada era decidido individualmente e sim no coletivo, que era o que a gente sempre buscou. Então para a gente foi mais fácil. Não houve “você vem mas tem que fazer isso! ”. Foram colocadas as regras e perguntado: “Vocês estão dispostos?”, respondemos “sim” e então acabou.

P: E como ficou a relação da FEFASP com a CBFA?

R: Houve uma aproximação das entidades. O Guto Sousa, atual presidente da CBFA, tem uma aproximação bacana hoje com a FEFASP. A gente busca uma parceria mais interessante para os próximos anos, esse ano que ela começou a acontecer de uma forma mais bacana. Ano passado ainda foi exclusivo, era um pouco mais frio, mas vem crescendo. E isso deixa a gente um pouco mais esperançoso.

P: O que você aponta de diferente na gestão da FEFASP, tendo vindo da LPFA?

R: Sinceramente.... Bastante coisa! Porque a gente tem uma gestão um pouco mais coesa. Os times votam. Lá não era bem assim, existia um certo protecionismo para o pessoal da capital, existia de fato e a gente sabe disso, sendo esse um dos motivos que levaram a ruptura lá em 2011/2012. A forma de custeio é bem diferente.

P: Custeio você fala no sentido...

R: No rateio, na divisão das contas do campeonato. Que é muito parecido com aquilo que a gente conseguiu colocar em prática em 2014 na LPFA, quando eu estava à frente. Com custos mais baixos. Votação, orçamento, lei de orçamentos, coisas mais baratas e por aí vai. Então isso é bacana, foi pra melhor.

P: Como é feito esse custeio?

R: Soma-se todas as despesas que o campeonato vai ter e dividi igual por todos os times que vão participar. É a forma mais justa. Você participando tendo 100 atletas o 300 atletas é o mesmo valor. Divide por times.

P: Mas e a história de que a divisão ia ser feita por número de atletas, que gerou um descontentamento?

R: O que aconteceu foi o seguinte. Foi votado no começo desse ano, 2016, no dia 10 de janeiro em uma assembleia geral extraordinária, primeira do ano, com TODOS os *managers* em sua grande maioria, na cidade de Sorocaba, na casa do Piunti mais precisamente. Nós fizemos essa assembleia e nós queríamos um campeonato com o intuito de crescimento mediático e crescimento organizacional. Só que a FEFASP ela não tinha caixa, porque tinha problemas com alguns times que não pagavam suas inscrições, isso se arrasta há uns dois anos, três anos. Isso ninguém conta, a gente sabe, mas não pode falar, porque pode dar processo, porque não tem prova concreta. Mas a gente sabe, viu algumas cobranças com alguns times. E a gente decidiu fazer o que? Em uma ponta estava o *manager* de um grande time, na outra ponta estava o presidente, o vice-presidente, o secretário e do lado do secretário estava eu. Nós começamos a conversar, fazer um debate bem bacana. “Fala que tem de crescer, mas todo mundo reclama. Tem que seguir o exemplo da Federação Catarinense, da Paranaense, porque dá carro, porque não sei o que tem e aquilo outro...”, aí foi colocado em questão por que que eles fazem isso? Porque eles têm um caixa. Porque eles fazem uma captação de dinheiro, faz uma organização bacana e captam mais dinheiro ainda com a mídia. Por que a gente não pode fazer igual? Pra isso primeiro, tem que se fazer um investimento, todo gestor, todo empresário sabe que se você quiser ganhar dinheiro você tem que investir em dinheiro, impossível você ganhar dinheiro sem fazer nada. A não ser que você aposte numa ‘lotomania’, mesmo assim tu tem que investir um dinheiro, o da aposta pelo menos. E na reunião foi votado um modelo novo, diferente de trabalho, na parte de custeio. Nós faríamos o campeonato com uma cota única por times, no valor de 4 mil reais por time mais 100 reais por atleta federado. Como todo esportista sabe, por exemplo, eu pratico judô, a federação de judô te cobre uma taxa anual e o que ela faz com essa taxa? Ela promove eventos e reinveste no esporte. Mas tem um campeonato de judô e você tem que pagar a inscrição também, todo mundo paga e ninguém reclama! Vamos fazer a mesma coisa aqui na Federação. Foi votado por UNANIMIDADE, todo mundo APROVOU. Pessoal ficou feliz e empolgado: “mas só isso que vai dar? ”. Por que? Um pagamento de 100 reais por atleta em um ano, você já não teria mais custos variáveis como custo de arbitragem, não teria mais custo de pintura de campo, nós teríamos inúmeros benefícios. Foram apresentadas algumas empresas que já dariam como parceiras que ofereceriam clubes de

benefícios para atletas, desconto em cinema, sites de compra varejo online. E o atleta e a equipe teriam obrigação de fazer o que? Preparar, treinar, chegar uniformizado e no horário do jogo e jogar! Não teria que se preocupar com pintura de campo, com ambulância, com nada. Simplificando, seria um campeonato fantástico, você só vai chegar e jogar, SÓ. Mas não foi bem assim que aconteceu. Porque aos 48 do segundo tempo, alguns times decidiram não fazer o pagamento e isso comprometeu. Nós estávamos com 18 dos 22 times apalavrados na participação do campeonato, porque alguns optaram por não participar da Super Copa e participar apenas da 9 de julho, campeonato do segundo semestre. Aos 48 e 30 do segundo tempo alguns times cabeças: “a gente não vai mais participar”, decidiram não participar e não fazer o pagamento e isso gerou uma desconfiança muito grande por parte dos times que já estavam fazendo o pagamento, já tinha tabela solta, já tinha tudo. Nisso começou a surgir um levante interno por parte desses times que estavam encabeçando essa pseudo revolução, pseudo motim. Foi um motim propriamente dito no meu ponto de vista, porque se você aprova uma coisa e na hora de fazer você recusa, tá errado, né? Você aprovou, você gerou expectativa nos demais, aí que eu falo se fosse padrão americano, estariam fora e ainda pagariam multa. Mas não foi assim que aconteceu. Por fim um campeonato que teria 18 equipes acabou tendo apenas 12, foi um campeonato bacana e de custo baixo. Ah, mas tem time que tá pagando 100 reais pra 50 atletas e tem time que tá pagando 100 reais pra 140 atletas, bacana. Paga pra federação mas esse dinheiro é revertido pra todo mundo. “Ah, mas eu não acho justo pagar do o outro time”, “quanto mais atleta você coloca federado, mais taxas federativas você tem que pagar”. Normal, correto? E porque o pessoal reclama? Brasileirice, infelizmente. Mas foi, aconteceu normal, tudo redondinho o campeonato. O que que falhou? Nós contratamos uma empresa pra fazer a pintura de campo, logo na abertura do campeonato a empresa falhou, não foi e ela avisou que não iria à 1h40 da manhã. Em um jogo que contava com a presença de Paula Mancha comentando ao vivo o jogo, tinha equipe de televisão no local, mídia e drone. Pintura de campo, não existia. Era contratado a pintura de campo, as demarcações de campo, como os marcadores de jardas, pirulitos e nada. Na madrugada foi dada a negativa pra mim: “Jon, nós não poderemos ir, meu sócio cancelou”, que sócio? Primo, que continua até hoje? Não, né! Para! Então isso atrapalhou demais a abertura do campeonato e começou através desse problema desencadear uma série de discussões internas desnecessárias por amadorismo de uma empresa que foi colocada pra trabalhar conosco por ter uma imagem respeitosa no mercado e hoje não mais. Gerou prejuízos, foram pagos? Não! Então isso acabou deixando o campeonato um pouco menos agradável, mas foi um bom campeonato. Não reclamo, não tenho ressalvas, foi um campeonato bom! Arbitragem surpreendeu, evoluindo a cada dia mais. A gestão foi capaz de

absorver aqueles pequenos detalhes que causaram problemas e revertê-los de forma mais branda possível para os times. A gestão no coletivo foi sensacional.

P: Criação da SPFL.

R: Foi um negócio muito, mas muito complexo. Eu não tiro a razão deles terem montado algo novo, um modelo novo. Porque querendo ou não, o modelo da SPFL é mais próximo do americano do que a do FEFASP. Por que? Lá todos os times foram obrigados a fazer um marketing perfeito e surtiu efeito. Pelo o que a gente sabe e tem informação, gestores da própria SPFL, afirmam que foi um campeonato de custo zero. Porque o campeonato se pagou com os espectadores, com o pagamento de ingressos. Então se isso realmente for verdade, é a primeira vez no BR que isso acontece e isso é louvável, a gente fica muito feliz. Porém, no outro lado da moeda, por que não foi falado isso antes, só depois da aprovação por unanimidade na assembleia o pagamento de 100 reais por atleta. Não poderia ter sido feito dessa forma? Todo mundo se juntar e vamos trabalhar juntos, nós somos obrigados a trabalhar porque nós gostamos disso. Seria muito mais fácil, se você coloca uma força aí de 2600 atletas fazendo o compartilhamento e se cada um vendesse 4 ingressos por jogo, faz as contas rapidão, daria 10.400 pessoas por rodada. Coloca isso a 10 reais a entrada, imagina isso no total de 30 jogos. A gente tá falando de 3 milhões, por um campeonato, só de arrecadação. Com esse primeiro caixa você garante os dois próximos campeonatos com a melhor organização possível e a final em grandes estádios. E aí, é um modelo bacana?

P: Mas o BR suporta um modelo desse?

R: Suporta...

P: Como, se no soccer a gente não tem público de 5 mil pagantes na série A do Brasileiro?

R: Essa é a grande questão, a gente tem esses públicos na Série A com ingressos a 80, 100 reais. Aí você coloca a 10 reais pra ver um jogo de futebol americano com toda aquela questão lúdica envolvida, apresentações, show no intervalo, um ambiente familiar, sem torcida única, e aí? Você vai assistir um jogo de futebol onde pode ter uma briga de torcida organizada ou um esporte diferente que tá crescendo muito no BR e no mundo? Pela curiosidade o brasileiro vai atrás, certo? O padrão americano colocado pela SPFL é o mais próximo possível da realidade dos EUA. São feitos eventos nos dias dos jogos. Tem o churrasquinho na porta do estádio, onde o pessoal chega bem antes pra fazer uma confraternização, conversar sobre o jogo, analisar o que pode acontecer, apostar amigavelmente zoando os amigos. Porque não foi colocado em prática na FEFASP? Porque alguns *managers* se recusaram a fazer isso, de dividir

isso com os demais. Então isso é uma parte que a gente acha ruim, danosa à imagem da Federação e do FA no estado de São Paulo. O FA em SP vem sofrendo a algum tempo, sabotagem por próprios *managers* do estado a não ser o melhor do país. Hoje nós temos estados fortes como SC, PR, RS, MG com o Minal Bowl, o Gigante Bowl no estádio do Inter-RS foi fantástico, Arena Pantanal com o Cuiabá Arsenal, Arena dos Aflitos com o Marechal e o Mariners, o Espectros também. Então o que a acontece, no estado de SP tem a maior quantidade de times, tem os times mais estruturados hoje do país e se fossem unidos seria algo fantástico. Difícil de se enfrentar, então eis a questão: Por que a gente tá sendo colocado pra baixo? São perguntas que não querem calar e dependem do entendimento ao mesmo que abstrato é paranoico, é difícil mas é que tá acontecendo.

P: Esses movimentos de separação acabam por sabotar o desenvolvimento da modalidade...

R: Sim, sem dúvida! Se tivessem dividido com todo mundo naquela reunião com certeza todo mundo iria trabalhar, mas aí a gente cai naquilo que eu ta falei no começo da entrevista, 30/40% trabalha e o restante não. Porque vivem de imagem: “ah eu sou presidente de um time!”, pô parabéns jovem, você não tá fazendo nada mais que sua obrigação, se você assumiu essa responsabilidade, a obrigação é sua, não do jogador.

P: Qual a perspectiva, já que a SPFL não foi anunciada como uma separação, de desenvolvimento da modalidade?

R: Crescimento gerencial, a parte de gestão do esporte como um todo. A gente tem uma ferramenta muito boa na mão que a gente tem que levar em consideração, que é a paixão do brasileiro por disputas, por esporte. O brasileiro é um povo esportista, gosta, pratica, gasta, investe nisso. Um outro ponto de vista que é colocado diretamente a essa questão é o fato do brasileiro gastar muito com eventos, mesmo em crise o brasileiro participa de eventos, festa! Se você faz um evento esportivo com uma temática mais festiva, bingo! Você vai ter espectador, não é a toa que vários jogos de FA ao redor do BR estão dando médias maiores do que jogos da série A do Brasileirão. E aí? Como isso é possível? Sim é possível, com um trabalho bem feito, de federações, da Confederação. E como isso pode desenvolver a modalidade? Por parte de gerenciamento, de empresário: se você teve um problema na sua empresa e esse problema você conseguiu resolver ou alguém resolveu pra você de uma forma e te mostrou que o caminho é esse, como é melhor, como é mais rentável. você vai persistir no seu erro ou você vai dar o braço a torcer e vai aceitar aquele novo modelo de trabalho? Onde você tem um custo

praticamente zero e uma dor de cabeça infinitamente menor. Aceitaria, certo? Aprendendo com nossos erros, nós deveríamos fazer uma nova reunião com a SPFL e tentar trazer o modelo deles pra FEFASP. Porém, existe uma briga muito grande de egos envolvido. “Eu não vou dar o braço a torcer”, “Eu sou melhor que ele”, “Ah não, jamais”. Na atual situação do BR e do mundo, você não pode se dar ao luxo de bater o pé e dar um murro na ponta de uma faca e falar: “o meu método é melhor”. Você gastou quanto? Mil reais! Você ganhou quanto? Nada! E você? Ganhei 100 reais e não gastei nada. Quem teve o melhor resultado? Risos... você entendeu? Então é isso! Tem que juntar o pessoal, tem que fazer uma reunião, tem que mostrar, colocar os pingos nos i's, tem que aceitar, tem que baixar a guarda, engolir sapo, pedir desculpa. A inteligência parte disso, mas e aí?

P: Falando um pouco de BR... Que também teve uma unificação com o fim do TTD...

R: É um momento ímpar, porém era algo previsível. Aquela famosa plaquinha: Eu já sabia! Desde 2012, quando o filho do ex-presidente fez a aquisição de 53% do campeonato que foi criado por dois monstros da mídia, André José Adler e seu irmão. Eles montaram o TTD, onde seria um campeonato formado por times de futebol americano vinculados a times de soccer. Com time do Flamengo, do Vasco, do Fluminense, do Corinthians, os melhores times do BR só que colocados em campeonato de FA. Os dois primeiros anos foram muito bons, só que no terceiro ano o nosso saudoso Adler veio a falecer, de uma forma repentina. Aí entrou a visão ‘capitalista perversa’, adquiriu e viu ali uma oportunidade de fazer outros tipos de negócios os quais não eram aqueles tipos de negócios que o campeonato tinha sido criado para. Não cabe a minha pessoa julgar, cada um faz aquilo que bem entender. Mas quando você envolve outras pessoas e principalmente os sonhos dessas outras pessoas, você tem que medir seus escrúpulos e isso não foi medido. E a gente cantava a bola: “a conta não fecha”, “fica uma lacuna muito grande pra ser revelada e um dia a casa vai cair”, caiu! Não da forma que todo mundo esperava, mas caiu. Só que com isso, você gerou prejuízo pra imagem do FA nacional, prejuízo para a imagem dos times que estavam participando, dos *managers*, e principalmente dos jogadores. Porque cria uma expectativa e o jogador quando ele cria um foco naquilo que ele tá fazendo, ele perde um pouco da noção do que é real e o que não é real. Existe um grupo no Facebook, chama FA Outlaw, e lá é terra de ninguém. Zoeira e treta lá são constantes, eu já participei, já gerei treta, já causei treta, já participei de treta, não me arrependo! Risos! Era deselegante, a gente perdia o amigo, mas não a piada. Hoje a gente já não tem mais essas brigas como havia no passado, isso é fantástico. Ano passado era uma briga a cada duas horas. Esse momento ímpar vem pra mostrar pra gente que o FA não tá pra brincadeira. O FA feita da forma

correta, com uma gestão adequada, ele pode muito bem ser tão viável quanto o futebol de campo. 1º a parte estratégica do jogo, é muito mais cativante, mesmo que ainda demorado. Em praticamente 2h30 de jogo, você tem um show no intervalo, você tem as jogadas fantásticas e o mais bacana, você tem mais de 116 pessoas no campo, com todo aquele plantel mais comissão técnica. 120 pessoas no mínimo pra fazer acontecer, quanto mais pessoas envolvidas, mais pessoas para curtir aquilo, pra conhecer o esporte. 2º que compensa realmente o FA, ele não estraga o campo, com o *soccer*. Porque você não tem carrinho, não tem dividida, não tem o famosos ranca-toco. Então o gramado não sofre. Pesquisas feitas pós jogos na Arena Pernambuco, no recolhimento daquilo que corta de grama depois dos jogos, ele é 70% menor que o *soccer*. 3º ponto, a quantidade de times, a facilidade e o baixo custo relativo proporcionalmente pra você participar de um campeonato de *soccer*. É muito mais em conta. Mas como? Os times se unem de uma forma que não tem desvio de dinheiro, que não superfaturamento, não existe maracutaia. A política não está inserida no FA ainda e a gente espera que não seja. O FA tem tudo para ser um esporte fantástico. Quanto mais gente participando, mais atletas de base você precisa. Você vai movimentar uma quantidade maior de pessoas. Crescimento gradativo, a gente espera que no próximo ano seja pelo menos uns 50% melhor do que foi esse ano e no mínimo 50% maior. Hoje nós temos duas divisões, a SuperLiga com 30 times e Liga Nacional com 36 times se eu não me engano. Nós temos os campeonatos estaduais e alguns torneios regionais. Mais ainda assim falta a gente começar a trabalhar, como é um esporte de alto rendimento, nós temos de trabalhar com uma tabela, com um calendário mais adequado. Com pelo menos 5 meses de preparação com 6 meses de campeonato. Porque o corpo humano precisa desse tempo pra regenerar. Caso contrário você não vai conseguir alcançar um padrão americano. Nos EUA tem campeonato nacional e os regionais e estaduais durante 6 meses. No restante é parado. Não temos isso aqui ainda, a tendência é essa. Algumas vertentes de estudos e de trabalho vem colocando em voga essa questão do calendário, se isso acontecer é pra daqui 2 anos no mínimo, pra ter uma adequação perfeita. Vai ser bacana, porque um time que não tem recurso pra participar de um nacional, vai participar de um estadual, vai participar de um regional. Até conseguir verbas, conseguir preparação adequada para seus atletas pra participar de um estadual. Não é simplesmente “eu vou participar”, pode até participar mas vai tomar “pemba”, isso é bacana? Não! Mercadologicamente vergonhoso. É ruim pra imagem! Você ter um placar de 20 a 22, 17 a 14, 6 a 7, meu é fantástico. Agora 70, 80, 90 a 0 é meio complicado. Então nós temos grandes expectativas pra 2017 junto à CBFA. Esse ano tem novas eleições, a gente espera que o Guto continue, se ele não continuar que entre alguém capaz de dar prosseguimento ao trabalho. Assim como haverá eleições dentro da

FEFASP. Independentemente de quem entrar ou permanecer, que dê continuidade ao que está sendo feito, porque a esperança é muito bacana.

P: Alguma colocação final que você queira fazer?

R: Uma coisa muito legal que está acontecendo no país, pra você ter uma noção do tamanho do crescimento do esporte, a quantidade de jogadores internacionais, jogadores estrangeiros no BR. Temos muitos americanos, alguns europeus, alguns latinos, a maioria ainda é americano. Isso tem trazido uma diferença de conhecimento muito bacana para os times do país. O desenvolvimento vem acontecendo de uma forma muito rápida. Não só no BR, mas principalmente em SP, muitos times contam com algum estrangeiro treinando isso é bacana. Eles trazem uma bagagem muito maior, sem falar na facilidade de você pegar uma passagem e ficar 15 dias nos EUA pra passear e treinar FA tem feito com que muitos brasileiros façam isso e que tem sido muito bacana, porque eles estão buscando a perfeição. E quando você busca a perfeição seu nível sobe muito. E se o nível individual sob, logicamente o coletivo deve subir. Daqui uns 10 anos o BR tem tudo para uma potência no mundo do BR. Disputar a Copa do Mundo, alcançar melhores posições, tudo isso com trabalho. Agradeço a participação do projeto e parabenizo a iniciativa pelo trabalho.

APÊNDICE E – Entrevista com o Dirigente 3 (D3)

P: Cargo dentro da equipe e data de início. Experiência no futebol americano. Formação acadêmica. Idade.

R - Bom eu estou no futebol americano desde 2010. Eu criei o xxxxxxxx, de flag, não deu muito certo. Aí eu fui para o xxxxxx. Depois de algum tempo aprendendo lá, eu decidi formar o xxxxxx. Já vai para 7 anos que eu estou no futebol americano. Ainda não sou formado, estou cursando direito, na xxxxxxxx e tenho 29 anos.

P: O que motivou o início das conversas das equipes da LPFA com a FEFASP sobre a unificação?

R: Primeiro, na minha opinião o que motivou a unificação foi que a LPFA não deu certo. Começou a ter aquela noção exata que os times da FEFASP eram mais fortes e os da LPFA eram os que sobravam, Sorocaba Vipers, Rio Preto Weilers. Dava para se ter uma noção de quem estava na LPFA era porque ela mais fácil e do que por ser uma liga melhor. Questão da LPFA não ter dado certo.

P: Quais foram as condições impostas pela FEFASP para aceitar as equipes da LPFA?

R: Bom para entrar na FEFASP todas as equipes precisam de aprovação das equipes que já fazem parte, o processo foi o mesmo para eles. As equipes que estavam na LPFA solicitaram a entrada na FEFASP. Então os presidentes das equipes filiadas à federação votaram pela entrada ou não das equipes da LPFA. Eu votei a favor de entrada, a gente combinou que ia votar favor da entrada dessas equipes da LPFA. Exatamente para que houvesse essa unificação e que fosse algo histórico para estado. Algumas equipes ainda resistiram, mas quando viu que equipes como Storm, Vipers, Weilers e Touros Estavam entrando na FEFASP viram que não tinha mais o que fazer e entraram também, visto que um campeonato sem esses times não funcionaria. a gente combinou que aprovaria todo mundo para que houvesse essa unificação, mas teve a participação das equipes já filiadas.

P: Houve tentativa de se fazer o caminho inverso? Ou seja, a unificação resultar na permanência da LPFA? O que ocorreu com a LPFA?

R: Para te falar a verdade eu não lembro exatamente se teve uma conversa nesse sentido, eu lembro que alguém da LPFA queria fazer uma reunião para criar alguma coisa nova, um modelo de Conferência Anhanguera e conferência Metropolitana, alguma coisa nesse sentido,

mas que acabou não vingando em nenhum momento a FEFASP se propôs a abrir mão do nome, isso me lembro. Se eles quisessem entrariam para FEFASP ou então que continuassem assim com a LPFA.

P: Quais foram as condições impostas pela FEFASP para aceitar as equipes da LPFA?

R: Eu não me lembro ao certo, mas eles queriam que, não que fosse imposto para unificação, mas que a FEFASP tivesse um CNPJ e aí então eles fariam a transferência do CNPJ que a LPFA já tinha para poder legalizar a FEFASP. E que todas as equipes seguissem o regimento e o estatuto que a FEFASP criou, votado e aceitado anteriormente. Não existiu nenhum tipo de imposição tão forte assim para me lembrar e que foi marcante.

P: Como fica a relação da FEFASP com a CBFA?

R: Com isso passou a ser só uma entidade. Dessa forma a CBFA querendo ou não a FEFASP é quem representa o futebol americano no Estado de São Paulo. Existem algumas pessoas da LPFA que possuem contato com a Confederação, como Francisco Furio, o Salomé do Storm, então tinha essa ponte. Passando sim a Federação a ter acesso a Confederação Nacional por ser a entidade que representa o FA no Estado de São Paulo.

P: Fale sobre a criação da SPFL.

R: Na verdade eles não aceitaram muito bem os valores e a forma como foi conduzido o campeonato na FEFASP. Então eles resolveram criar uma coisa nova, não foi apenas questão de valores, mas foi uma demanda que surgiu que eles queriam o campeonato estilo NFL. Uma questão mercadológica e que fosse um evento que levaria o número determinado de pessoas e cada equipe teria que se comprometer a organizar esse evento e colocar esse determinado número de pessoas dentro do estádio e coisas do tipo. e também não aceitaram as contas que a Federação fazia para custear o campeonato para organizar o campeonato, mando das rodadas. E aí eles resolveram então criar uma liga de Elite, eles achavam que ali seria uma liga de Elite. Mas no meu ponto de vista o que motivou a criação dessa liga foi que na Federação não é aceito o time da Portuguesa. Para ser franco e verdadeiro foi isso que motivou. Então a própria Portuguesa se uniu com algumas equipes que já tinha demonstrado descontentamento com o campeonato da federação e com o modelo de gestão FEFASP, e decidiu criar um campeonato de elite.

P: Fale sobre essa profissionalização que o FA almeja.

R: Hoje acho assim, sem um apoio sem recurso de início do poder público e da iniciativa privada é difícil fazer um campeonato nessa estrutura, mas a gente está chegando lá, na minha opinião entendeu? Eu acredito que em breve, mas ter algo bem próximo do profissional, tanto que esse “Brasil Futebol Americano” que está se criando, acredito que ele vá nos dar um parâmetro de que se vai vingar ou não. Visto que os campeonatos anteriores já foram melhores e eles vêm sendo melhores e continua a melhorar. O futebol americano no Brasil ele já é realidade e vai ser profissional daqui uns 6, 7 anos no máximo. Já vai ser uma coisa muito forte, até porque não tem mais como escapar disso.

P: Percebe-se uma eventual disputa entre equipes da capital contra equipes do interior?

R: Eu percebo que existe uma divisão sim e eu acho que eles pensam que eles são superiores. Mas acredito que eles estão equivocados, porque as equipes aqui são fortes até mais forte do que eles são hoje. A evolução das equipes do interior é mais rápida. Não sei se isso é um problema ou se é alguma coisa boa, mas o surgimento de tantas equipes aqui no interior. Eu acho isso ruim, mas é a difusão do futebol americano, mesmo que de forma equivocada. Mas tem sim essa diferenciação entre equipes do interior com os da capital. E sempre vai ter.

P: Fale sobre o desenvolvimento do FA.

R: Então a minha ideia é a seguinte, estou falando de algo que eu não concordo, mas que eu mesmo fiz. Os jogadores jogam em equipes grandes, como é o caso do Paraíso Miners, que é de MG mas é próximo do interior de SP, os jogadores jogaram no Botafogo e como alguns não estavam conseguindo arcar com os custos de viagem mas os cursos que você tem para jogar e para manter equipe como uniforme equipamento. Decidiram então montar uma equipe na sua cidade, assim como foi comigo também. Não estava tendo tempo dinheiro e disposição para viajar todo final de semana para Ribeirão e resolvi criar uma equipe aqui na minha cidade. Mas agora o que acontece aqui todas as cidades estão criando equipes, Franca tem uma equipe, Sertãozinho criou uma equipe, Monte Alto tem duas, Jaboticabal tem uma e outra de Flag que está iniciando, Ribeirão tem três equipes, tem equipe de Flag em Batatais, Barretos está no processo de criação de equipe. O que acaba acontecendo? Várias equipes em que você tem vários materiais humanos bons e de qualidade e que acaba ficando dispersas e você poderá criar uma equipe só em Ribeirão, por exemplo. Você ter uma equipe forte e competitiva e você acaba tendo três equipes de nível médio, sendo que você poderia ter uma equipe forte. Acaba sendo burrice nossa, acredito que hoje interior teria que se juntar ter um órgão representativo do interior, algum comitê, alguma federação, já vem se falando isso e fazer um time forte e ter um

time que pudesse disputar inclusive Liga Nacional primeira divisão. Aqui no interior poderia se formar uma equipe para jogar campeonato nacional primeira divisão tranquilamente, competitivo, estruturado. Mas aí vem uma coisa importante que isso tem seja na LPFA, seja na FEFASP, tem na CBFA também e tem em tudo quanto é lugar, que é o orgulho. E orgulho é uma coisa que pode prejudicar muito o futebol americano, não a ponto de acabar, até porque isso seria uma coisa bem extrema mas vai atrasar. Tem muita gente orgulhosa no futebol americano, é muito ego, muita gente pensando em si, no que ele acha que tem que ser, no EGO dele e esquecendo que tem que valer a modalidade. É a modalidade que tem que ser levada em primeiro lugar não é nem as equipes. Eu prefiro divulgar mais o futebol americano do que a minha própria equipe.

P: Fale sobre a perspectiva no momento da unificação?

R: A perspectiva era de um campeonato mais forte, competitivo e mais atrativo para o público. Acho que essa perspectiva ainda se mantém, que foi um bom campeonato o da unificação e só e depois disso só vem decaindo. A Super Copa do ano passado já foi fraca, não foi igual a primeira e a desse ano piora ainda né?

P: Em quais aspectos a gestão da FEFASP se diferencia da gestão da LPFA?

R: Hoje depois de dois anos que eu entrei na FEFASP e que eu só participei de campeonatos da FEFASP, participei dos quatro após a unificação. A única coisa que eu vejo que a FEFASP faz é nada, quase nada. O que deveria fazer é dar um respaldo para as equipes, divulgando futebol americano, tendo um site, tendo registro para que se possa validar o título e a conquista da equipe campeã, que o título seja de fato e não como é o hoje, não tem representatividade alguma e porque hoje nada oficializa o título que se ganha hoje. Então é uma entidade que você entra, vê muita discussão, muita briga de ego e pouco desenvolvimento. Eu acho que a verdadeira função que eles deveriam ter e que nenhuma entidade tem, que é difundir o futebol americano e esse ser o propósito que eu vejo que deveria ser levado em conta. Priorizar a modalidade ao invés das equipes, e o que se ver justamente contrário se priorizar as equipes. E para ser sincero a FEFASP tem suas equipes favoritas e os outros que sempre vão ser deixados para trás. Isso já está errado, não tem igualdade. Eu acho que a FEFASP na minha opinião teria que ser extinta, e deveria ter é uma federação de fato, reconhecida por uma federação de fato e ter pessoas que querem realmente o bem do esporte e não pessoas orgulhosas e que gostam de aparecer, e é o que mais tem no futebol americano hoje. Principalmente aqui no interior, tem pessoas que gostam mais de fazer bonito e mostrar que ele está fazendo isso ou

aquilo no futebol americano, mas que não acaba beneficiando ninguém a não ser ele. Então falta muita coisa para o futebol americano Estado de São Paulo dar certo nesse quesito de Federação. Porque eles acabam fazendo praticamente nada e o que eles deveriam realmente fazer não é nem cogitado de ser feito. Porque quem realmente leva a modalidade nas costas são as equipes, são as equipes que banco todo campeonato, e monta toda a estrutura. Quando recebe jogos, são os times que vão de manhã e pinta um campo, fazendo os preparativos do evento para receber daqui. A FEFASP só tem o nome e até engraçado de pensar que eles levam nome de campeonato de quem realmente faz não são eles. O que eles fazem hoje em dia? Montam tabela. Quem vai participar? Essa, essa e essa, beleza! Eles montam a tabela lá as equipes aprovam e jogam, só isso.

P: Fale sobre seus objetivos no FA.

R: Então a minha ideia sempre foi de difundir o futebol americano, eu quando eu criei o Defenders tinha como intenção treinar e disputar campeonatos, e claro que eu pudesse participar e jogar pelo time pelo tempo que eu estivesse lá. Porém, acontece que o egocentrismo começou a valer por aqui também, então começaram a surgir pessoas dentro do time interessados em ajudar e no final não era só ajudar. A pessoa queria ter o nome dela frente do time, com outras ideias e aparecer mais do que simplesmente ter futebol americano. Tinha a questão por trás de usar a associação para outras coisas. Que você vai ver que logo, logo o Defenders não vai ser mais só futebol americano. Já é atletismo, já é futsal, percebe-se que o interesse não é mais a difusão do futebol americano, o que é bacana também ter outras atividades esportivas, mas o que acaba valendo o ego: por que eu faço e assim tem que ser feito. Acabei não concordando com muita coisa, já que a criação da equipe tinha outro objetivo e eu acabei saindo, porém, mantendo o meu projeto de difundir o futebol americano. Peguei a minha experiência e foi para xxxxx com o xxxxx, onde eu ajudo e muito de organização de estrutura, como comprar o equipamento, o que comprar, como proceder na parte do marketing, que eu acabei assumindo por um tempo, então eu tenho experiência nesse quesito, aí eu pensei que é onde eu poderia ajudar a equipe a crescer. E aí quando eu ver aqui em Monte Alto Eles já não precisam de mim e tiver outro que está precisando de ajuda eu vou nessa outra aqui e assim por diante, que o meu propósito é que o futebol americano cresça em primeiro lugar.

APÊNDICE F – Entrevista com o Dirigente 4 (D4)

P: Cargo dentro da equipe e data de início. Experiência no futebol americano. Formação acadêmica. Idade.

R: Bom meu nome é xxxx. Pratico futebol americano há 10 anos, desde 2007. Estou na equipe desde 2009, são praticamente 7 quase 8 anos. No período quando ocorreu a unificação, da antiga LPFA com a Federação eu era vice-presidente, no nosso primeiro ano de gestão e tínhamos acabado de assumir a gestão e isso fazia a parte do nosso planejamento. A equipe é pioneira em diversas áreas do futebol americano e em diversos projetos, sempre entendeu que a unificação é o caminho para evolução do nível do esporte em qualquer lugar, que sempre teve essas brigas, essas rachaduras com relação à Federação. Então é isso. Sou formado em Jornalismo e Educação Física, só para complementar nesses 10 anos, contando desde o início mesmo na prática no Brasil porque na época a gente mais brincava não era o esporte em si. A gente ia nos parques e bate uma bola, nisso alguns times começaram a surgir e começaram a fazer amistosos, o esporte começou a crescer para chegar até onde ele está hoje.

P: O que motivou o início das conversas das equipes da LPFA com a FEFASP sobre a unificação?

R: O que aconteceu foi o seguinte, na verdade não foi a ida das equipes da LPFA para a Federação, foi a entrada do São Paulo Storm para federação. A princípio foi essa conversa, é essa negociação, sendo isso o que aconteceu. Depois como nós temos muito contatos com as equipes da LPFA, essas equipes vieram conversar com a gente para saber o que aconteceu, porque foi uma surpresa na ocasião a nossa ida para federação. Nisso todos vieram nos procurar para saber o que aconteceu e o que estava acontecendo, como que funcionaria esse processo e tal. Nós novamente intermediamos uma conversa com o restante das equipes com a FEFASP para que no final das contas fosse feita essa unificação mesmo, que era essa a ideia desde o início. Nós sabemos que a ida para a FEFASP abriria portas para que as demais equipes pudessem vir e foi isso que aconteceu. Isso ocorreu principalmente pelo fato, de nossa equipe começar a ficar para trás os demais estados em que estão de organização, em questão de nível técnico de jogo. E nós começamos a ficar para trás também, então desde o início dos campeonatos nós brigávamos pelas pontas e brigamos por títulos e começamos a ficar para trás em relação a nível de jogo nível de técnico das demais equipes. Por nossa parte foi principalmente por esse lado, por é a intenção de voltar a levar o nosso nível e voltar a disputar campeonato a nível nacional. Partiu dali a ideia de que precisávamos nos juntar nos unir para

conseguir novamente, que não adiantava nada no final das contas a gente ter dois campeonatos, com as forças totalmente divididas, onde as grandes equipes, sem menosprezar as demais, mas você acaba fazendo jogos relativamente fáceis dentro do Estado, fazia talvez um jogo de um nível um pouco melhor na semifinal ou final do campeonato, mas quando você chegava no nível nacional, você já em frente à grandes equipes. E a diferença começou a se mostrar muito grande e isso começou a prejudicar todos os times de São Paulo, por isso que de nossa parte o interesse de ver a junção e uma coisa que a gente sempre quis na verdade estivesse unido trabalhando pelo mesmo objetivo, mas para que isso acontecesse precisaria partir de alguém as conversas e a intenção da junção e nós fomos atrás disso. Então basicamente foi por isso porque sempre pensar que para o estado crescer e para ter um nível bom e organizado ele precisa estar unido. Também pela parte técnica de jogo, de treinos e de qualidade como equipe, e isso também é necessário para poder fazer grandes jogos jogar contra times grandes times bons dentro do Estado também para chegar no Nacional e disputar de igual para igual com as demais equipes. Um exemplo disso, é que nós ficamos três anos sem enfrentar nosso grande rival que é o Corinthians, nós ficamos sem enfrentá-los e com isso estado só perdeu. Perdeu em qualidade de jogo, qualidade de nível técnico e principalmente qualidade de evento, que é uma das maiores rivalidades do Brasil e ficou sem acontecer por quase três anos.

P: Quais foram as condições impostas pela FEFASP para aceitar as equipes da LPFA?

R: Com relação à alguma imposição ou alguma coisa nesse sentido, não houve nada. Houve só a conversa e a partir do momento que nós entramos, passamos a ser como qualquer equipe que já estava lá. Então foi bem legal essa questão na unificação, porque houve uma igualdade desde o início dentro da FEFASP.

P: Como foi a participação das equipes já filiadas à FEFASP nesse processo?

R: Na verdade o que aconteceu foi o seguinte, como algumas equipes não se conheciam pessoalmente, e eu digo às pessoas que se envolvem administrativamente nas equipes, então muito se conhecia com relação ao se ouvia. Por exemplo, nós ouvimos coisas da FEFASP que nem sempre eram coisas positivas e eles ouviam coisas do pessoal da LPFA aqui também não eram positivas. Nisso foi-se criando. Dessa forma o primeiro trabalho que a gente teve que fazer foi quebrar essa ideia de que uma equipe tinha da outra e mostrar que na verdade todo mundo tinha os mesmos objetivos de todo mundo queria conhecer, fazer o esporte crescer no nosso Estado. Então a gente foi a primeira coisa que ele teve que fazer e foi o que causou a grande dificuldade em fazer a coisa acontecer. Mas quando a gente chegou sentou todo mundo numa

mesa e começou a conversar começou a se conhecer, percebemos que o problema de tudo estava na falta de sentar conversar e mostrar que a ideia de todo mundo era o crescimento do Esporte no estado. Então com relação a dificuldade foi essa, foi o primeiro passo que a gente teve que dar e quebrar essa barreira. Depois disso foi começar a trabalhar em conjunto e foi isso que aconteceu.

P: Houve tentativa de se fazer o caminho inverso? Ou seja, a unificação resultar na permanência da LPFA? O que ocorreu com a LPFA?

R: Na verdade a LPFA já estaria extinguida de qualquer forma, o que estava sendo discutido era o novo formato de Federação que a gente da LPFA estava discutindo em criar. Por que a LPFA já estava muito desorganizada, na verdade não existia nada concreto como Federação ou como Liga nada disso, eu digo realmente. Então a LPFA por estar no nome de algumas pessoas que não estavam mais envolvidas com futebol americano, nós decidimos que iríamos extingui-la e ver uma nova proposta de uma outra liga, outra federação montada pelas equipes. Então para nós foi o que encontramos de momento oportuno e tentar fazer unificação, fomos atrás da Federação e iniciamos a conversa para quê no lugar de ser criada uma nova federação todos nós pudéssemos ser canceladas pela mesma Federação e unificando tudo. Infelizmente nós temos esse crescimento de forma desorganizada ainda. O que se vê hoje no cenário nacional é muito interesse pessoal e pouco pensamento no crescimento do esporte como um todo. A nossa confederação que deveria regularizar tudo isso e organizar isso vem alguns anos sofrendo em como se organizar primeiro. Aí com ela se organizando podendo ajudar as equipes se organizar no território nacional. Porém isso ainda não vem acontecendo. Nós estamos ainda muito desorganizados e estamos tendo que fazer essa sensação de baixo para cima e quando na verdade ela deveria vir de cima para baixo no meu entendimento. Mas mesmo assim estamos conseguindo grande crescimento e grandes resultados, mas ainda tem muita coisa a melhorar. Enquanto ainda estivermos baseados em interesses próprios e não no crescimento geral do Esporte, vamos sofrer. Ainda com isso. Mas um dia a gente chega lá.

P: Fale sobre a criação da SPFL?

R: A SPFL não é um novo momento de ruptura, não foi criada com esse pensamento. Na verdade, foram ações que foram levando a isso. Houve algumas divergências no formato do campeonato da FEFASP no ano passado e durante esse processo o Corinthians se retirou do campeonato. Mas em nenhum momento ele saiu da Federação ou brigou, não teve nada disso. Eles simplesmente não concordaram com o formato que o campeonato estava seguindo e

resolveram que não iriam participar do campeonato do ano passado. Com isso e alguns interesses de não ficar parado, tentar levantar renda, o Corinthians e a Portuguesa acabaram fechando meio que um acordo para fazer alguns amistosos no primeiro semestre, pra eles poderem preparar as suas equipes para o Nacional e levantar alguma verba com isso. Só que o negócio foi ganhando uma proporção que alguns outros times também mostraram interesse em participar, times que não iriam participar do campeonato da FEFASP e aí em conversas foi se criando um torneio pra levantar verba e poder treinar os times pensando no Nacional. Foi quando me ligaram, explicando algumas coisas e marcaram uma reunião. Nessa reunião a SPFL foi criada, a princípio não vi que foi algo pensado, mas algo que nos levou isso. A ideia foi muito boa, muito bem desenvolvida e a partir disso começamos a desenvolver o campeonato com o formato totalmente diferente, com uma organização diferente. Só que em nenhum momento foi falado de ser uma nova federação ou algo do tipo. Muito pelo contrário, a nossa ideia sempre foi trabalhar de uma forma que todo mundo pudesse ter o seu espaço, pudesse crescer e inclusive entre a FEFASP e SPFL. Tanto que no ano passado, no momento da criação da SPFL, a nossa equipe participou dos dois campeonatos simultaneamente, pois nós já havíamos dado nossa palavra de participação, como uma forma de não comprometer o campeonato. E pra gente também era interessante participar dos dois campeonatos.

P: Como fica a relação da FEFASP com a CBFA?

R: Como eu te disse, com relação a Federação eu não sei. Porque como nós não estamos mais participando da Super Copa, que é campeonato do primeiro semestre da FEFASP, nós acabamos ficando por fora da parte de organização e tudo que diz respeito a eles. Estou acompanhando mais por fora do que internamente. Eu não posso te dizer com relação a Federação a tratativa que eles vêm tendo, eu sei que tudo que a gente vem conversando e pelos times que participam do campeonato nacional, a Superliga, estarem hoje na SPFL, a tratativa acaba sendo com as equipes diretamente e alguns outros times que jogam na Liga Nacional, nós, Corinthians, Lusa, Santos e alguns outros times que jogam a Liga Nacional, como Mooca e Ponte Preta. A tratativa acaba sendo mais com os times da SPFL do que os da FEFASP. Mas não consigo te afirmar como está esta situação

P: Fale sobre seus objetivos no FA.

R: Para mim, fomentar o esporte, é fazer com o quê cada vez mais pessoas pratiquem, e isso independe da modalidade e para qualquer coisa. Fazer o esporte ser conhecido por mais pessoas e mais pessoas pratiquem esse esporte. E crescimento é fazer com que as pessoas que

já estão envolvidas com esporte tenham condições cada vez melhores, que o nível tanto esportivo quanto organizacional cresçam a cada dia, para mim é isso.

P: Percebe-se uma eventual disputa entre equipes da capital contra equipes do interior?

R: Eu não vejo uma disputa, até porque disputa é algo muito forte de comprovar. O que eu vejo é uma tentativa de defender os próprios interesses. Enquanto que o pessoal do interior visa melhorar as condições deles lá no interior a gente visa melhorar as condições aqui em São Paulo. Como que faz isso? Trazendo os jogos para mais perto possível de si, com relação à questão de público, venda de produtos, marketing, patrocinadores. Eu vejo muito mais uma tentativa de defender os próprios interesses do que uma disputa em si. Porque política eu também não vejo nada, vejo as equipes querendo os mesmos objetivos, de fomentar o esporte, do crescimento do esporte. Claro que cada um quer o aumento em sua própria região.

P: É possível um campeonato de FA que tenha a motivação financeira por trás?

R: Isso é uma resposta a demanda que nós temos hoje, não é mais um momento inicial. Temos hoje uma quase profissionalização do esporte e nós devemos acompanhar esse processo. Nossa ideia é promover eventos muito bons, essa é a nossa principal ideia. Levar público pro estádio e dar uma boa estrutura pra ele, mas pra isso precisamos de verba e ela só vem através do público no estádio. É um ciclo que se faz, o dinheiro vai entrando, é possível fazer mais investimentos e com mais investimentos poder fazer melhores eventos. A ideia não é simplesmente o lucro.

P – Fale sobre objetivos da FEFASP e da SPFL.

R – Vou te falar com ela só o que eu vejo, eu vejo muito mais a Federação preocupada em organizar um campeonato e consequentemente os times jogarem, se manter de certa forma no amadorismo do que uma profissionalização. Ao contrário da SPFL, ela busca a criação de uma marca, a profissionalização do Esporte, principalmente no que diz respeito à organização, e visa com certeza com o que as equipes consigam sobreviver e consequentemente aumentar o seu nível, tanto de organização quanto nível como equipe e participativa, isso posso afirmar que é o que a SPFL visa. Como eu aumente eu não faço mais parte da organização da Federação, eu não sei como tá sendo feito o campeonato e eu não posso te afirmar quais são os objetivos. Mas é o que eu vejo.

APÊNDICE G – Entrevista com o Dirigente 5 (D5)

P: Cargo dentro da equipe e data de início. Experiência no futebol americano. Formação acadêmica. Idade.

R: Sou do time desde sua fundação, assumi a presidência em meados de 2015, sou formado em Administração de Empresas desde 2007, sou o gestor de uma academia e tenho 30 anos.

P: O que motivou o início das conversas das equipes da LPFA com a FEFASP sobre a unificação?

R: Tá, de qual liga específica você tá falando? Quando a liga juntou com a Federação? Porque de certa forma já houve outra separação, alguns times que estavam na Federação fundaram uma nova Liga. Até onde eu me recordo, já existia muito papo de unificação, mas não uma unificação por vontade própria, é que já chegou no ponto que não tinha outra possibilidade. Cada vez mais times da Liga indo para Federação, até o ponto que começou a ficar difícil organizar um campeonato com a chancela da LPFA. E para quem estava no interior estava pior ainda, que a única saída era ir para a FEFASP. Acabou existindo um consenso de que se todo mundo ia juntar na FEFASP, a gente também iria. O que não fez juntar antes foi o ego. O que fez ficar separado por todo esse tempo foi o ego também. Todas as brigas políticas, de quem ia mandar com quem queria mandar, era esse tipo de briga diz que existia.

P: Como foi a participação das equipes já filiadas à FEFASP nesse processo?

R: Eu particularmente não sei com relação às outras equipes durante o processo. Era um caminho que já estava acontecendo, e como eu havia acabado de assumir a presidência. Quando realmente aconteceu a unificação eu estava na vice-presidência, quando o Weillers jogou a primeira Super Copa unificada, eu ainda estava na vice-presidência. Já não existia tanto contato com o pessoal da LPFA, a gente acabava conversando mais com os times do interior e os times do interior estavam todos fazendo a carta solicitação de ingresso junto a FEFASP. A reunião que eu participei de fato na FEFASP já foi para a definição do campeonato, até porque diretamente com a gente não houve uma reunião para tratar sobre unificação.

P: Houve tentativa de se fazer o caminho inverso? Ou seja, a unificação resultar na permanência da LPFA? O que ocorreu com a LPFA?

R: Foi como eu te falei, o campeonato da LPFA já não estava mais funcionando, em 2014 já tinha tido pouco time e a previsão para 2015 era pior ainda. Então a gente participou das conversas, mesmo o pessoal da capital sendo mais fechados entre eles também e acabou 2014 com o planejamento de que independente do que a LPFA fosse fazer, existiria essa migração para a FEFASP. Nisso, quando abriu as inscrições para as novas equipes na FEFASP, todo mundo se inscreveu e foi aceito.

P: Percebe-se uma eventual disputa entre equipes da capital contra equipes do interior?

R: Se você perguntar, eles vão falar que não existe, mas existe. Para quem está no interior a gente sente muito mais. Tudo por aqui é mais difícil, arbitragem reclama de vir para cá, perto que não gosta de vir, o estado é grande. Às vezes é mais rápido viajar para o Rio de Janeiro do que para minha cidade, isso dificulta e acaba gerando uma divisão. Eu estou desde 2010 no esporte, até antes em 2009, quando não existia o Weillers, era uma outra equipe. E o pessoal que estava a frente dessa equipe não estava nem aí para o desenvolvimento do esporte, eles queriam desenvolver o time deles e ganhar. Hoje que tá mudando um pouco na cabeça, mas acabou favorecendo essa divisão, no sentido de cada um fazer o seu. Tanto que na LPFA as pessoas preocupadas em desenvolver suas equipes e não estava ligando para o resto, como as equipes do interior.

P: Quais foram as condições impostas pela FEFASP para aceitar as equipes da LPFA?

R: Não houve nenhum tipo de imposição, nós apenas explicamos a estrutura existente de cada equipe. A carta de solicitação foi bem simples, não tinha tanto segredo era mais para falar sobre quem era a gente, depois disso a presidência entrou em contato com os times. O presidente veio falar comigo, que na época da criação da federação, o Weillers fez parte da federação, porém antes do início da competição nós saímos, o presidente em exercício optou pela saída. Onde ele veio conversar comigo para saber o que eu pensava da situação, mas esse episódio e nada influenciou.

P: Em quais aspectos a gestão da FEFASP se diferencia da gestão da LPFA?

R: Minha opinião é polêmica, nenhuma das duas fazem nada. a gente tá em março de 2017 e a gente não tem CNPJ, ou seja, ela não existe, ela não é nada. Mas a gente precisa estava envolvido em alguma situação dessa, em algum torneio, então a gente tem que está ligado a ele. Mas pensando juridicamente ela não existe, ela não é nada.

9 - São dois pontos distintos, tem que existir a Federação para organizar. A gente vê isso nos esportes olímpicos, onde as modalidades têm que ter uma federação. Um outro exemplo, eu possuo uma academia de lutas, judô se regulariza o dessa forma. Você tem uma federação estadual, como a Confederação Nacional e uma Confederação internacional. No muay-thai é diferente, você tem cinco federações Paulista, 7 nacional, 80 torneios diferentes, são números exagerados, mas é só para você ter uma ideia, existe um cenário de que uma pessoa que cria uma federação a hora que ela quer. Eu não gosto de fulano então eu vou criar minha para ficar longe dele. Por isso que eu acho que é necessário regulamentado com apenas uma federação e Confederação. Mas o desenvolvimento vai da cabeça de cada um, como ele vai administrar sua equipe com sua diretoria, em que eles votam como eleição. De forma se você botar uma pessoa ruim ela vai fazer coisa ruim e se você colocar uma pessoa boa fala uma coisa boa. Gente precisa ter essa parte é regularizada a gente precisa que as pessoas têm o cabeça para trabalhar em prol do esporte e não apenas de sua equipe.

P: Qual a perspectiva de desenvolvimento da modalidade a partir da unificação?

R: Alguns exemplos pequenos, mas coisas pequenas às vezes se tornam grandes, a gente cria as regras para o campeonato, é obrigado a filmar se não filma cobra multa, se não tem vestiário também pagar multa, tem multa para tudo. Só que quem fiscaliza? Ninguém. Quem cobra? Ninguém. Quem se propõe a fazer alguma coisa? Poucos, poucas equipes entregam uma estrutura de jogo legal. Que se preocupam em ter o jogo em um estádio ou em um campo decente, com um gramado que seja legal, que dê condição da torcida ser bem recebida, que tenha vestiário para arbitragem, vestiário para a equipe visitante, com chuveiro alguma coisa nesse sentido. Poucos se preocupam em ter um evento para torcida, porque é isso que vai fazer o futebol americano crescer. Que às vezes cara chega, o jogo no meio de uma praça, que não em arquibancada, e não tem vestiário, os jogadores se trocam no meio do campo. Como que a torcida vai pensar que isso vai crescer? Vai olhar aquilo vai pensar que é ridículo, isso é coisa de moleque, que é um racha. É nessas atitudes, nessas pequenezas de espírito e de mentalidade é que fazem com que o esporte seja limitado. Fora isso tem também pessoas que são diretores da antiga e que pra eles importante é só ganhar jogo, ganhar jogo é importante sim. Mas é importante ter uma federação forte e um campeonato forte. Poxa, aqui no interior eu já ajudei a equipe de Votuporanga a ser criada, que a cerca de 80 km da minha cidade. Em Araçatuba eles tinham uma equipe recém-criada, só que eles eram bem os fracos, bem devagar mas aprenderam muito com a gente, tão evoluído bastante, continuam em contato com a gente. No interior aqui na minha região, a minha equipe faz o papel dela dentro da cidade e fora dela.

Você precisa ajudar outras equipes, com clínica, levar jogador para participar de treino e ajudar nos treinos, são essas atitudes que vão fazer o esporte crescer e evoluir. Você ainda tem hoje em dia dirigente durante campeonatos fazendo picuinha, querendo ganhar jogo no grito e esse tipo de situação não cabe mais hoje em dia. É o espírito que vem do soccer e não da cultura do futebol americano, isso atrapalha bastante aqui no Brasil, são essas coisas que vem na minha cabeça, fora isso a famosa briga política, que já teve por muito tempo. Principalmente na época que o filho do Lula estava por trás do TTD. E quando a gente achou que as coisas iriam melhorar por causa da unificação, forçada, mas foi uma unificação entre o Torneio Touchdown e a Liga Nacional, achamos que fosse melhorar, mas não foi bem assim, tem sempre gente reclamando que nunca tá bom. Eu acho que o Brasil é um país grande o estado de São Paulo é um estado grande, então tem que ter bom senso na hora de criar uma competição. Campeonato Paulista tem que ter fase regionalizada depois unificar, tem que ter fase regionalizada Na Liga Nacional. Depois você fazer os playoffs com as melhores equipes, mais desenvolvidas, a precisa mudar mesmo é a mentalidade. Quando eu falo de olhar o esporte para que ele evolua, é isso aí. Ter categoria de base, seleção de futebol Americana em projetos sociais. A minha equipe já está com um projeto social e a documentação junto à Lei do Incentivo ao Esporte, já está lá em Brasília. a gente tá junto da prefeitura aqui, buscando de maneira política e em contatos com amigos que a gente consiga com que a prefeitura forneça uma área para construção de um campo e do nosso projeto social. Basicamente é isso aí, é essa que tem que ser a mentalidade, querendo que a minha equipe cresça em termos de resultados e isso a gente vai crescendo todo o ano, esse ano a gente espera a ser campeão paulista, mas crescendo também desenvolvimento e conhecimento e no nível de evento que a minha cidade tá tendo e que eu tô proporcionando, hoje para quem já foi no jogo do nosso time e para quem já foi nas partidas de soccer dos dois times da cidade, as pessoas vão dar preferência pela partida de futebol americano, que tem sido um evento muito melhor que as pessoas pagam com gosto.

P: Como fica a relação da FEFASP com a CBFA?

R: Eu não sei te falar exatamente como ficou ou vai ficar, mas a Federação ainda não tem nem CNPJ não tem nem como ela falar que ela é oficial. A Liga teve seu CNPJ dado baixa, a SPFL creio eu que não tem a intenção de ser uma federação e apenas uma liga. Acredito que vai ficar nas mãos na confederação criar alguma coisa aqui no estado.

P: Então a CBFA não reconhece a FEFASP ainda?

R: Não, não, a CBFA soltou uma nota falando que eles vão eles vão criar em estado que Federação não existir. Aí eu não sei se eles vão fazer contato com a Federação que já existe. Por bem ou por mal vai acabar existindo uma federação oficial ligada a CBFA, como diz a nota da própria CBFA, que todos os estados vão ter que ter uma representação,

P: Fale sobre a criação da SPFL.

R: Foi tudo muito rápido e feito nos Bastidores. Teve uma reunião lá no passado que estava presente a maioria dos times e estava tudo certo pra gente fazer a Super Copa, que ia ser uma das maiores edições e teria sido um torneio muito bom. Em cima da hora começaram as confusões, as reclamações e as brigas políticas típicas do futebol americano. Nisso alguns times começaram a sair, desistiram da competição, aí logo depois surgiu anúncio da criação da SPFL. Eu não sei como ela foi organizada né, mas eu sei que teve muita participação do Corinthians, da Lusa e dos Santos. Principalmente a Lusa e o Santos, já que o presidente não estava aceitando o retorno deles para jogar pela federação, que era o interesse das duas equipes. Talvez aquele momento ele tivesse aceitado, não teria acontecido o que aconteceu ou teria acontecido também, futebol americano aqui no Brasil e em São Paulo é muito difícil a gente falar essas coisas. São opiniões diferentes, jeito de trabalhar diferente e com objetivos diferentes. Tanto que a SPFL não agrega o estado inteiro, são muito concentrados na região na capital e metropolitana, mas aqui porque estão ali mais perto Campinas, Vinhedo. Isso porque o foco deles é um torneio que se pague e que tenha lucratividade no futuro.

P: P: Fale sobre essa profissionalização que o FA almeja.

R: Não haveria outra hora melhor do que agora. Audiência dos canais como ESPN e Esporte Interativo estão no ápice, é muita gente se interessando, tem tendo muita procura, campeonatos estão evoluindo. Então se todo mundo tá com um gás agora, a hora de começar é agora. Acredito que a SPFL esteja fazendo certo, assim como a nova Liga Nacional tem nome de BFA, estão todas as vindas no momento certo, aproveitando da oportunidade, estão visando essa oportunidade. Eu acho que o futebol americano só vai crescer a partir do momento que tivermos de gestores nas equipes e não apenas Apaixonados Pela modalidade. Eu sou apaixonado pela modalidade, mas eu sou um gestor de formação, Sou empresário e os times que estão tendo sucesso às vezes não tem gestor de formação mas é um empreendedor nato. É um cara que tá avisando algo além, algo acima e é por isso que eu acho que 30% das equipes têm sucesso e se desenvolvem de maneira organizada, porque não estão só com pessoas apaixonadas e cinco empreendedores e pessoas que estão visando algo que apenas um simples

campeonatinho é por isso que a SPFL tá fazendo o quê ao certo para desenvolver o futebol americano visando o lucro, só estão convidando equipes que tem condições, equipes que tem gestores comandando, equipes que não têm simplesmente os apaixonados. Tem equipes que às vezes não tem o domínio técnico, mas tem gestores. E aí eles estão conseguindo deixar o ego de lado e aí te ajudar entre as equipes. Eu tô vendo isso eu vejo o Corinthians ajudando equipes de menor qualidade técnica e com isso só tem a ganhar, porque ele acaba elevando o nível técnico da competição dele ele sabe, se ele pegar um time e bater de 70 a 0 não agrega nada para o campeonato. A gente sabe se pegar um time e o placar for apertado é isso que vai agregar. Pessoal vai olhar e vai falar “poxa isso aqui tá competitivo”, “tá legal isso”. Eu acho que o melhor momento sim, acho que o futebol americano tem tudo para ser maior que o basquete, que o vôlei, que o handebol no BR. acredito que tem tudo para ser o segundo esporte, só que a gente precisa de gestor, de empreendedores, pessoas de visão, pessoas com aberturas políticas, a gente precisa de pessoas que saibam se comunicar em diferentes lugares, sabe ser um líder dentro de campo, mas sabe ser um líder fora dele. Mas sabe se comunicar com políticos sabe se comunicar com empresários, sabe pedir um patrocínio não chegar lá na simplesmente de camiseta e bermudão, boné da NFL, achando que alguém vai se importar para isso, o pessoal só que ver resultado, quer ver mídia, que ter retorno. Só que tem algo que pesa conta que é o fato do Brasil não estar preparado para isso, a BFA eu tenho certeza que vai dar certo porque as equipes que estão lá tem condições técnicas e condições de administração e de evolução, assim como as equipes da SPFL, tem um outro que organizado, mas no geral eles são a minoria, e a maioria está se organizando e vai ter resultado, acredito que isso vai ser muito bom.

APÊNDICE H – Entrevista com o Dirigente 6 (D6)

P. Cargo dentro da equipe e data de início. Experiência no futebol americano. Formação acadêmica. Idade.

R. Meu nome completo é XXXXXXX XXXXXXX XXXXXXX, tenho 40 anos, 13-10-76. Fui durante 5 anos presidente da XXXXXXX, entreguei o cargo agora em janeiro de 2017, desde a fundação atuei como presidente. Sou conselheiro da direção. Fui durante 3 anos presidente do XXXXXXX, até o ano passado. Antes disso fui 2 anos manager do Palmeiras e antes disso, durante 1 ano fui manager de Flag Football. Tem 6 anos que eu estou envolvido com o futebol americano no Brasil. Minha formação acadêmica inicial é em Direito pelo Faculdade Presbiteriana Mackenzie, me formei 2000, desde então eu venho fazendo especializações na área de direito, administração e administração voltado para marketing. Sou empresário, tenho uma consultoria, além de outros empregos relacionados a política e outras coisas, mas minha formação é em Direito.

P. Fale sobre as motivações para a início das conversas que culminaram na vinculação das equipes da LPFA para a FEFASP.

R. A gente fundou a FEFASP por estar extremamente descontente com a presidência da LPFA na época e depois de alguns anos, aí tivemos um trabalho político mesmo de conversa com os times né. E retomamos as conversas de unificar no campeonato só em São Paulo, a necessidade foi devido às dificuldades financeiras que os times estavam passando. A ideia que o campeonato só seria mais interessante para a gente trabalhar devido confusão se faz principalmente em torcedores, marketing e tal no país por ter mais de um campeonato. O que é muito normal em outros países né? Então a gente tendo em vista a situação com o público, tudo isso, a gente viu que era mais interessante ter o campeonato só na época. Foi muita conversa com os times, muita conversa aí com os presidentes para a gente fazer um só. Foi um trabalho muito interessante no qual deu certo a unificação LPFA e FEFASP, virado tudo FEFASP, os times vindos da LPFA. Dando naquilo que foi o grande torneio, a Super Copa daquele ano, que no caso foi 2015, que fizemos naquele formato onde vieram também times de outros estados. Sendo aquele o maior campeonato de FA do estado de SP.

Começou o movimento interno, nosso, de dentro da FEFASP para atrair os times de fora. Tanto que não se falava em fusão, mas sim em integração. Num primeiro momento tinham times que eram reticentes, devido às rivalidades que foram surgindo. Foi um trabalho bem de formiga, de conversar e convencer os times, convencer os presidentes que conversavam com

seus times. Para aí sim aceitar, esses times aceitarem a vinda dessas novas equipes, mesmo com rusgas que existiam, mas que no nosso entender de direção, era muito importante trazer. Porque também tinha um trabalho interessante, também tinham um desenvolvimento interessante e eles estavam vindo, no meu entendimento, para somar. Então foi muito de conversar com alguns times, tive apoio inclusive de alguns times para conversas e tal. Para aceitarem esses times, outros também atuaram conversando com os outros times: “venha para FEFASP, conversa com o Piunti” e assim a gente foi. Teve muita gente que me ajudou sim nos bastidores para fazer essa atração e atrair os times e no final quando a gente trouxe o Storm, a história toda já estava se fechando. Tivemos uma reunião, trouxemos o Storm, veio a Cabritos, do Espírito Santo, participar da reunião. E os demais times já começaram a entender o sentido de vir pra Super Copa mesmo, e naquele ano de 2015 a gente com a vinda dos outros times.

P. Como foi o processo de convite das equipes da antiga LPFA?

R. Na verdade foi assim, a gente veio atraindo os outros times e a vinda do Storm, na época o presidente Monobloco, muito meu amigo, vim conversando muito com ele, foi a peça final para a vinda dos outros times, uma vez que na LPFA o Storm tinha uma importância grande, já tinha muitas vitórias na LPFA e não estava fazendo mais sentido ele ficar. Se o Storm não viesse para a FEFASP e não jogasse LPFA, seria o final da LPFA.

P. Fale sobre o processo da entrada das equipes vindas da LPFA.

R. A gente começou uma movimentação, desde a saída da LPFA, de crescimento da FEFASP para o interior. Viemos arregimentando times e valorizando esses times que vinham e incentivando eles a crescerem, como o Leme. Tiveram várias visitas na cidade, conversa com diretor do time, tudo isso. Então a gente veio dando para os times que vinham fazer parte da FEFASP, como se fosse uma assessoria mesmo, para conversar com prefeitura, município, clube, tudo isso, para mostrar que a Federação tinha esse trabalho institucional. Também começamos a arregimentar times que eram de fora do estado, mas que não tinham campeonato, como é o caso do Pouso Alegre, não tinha Mineiro (Campeonato) para participar, era muito longe. Era mais barato para eles virem jogar em SP, assim como é muito mais barato para equipes como o Pouso Alegre de vir jogar. Com isso, a FEFASP foi pegando aí e mostrando dentro do estado de SP que tinha uma capilaridade muito maior que simplesmente um Campeonato Paulista. Diante desse fato e da LPFA estar sem cabeça, alguns times da LPFA começaram a vir. Chegamos no final de 2014 no momento em que já estávamos trazendo alguns times. Nisso o Jon vem com a ideia de unir com um novo nome e a gente coloca que não, que

o mais fácil era vir para a FEFASP. Não colocamos nenhuma situação para a vinda do pessoal, do tipo “ah não pode isso ou é proibido alguma coisa”, mas mostramos as vantagens deles jogarem um campeonato só. Em termos de custo, estávamos com a arbitragem da PAEFA, mas também foi um aprendizado em 2015 para gente traçar metas, e que foi um grande avanço, ter uma arbitragem própria, treinar nossos árbitros, esse foi o nosso grande avanço aí de 2015. Mas foram muitas conversas e sem nenhuma penalidade para as equipes que vinham.

Os times que chegavam tinham os mesmos direitos dos times que já estavam na FEFASP, a gente teve bastantes conversas, pois haviam times que tinham rixas dentro da cidade, então isso teve de ser conversado, um exemplo era em Ribeirão Preto, onde os times tinham rivalidade entre si, explicamos que o melhor era trazer, o outro time veio, não houve nenhum tipo de penalidade. Quem já quis começar a ajudar, já veio ajudar de cara, a ser colaborador, a nossa executiva já estava montada, mas vieram a ser colaboradores.

As conversas assim, conversas partiram muito de conversas minha, do xxxxxxxx e do xxxxxxxxxxxx diretamente envolvidos. O xxxxxxxx que estava com a arbitragem na época, mas não era presidente, mas sempre foi muito próximo de mim para conversar sobre isso aí, da gente caminhar para o um Campeonato só e trazer as equipes.

Enfim, conversamos entre a gente e aí fomos conversando com os times, eu diretamente fiz com a aproximação com os times, além da vinda do Storm, já tinha time vindo antes, mas eu te falo foi um momento decisivo porque foi o momento onde equipes como Vipers e até mesmo o xxxxxxxx do Alligators começou a pensar que deveriam vir mesmo. Então foi ali, a vinda do Storm, foi onde a gente passou o ponto “tem que vir todo mundo mesmo para cá”. Foi decisivo, era o time que faltava. Outros times já tinham vindo, mas o Storm foi o momento decisivo, após a vinda do Storm, eu sentei com o Vipers e com o Alligators, que eram os últimos times que faltavam para vir. Nisso foi um papo só com os dois e eles decidiram vir. _ Vieram na época, na verdade nem estavam praticamente jogando como era o caso do Palmeiras. Então eram os times que estavam equipados e que tinham essa vontade.

A Lusa foi a única que não à época, porque ainda estava muito ligada ao Torneio Touchdown (TTD) e tava num momento muito difícil de discussão com a presidência, mas acabaria vindo. Hoje eu tenho uma boa relação com o Renato, o Trigo tem uma boa relação, então era o único time que não veio por ainda estar jogando o TTD. _ Só uma observação, que é assim, até porque é tema do seu trabalho o desdobramento. Meu ponto de vista, a hora que a gente teve a unificação o FA ganhou um novo fôlego. Vários problemas, porque essa é a política de entrosamento e de lidar com as pessoas, tudo isso. Mas ganhou um fôlego porque a partir daí a gente passou a pensar outras coisas, como arbitragem, o que deveria ser o campeonato,

tudo isso. Tivemos naquele uma Super Copa muito bacana, com encerramento no Bradesco em Osasco, para o Storm foi positivo, pois já haviam ganhado um monte de título na LPFA, mas tinha aquela dúvida “será que dá conta dos times da FEFASP?” e acabou se tornando campeão, em cima do time do Mato Grosso, o Gravediggers. Também um outro time fora do estado, como eu te disse, a gente teve, se não me engano, times de 3 estados além do estado de SP, para você ver a força que o campeonato unificado, inclusive de trazer outros times. A partir da unificação desenvolvemos a nossa arbitragem própria, teve esse desdobramento também, porque se levou a pensar o FA no estado de SP novamente. Porque antes vinha, e eu te falo, num automático. Onde as pessoas pegavam, disputavam um campeonato e tal. Só que a na hora que juntou, como não tinha mais a rivalidade entre ligas, se volta a pensar o FA e o que a gente pode melhorar. Então dessa união, acho que se gerou muita discussão, muita discussão produtiva de se repensar o FA. Nisso saiu nossas carteirinhas, filiação, arbitragem própria, todos esses detalhes que antes de repente não se parava mais para pensar.

Além disso, os times começaram a pensar outras relações. A gente já possuía relações boas com prefeituras que nós conversávamos, conseguia campo. Só que os times começaram a perceber que não era a FEFASP que tinha que ter isso, os times também tinham que ter isso. Por que? Porque conseguimos atrair times como o Pouso Alegre que tinha isso forte, quando se tem isso, essa troca de experiências, eu acho que fez crescer.

Quem sabe que todos os problemas que ainda têm o FA, mas com a união do campeonato naquele ano, foi decisivo para gente ter um crescimento que atingiu: o número de atletas aumentou muito, o número de participantes, o quanto a gente viu de arrecadação com carteirinha no ano seguinte, o quanto a gente viu essa questão das carteirinhas, que no começo o pessoal de uma relutada, torceu o nariz. Mas na hora que a gente conseguiu que vários cinemas como o Iguatemi de SP desse meia entrada para quem tivesse a carteirinha, no Cinemark, o pessoal começou a fazer post no Facebook disso, do tipo “poxa eu vou no Cinemark pagando meia entrada só de apresentar a carteirinha da FEFASP”, começou ali um ponto para o FA crescer fora dos nossos meios.

Foi um trabalho que eu te digo aí de formiguinha, é que foi de muita conversa mesmo, porque tinham equipes (da FEFASP) que não queiram que determinadas equipes (da LPFA) viessem e tal. Não entendiam na hora que falava sobre o campeonato unificado, como poderia ser. Deixavam as rivalidades falarem mais alto. Então foi um trabalho muito de compreensão das equipes que estavam na FEFASP e dos times que estavam fora. Mostrando que eles não iam ser punidos, que o negócio era sério, também fomos sinceros em falar que não seria um mar de rosas, é complicado trabalhar com FA mesmo. Mas mostrar para eles o que? Não algo

do tipo “união faz a força”, mas a troca de experiências que tinha. Uma visão empresarial do negócio, analisar a Federação como um negócio e a partir disso estaríamos atraindo novas frentes ali para ele, poxa, isso foi muito importante. Ajudava a gente na questão de marketing para trabalhar, para trabalhar a cabeça do brasileiro do estado de SP. O que é um campeonato. A hora que a gente mostrava que o campeonato tinha força superior à de outro estado, atraindo atenção de times de outros estados, mostrava o quão forte era o FA dentro do estado de SP. Imagina, se um time vem de fora é o porquê o FA é valorizado. Então tinha todos esses detalhes, então isso poderia caminhar para um grande desdobramento do FA no estado, como eu acho que caminhou. A gente veio de uma situação de muitos problemas que infelizmente pro nosso esporte fica numa 2ª ou 3ª mão, mas ali foi um grande caminho porque começou a abrir a mente dos participantes para o que é o FA.

Fiquei muito feliz de estar a frente de todas essas negociações, para mim pessoalmente e profissionalmente estar a frente da FEFASP foi um grande avanço na minha vida pessoal. Eu falo isso porque foi um grande aprendizado, de verdade, foi onde eu pude colocar em prática coisas que eu estudava na questão de administração, de marketing, de políticas, no lidar com prefeitos para conseguir estádio, no lidar com presidentes dos times. Então para mim foi muito importante, além de tudo poder lidar com palestras que eu vinha fazendo profissionalmente, até nisso a FEFASP ajudou. Pois toda hora eu tinha que estar falando com gente diferente, toda hora eu tinha que falar de um assunto que era o FA, então isso aí também me colaborou muito e estar à frente da FEFASP nesse período foi algo muito bacana mesmo para mim. Poder participar dessas conversas, dessas negociações de trazer os times, de mostrar mesmo que havia uma possibilidade de fazer um campeonato que foi o que fizemos. Cara, eu contei com muita ajuda, de muitos presidentes de times, entramos em várias discussões, tiveram várias rugas, mas me deixou muito feliz, realizado. Foram horas e horas de conversa por WhatsApp e outros para fazer essa amarração de trazer esses times e fazer o campeonato daquele ano. Para mim foi uma tremenda alegria de poder ter sido o ponta de lança disso aí e ter contado com a ajuda das pessoas que estavam envolvidas ali.

Enfim Valter, eu dei uma antecipada aí cara, que eu tinha que passar esse relato, falar para o seu trabalho é falar sobre o que foi parte da minha vida nesses últimos anos, então no que eu puder ajudar você pode me passar que eu tento responder.

P. Fale sobre sua visão frente ao processo de vinculação ocorrido no estado de SP.

R. Acredito que naquele ano, no estado de SP, a união, e aí não importa se depois foi fundada outra liga, a FEFASP se manteve, os times saem outros entram, isso realmente não

importa. Os desdobramentos que a gente teve ali e que foram importantes foram: o se pensar em uma arbitragem, a necessidade de se pensar em uma equipe de base, a necessidade de parar algumas rivalidades e fortalecer os times, a regionalidade dos times. Enfim, para mim foi um ponto muito derradeiro do como as equipes tem que pensar FA e esse é principal desdobramento: VAMOS PENSAR FA! Não adianta só chegar e querer jogar, Time que entra só para jogar ou que a direção tem uma mentalidade de só querer entrar e jogar acaba. É isso que se mostrou. Tem que ter times participativos, diretorias participativas e todo mundo pensar que tem sim que assumir uma responsabilidade sim além do próprio time. O cara tem que lá e conseguir as coisas, um estádio para jogar, ele tem que estar vinculado. E a partir desse momento, quando fomos pensar traçar as coisas para aquele campeonato eu acredito que se voltou a pensar FA, não importa como. A união, as experiências, um monte de gente que tinha tomado na cabeça com um monte coisa, a LPFA tinha tomado na cabeça com um monte de coisas, quando eu falo na LPFA são os times, que alguns tiveram que jogar em parques. Eu acho que se fez sim uma abertura, acho que dali teve desdobramento como a criação da SPFL. Porque resolveu seguir outro caminho, e que eu não sou contra. Cada um segue sim o caminho que deseja. Eu acho que foi dali que surgiu o do tipo “não, eu quero fazer um outro campeonato”, mas existia pelo menos parâmetro e acabou um negócio do tipo, não que acabou, mas os times passaram a perceber que se ficassem nessas de só “eu quero entrar para jogar e não quero me comprometer” os times mesmos seriam prejudicados, aqueles times que pensassem assim. Então acho que foi um período de muito crescimento para quem ficou e participou daquela época.

P. Fale sobre a r relação da FEFASP com a CBFA.

R. Isso é um tema bem interessante. A gente tentou uma aproximação, mas achei engraçado, porque o nosso crescimento do jeito de fazer FA, de atrair outros estados para participar, fez a CBFA achar que a gente queria fazer um novo Brasileiro e isso foi dando algumas dores de cabeça nesse meio do caminho. _ Então assim, por mais que a gente tenha tentado nos aproximar, a gente teve muitos problemas na CBFA. A CBFA queria que a gente desse o indicativo na época, que nossos times só poderiam participar do Brasileiro, não poderiam participar do TTD. A gente queria deixar os times livres para decidirem jogar o que quisessem, isso foi um dos princípios da fundação da FEFASP, jogar o que quiser no nível nacional. Então a gente tentou a aproximação com CBFA, mas foi em vão, então preferimos arrumar a própria casa. Tivemos algumas rugas porque, dava momento ou outro, a CBFA jogava uma pedra na nossa cabeça, mas infelizmente não conseguimos aproximar essa linha.

Hoje, com a mudança da presidência e essa foi uma das coisas que eu resolvi, por a FEFASP estar muito centrada na minha pessoa, foi colocar, foi a mudança da direção e poder hoje estar buscando uma nova conversa com a CBFA sem preconceitos por parte da CBFA com a FEFASP. _ Mito que na minha época e em todos esses momentos aí, se manteve o distanciamento e o não reconhecimento da CBFA e a pouca procura da CBFA em conversar conosco. _ Quando eu digo pedra, era bem assim, a gente organizava o campeonato pela FEFASP e cobrava do pessoal pro funcionamento principalmente do campeonato mais uma coisa ou outra que fosse necessária. Tinha, óbvio, reclamação sobre isso, que se arrecadava mais, aplicar o dinheiro melhor em outras coisas. Mas também não tinha uma motivação para fazer mais coisas porque iria sair mais caro, aí a gente entraria naquela, a gente precisa fazer mais coisa, mas não pode custar mais caro. O que acontece em todas as associações. Com a CBFA nós sempre fomos assim “olha, se meu time for aí e participar, como funciona? ” - Resposta “ah, ele não precisa estar em uma federação, ele tem direito a voto” - então tá bom, “e se a gente for como Federação? ” - “Você tem direito a voto, mas a gente não organiza nada mais do que o campeonato, só que vocês têm de pagar por coisas que não são do campeonato”. Então fica meio ilógico, meio irreal, quando você não consegue levar os critérios de representatividade, que é algo que a gente sofre no movimento sindical, que é exatamente assim “CBFA o que você faz por mim para eu te pagar? ”. Porque nas Federações com as organizações dos campeonatos fica tranquilo e todos os times que pagam, participam. Na CBFA os times vão pagar e não vão participar, porque o modelo campeonato acaba não servindo, porque ele sai muito caro. A gente tem campeonato, o Brasileiro, é muito dispendioso para um time. Então assim, a hora que a gente falava isso e começava a trabalhar com a CBFA de romper com isso, vinha uma pedrada na cabeça. Que era como uma proclamação da CBFA “cagando regra” com o perdão da palavra. Chegava e falava “isso, isso e isso, vai ser assim, assim e assim e os times não vão participar assim, assim e assado”. Então era uma pedrada, e a gente tava indo bem, aí vocês chegam e vem com normativas para cobrar mais, para pegar mais dinheiro em cima de todos os times, inclusive dos times que não participam de campeonato? Então não vai colar, eu prefiro não me federar, porque se eu me federar e estar com a FEFASP e com a CBFA eu vou ter que pagar e não tem nada. Não só numa questão de retorno, mas “do que que vai acontecer? ”. Então essa que é a questão. _ Representatividade é muito ligada na questão do sentimento, eu te elejo, você me eleje, você vota, há uma expectativa de um retorno que não é necessariamente financeiro, mas sim de trabalho, e também de garantias, “eu estou filiado a FEFASP, a FEFASP se filia”, “e os times que não tão na FEFASP? ” - “Ah, esse tanto faz! ”. Espera aí. “Então o time para jogar um Brasileiro não precisa estar na FEFASP? ” - “Não, a

gente aceita” - “está bom, beleza! ”. Então para que que a FEFASP vai se filiar? Só vai aumentar os custos para os outros times, então eram esses os nossos entraves e as nossas pedradas e me desculpe ACÉFALAS que a CBFA jogava na nossa cabeça. É como você pegar e falar: “você por ser do meu estado, paga duas vezes e o outro que só vem jogar o campeonato paga uma vez só”. É um negócio que a gente fazia na FEFASP, tinha um pessoal que falava que não queria fazer as carteirinhas, porque não eram do estado, mas se o time que é do estado paga, você também paga, paga igual e tem direito igual. E na CBFA o negócio era assim: vocês pagam dobrado e tem o mesmo direito de quem paga menos. Então porque pagar dobrado!?? _ Além disso os problemas nossos de flag, o flag no nacional era simplesmente um atropelo sem perguntas, do tipo o que a gente fazia, o que a gente não fazia e sofremos aí com a seleção feminina por uso e abuso de situações do Coach na época, de campo cedidos por time da FEFASP, então ficava um negócio muito assim com a CBFA: “vocês tem obrigação de fazer desse jeito, porque nós somos CBFA”, só que para nós esse discurso nunca colou. É um discurso de patriotismo meio que “me ame porque sou CBFA”. _ Mesmo nesse período eu procurei conversar com muita gente, Alison quando estava na CBFA, fui a Goiânia conversei com o Vadir para tentar aproximações. E era muito engraçado, pois toda vez que o xxxxx vinha para SP, ele não fazia questão nem de avisar. Ele vinha para um evento da ESPN, poxa, podia ter avisado, aproximado, “olha, quero aproximar” tinha esse discurso, mas veio três vezes para SP e a gente sabendo dos custos e dificuldades para se locomover nesse país e nem avisou que veio. Aí eu falava “xxxx, para mim é uma questão de diplomacia”, se eu vou até Goiânia, eu liguei para o xxxx e falei pra gente bater um papo, mesmo sabendo que dali poderia ou não sair alguma coisa, mas eu tô na cidade do cara. A gente tá procurando conversar e todas as vezes que o Guto veio para SP, eu só fiquei sabendo depois. O que na minha opinião significa que “você não quer conversar comigo, porque se você tá em SP e você me fala, eu vou até você”. Para mim política funciona desse jeito, para mim ele sempre tinha outros compromissos ou depois uma vontade de falar “ele não gosta de mim”. Mas de nossa parte, a gente sempre buscou aproximar, para pelo menos tentar resolver os problemas, mas essa inconstância que houve na presidência do Guto foi muito difícil para gente. Aí ficava mal até para a FEFASP, o cara estava em SP, veio para o evento e não procura a gente, então ele está se lixando para a nossa existência. Então porque nós vamos correr tanto atrás dele? _ Foi muita, muita, muita diplomacia por parte da CBFA com a gente. E como a gente leva um pouquinho a sério as coisas e tal, eu acho que a gente poderia fazer melhor, não tinha interesse real da FEFASP, na minha concepção, a gente teria de ser convencido mesmo. A CBFA tinha que se vender, no sentido de mostrar que seria bom ir para lá, porque eles eram os interessados em ter a gente.

Nesse processo de namoro e convencimento nunca houve essa tentativa de aproximação DE FATO, porque na hora que começava uma aproximação é o que eu te falei, jogavam uma pedra, no formato de normativas que prejudicavam essa relação ou vindo a SP e nem nos informando. Faltou muita diplomacia, faltou muito tato nessas conversas. Talvez porque a área da política não seja o forte do Guto e de olhar com o devido respeito.

P. Fale sobre a criação da SPFL.

R. O que eu vejo é assim, eu ainda estou tentando descobrir o que realmente se levou a criação da SPFL. Porque o motivo elencado foi que nós estávamos aumentando o preço das carteirinhas e isso era um absurdo, mas o preço foi votado, todo mundo decidiu, tudo bonito como deve ser na democracia. Fizemos a ata da reunião, todos assinaram, aceitaram e tal, definiram o preço e como funcionaria, tudo ok. De repente alguns times rompem, falam que não, que era um absurdo cobrar isso, estava muito caro, fez as contas e viu que estava muito caro. Até no primeiro momento eu poderia entender isso aí, mas depois se passa um tempo e hoje a SPFL cobrando mais do que a FEFASP para os times jogarem. Tem carteirinhas, tem multa caso o jogador mude de time, então é mais ou menos assim: rompemos por causa disso, mas implantamos as MESMAS coisas e cobramos mais por elas mais aqui. Hoje a SPFL cobra que o time tem que vender um mínimo de ingresso, tem que pagar carteirinha, pagar para jogar, mensalidade de 30 reais por mês, mesmo o campeonato sendo mais curto. As mesmas coisas só que mais caro que a FEFASP, então assim, o discurso do tipo “rompi por causa disso”, para mim ele se mostrou inócuo, porque se faz as mesmas coisas. É a mesma coisa que você virar e falar “estou saindo de casa, porque custa caro morar aqui” e vai para um lugar mais caro. Então mas qual é a relação? O que eu consigo entender é “mas aqui eu que mando”. E lá eu mandava junto com outras pessoas, aí ok. Então na hora que eu vejo a SPFL e a hora que eu somo, para mim foi: não era uma questão de modelo, era muito mais a questão de estar a frente de uma gestão e fazer do jeito que se quer e não estar em conjunto em uma gestão e fazer do jeito como se decidiam fazer. Então hoje a SPFL é ligada não a uma Federação, não a uma Liga, mas a uma empresa particular e se vai de um jeito que por mais que os times decidam, vai por conta do dono da empresa. Nenhuma crítica, é só um olhar, acho que cada um faz as coisas do jeito que quer. Acredito mesmo que com a maturidade que me veio em toda essa situação do futebol americano, que a SPFL hoje não é um modelo diferente, não tem nenhuma novidade, não tem nada parecido com a questão da NFL (Liga Profissional Americana), realmente não tem. A hora que se vê “vende ingresso como a NFL”, cara, tem muita coisa que você vende ingresso. Então

a vontade de você de vender ingresso sempre existiu, agora a grande questão é “quem compra os ingressos?”.

Vamos lá, está se lotando os estádio? Essa é uma questão. Se fez um modelo? Agora a SPFL vira a fala que é uma nova divisão por é um novo modelo de custo baixo para os times viajarem, ok, mas aí você acaba sendo contra o FA crescer no interior. SP a gente tem vias boas para se transitar, por mais que se custe, não estamos falando de Minas Gerais, que é um estado gigante. É assim, o principal mesmo nessa questão de conjuntura do que foi alegado, nada para mim colou. Por mim os times têm toda a liberdade e isso eu já falei quando eu encerrei. Acho que são modelos, tentativas de gestão para se fazer diferente, mas não modelo de FA diferente.

Defendo isso, sempre defendi. Que por mais que a questão de união fosse importante para quem assiste, para mim nunca fez diferença ter mais de um campeonato. Eu sempre fui e conjurei quanto mais FA tivesse, quanto mais jogos tivessem, melhor para o FA nesse momento que a gente vive. Então assim, “mas você trabalhou para unificar”, sim trabalhei, para ter uma esperança de fazer um negócio otimizado, único, mas não para impedir outros de fazer. Então quando o Trigo (do Corinthians) pegou os outros times e falou que ia fazer SPFL, desejei boa sorte e boa. Não vejo como concorrência mesmo, não vejo que uma liga é nível A e a outra é nível B. Na verdade assim, o FA se a gente for pautar hoje não existe nível A no Brasil, é tudo amador. O único nível A que a gente tem é o de Amador.

Tem todo o direito de vender ingresso, de fazer o que querem, de fazer do jeito, é um modelo de gestão e os times estão ok e tal, tranquilo, não vejo comparação. “Ah, mas na FEFASP...”, nós nunca proibimos de vender ingresso, de fazer as coisas, também se teve essa vontade. Mas na hora que você põe os ingressos e os times são obrigados a vender e se não vendem eles têm que comprar, é na minha concepção, a mesma coisa do que virar e falar pro time que ele tem que pagar para jogar. Eu tô tentando achar a diferença, “ah, mas os ingressos vendidos”, não existe ingresso vendido, é só a gente olhar para quem tá indo assistir aos jogos. E mais importante do que se vender ingresso é levar pessoas para assistir FA.

Um princípio dessa questão toda do marketing é exatamente o seguinte: quantas pessoas você alcança? Quantas pessoas de fato assistem? “Ah, mas tá pagando”, então tá bom, você acha que um canal pago de TV por assinatura vale mais do que a Rede Globo, que chega de graça na casa das pessoas. Na hora que você chega em outras coisas, faz os comparativos, dá para fazer comparativo com o FA, não dá! Você já teve jogos de portões abertos de times aí e não foi ninguém, isso no futebol normal. E você tem times cobrando e lotou. Então a venda de ingressos será que vai ser o fato importante, que vai trazer dinheiro pros times ou seria eu vender o marketing do time e vender “olha quantas pessoas me seguem, olha quantas pessoas estão lá”.

A SPFL no caso foi muito mais uma vontade de pessoas gerirem um campeonato do que vontade de fazer uma coisa diferente. E esse ano alguns times ficaram por lá porque foram proibidos de jogarem o campeonato da FEFASP. Assim, definiram por lá por questão de preferência e muito do que existe no FA “não dar o braço a torcer”, “eu fico por falei que aqui era melhor e agora eu não dou o braço a torcer”.

Hoje mais afastado eu torço para que todos deem certo, FEFASP, SPFL e aconteçam o maior número possível de jogos de FA.

Uma história de bastidor que pode ser comentado aí sobre a criação da SPFL, porque quem puxou a votação e óbvio que a gente estava de comum acordo, mas quem puxou as ideias de como deveria funcionar a FEFASP em 2016 foi a mesma pessoa que depois virou e falou “Não, pera, to fora, porque agora eu sou contra as mesmas ideias que eu inventei”. Então isso se tornou engraçado, porque você não só votou, você deu a ideia, levantou da cadeira, bateu na mesa e falou VAMOS fazer desse jeito. “Mas ó, vai custar tanto”, “não tem problema, nós fazemos dessa forma”, para depois virar e falar “ó, eu to fora, porque desse jeito tá errado”, mas como tá errado? É muito engraçado que existe isso no FA ainda. Esse afastamento, a pessoa fala que tem que ser profissional e tal, e na verdade toda a questão de profissionalismo não está em você vender ingresso ou a forma que você faz. Mas está na forma de você entender o funcionamento ético, que é você estar dentro de um negócio, que é você assumir, você saber o compromisso que você assumiu, você ficar para aguentar aquele campeonato e não sair e prejudicar. E vir numa tentativa de comer o outro. Então enquanto acontecer essas coisas e você ter que lidar com essa falta de maturidade, fica muito complicado o crescimento do FA no Brasil.

P. Quais são os objetivos da FEFASP e da SPFL.

R. Bom... aí vamos para a dicotomia oferecida: A FEFASP enquanto entidade é promover, divulgar e propagar o esporte. A SPFL é ter lucro com o esporte. Então são motivadores diferentes e objetivos também. Só que como ter lucro com algo que ainda não chegou a um nível de conhecimento do povo paulista e brasileiro? Minha opinião: elevar e depois vender.

P. Fale sobre uma possível disputa entre equipes da capital e do interior.

R. Cara, na verdade é o seguinte, os times da capital nunca gostaram de viajar ao interior, com exceção de uma ou outra equipe. “Lá não tem público”, o que não é a realidade, os times do interior levaram sempre mais público que os times da capital. O que a gente percebe no FA é

quanto menos coisa tem a se fazer mais chance é o FA de prosperar. Então nesse primeiro momento a SPFL pega e faz um campeonato numa outra estrutura de cobrança e chama somente os times da capital para economizar mesmo, tornando-se caro mesmo para o time de Ribeirão Preto que teve de viajar mais. Agora num segundo momento, a SPFL implanta aquilo que eles reclamaram que existia na FEFASP e se percebe que não, que quanto mais times melhor, porque entra mais dinheiro na gestão. Então hoje a SPFL foi só capital e agora corre livre leve e solta para o interior e acho que para o ano que vem terão muito mais times aí, pelo menos esse é o planejamento da SPFL, captar mais times do interior. Onde surge uma possibilidade de os times chegarem e falarem “poxa, a gente foi em um propósito e agora não é mais esse”. Então se mantivesse o discurso, se o discurso fosse verdadeiro, você teria um novo racha na hora que a SPFL vai para o interior. Mas aí é uma questão do que convém para aquele momento. E isso existe muito no FA, o que convém para este momento. Então é isso que a gente vai fazer, convém ter times do interior, vamos. A FEFASP sempre teve uma direção nisso aí, de virar e falar “o FA tem que crescer e nós temos que buscar onde exista FA”, mas num crescimento gradual. Então de repente chegava e falava assim “ah surgiu meu time aqui”, como foi o caso do Coronéis, no ano em que eles surgiram nós fomos bem francos com eles, falamos para eles “olha ainda não dá, mas vamos nos programar, vocês acabaram de surgir, anos que vem nós vamos englobar vocês”. E aí existia um negócio “ah, mas no ano que vem”, que parecia que o time ia morrer. Mas é um crescimento programado da FEFASP e por isso que o modelo foi dando certo. Não negando para sempre, o time não vai entrar, mas dentro de uma programação. A SPFL com certeza vai crescer para o interior, porque já foi implantado um método de cobrança por número de atleta, então como há um crescimento para a gestão financeira e os valores que os atletas pagam são muito mais altos que os da FEFASP cobravam, então tenho certeza que esse discurso de que “vai ser só na capital” acabou, mas foi o discurso que serviu no primeiro momento para “nos separamos por causa disso”.

P. Fale sobre o processo de expansão do FA no Brasil.

R. Eu vejo assim hoje, um processo centralizado com várias ligas é interessante. Se tiver mais jogos de FA na questão de promover o esporte, de divulgar o esporte, então seriam mais jogos. Essa é a parte interessante de você ter várias ligas e mais acontecimento de FA. No entanto, a gente tem uma situação que é o que, o pessoal, o público não entende haver dois campeonatos. Hoje se dá muito valor a piadinhas no Facebook e pessoas envolvidas que são jogadores e torcedores que seguem times, sendo motivo de dar uma diretriz. Não se evita isso. Minha opinião, pode haver mais de uma liga brasileira, desde que você tenha um propósito, que

seja aumentar o número de jogos de FA, e FA é assim e dane-se que tem dois campeões brasileiros, nenhum é campeão brasileiro se você tem duas ligas. Agora se você tem um entendimento cultural para trabalhar nosso povo, que só entende que tem um campeão paulista, um campeão brasileiro, um campeão de qualquer coisa, se é isso, então o que nós temos que fazer. Nós temos que infelizmente estar sob a mesma bandeira, uma única bandeira para facilitar o entendimento desse público com quem a gente trabalha. E isso vai fazer o esporte crescer? Sim, mais do que havendo mais jogo. Então eu vejo assim, por mais que eu ache que mais ligas existindo, se promove mais o FA, com o público que a gente trabalha não funciona dessa forma. E aí sim você tem que unificar, então a unificação é somente por uma questão, a dificuldade do público em nos entender. Então nós temos que nos adaptar a isso, nós temos que fazer de um jeito que eles entendam. E aí ter mais de uma liga dificulta o entendimento do público com o qual a gente lida. Por isso a unificação. O trabalho dentro da FEFASP sempre foi descentralizador, em se tomar as decisões era sempre o colegiado, agora a execução não tem jeito. As questões do dia a dia, ou você executa através de uma frente que é na figura do Presidente ou se não, não acontece. Porque o trabalho é voluntário, não adianta, o BR é um sistema presidencialista em tudo. Então a execução é de forma centralizada.

_ Você tem uma centralização sim na execução mas você tem uma descentralização na tomada das decisões, que são conjuntas, são no formato de colegiado. Mas a execução acaba sendo centralizada, na figura do presidente e tal. Mas na realização dos jogos, cada time faz de forma descentralizada, se a gente analisar friamente.

P. Perspectivas de futuro do FABR.

R. Eu tenho alguns olhares sobre o futuro do FA, o que eu vejo é o seguinte, por mais que eu não fosse um envolvido, se não houvesse paixão, se fosse um olhar distante de um empresário sobre o FA, FAZER FA no Brasil tem sido uma coisa muito surreal. De você olhar e falar assim: “como essas pessoas podem se envolver nisso?”. Nessa questão do FA ou muitos esportes não olímpicos no Brasil. Só que não adianta você fazer alguma coisa, na minha opinião, sem você envolver paixão. Por mais que misture a questão paixão com o lucro ou a paixão é um bom negócio. Então hoje eu vejo o seguinte, enquanto as pessoas estiverem apaixonadas pelo o que elas estiverem fazendo, enquanto tiver uma movimentação e isso há no FABR, e não é uma visão romântica, nada disso, mas é uma necessidade mesmo para um negócio dar certo as pessoas precisam estar envolvidas de alma e as pessoas estão envolvidas de alma. Mesmo aquelas que querem ter lucro, cara, eu não condeno ninguém. Eu acho assim, que se conseguem ter lucro, EXCELENTE! ÓTIMO! O que eu vejo no FA é que as pessoas têm boa vontade para

fazer, querem fazer, querem acontecer o FA e enquanto existir esse espírito no FA, tem esperança. Só precisa, na minha compreensão, ter o entendimento de “o que é?”, “qual é o espaço que FA tem?”. E o FA não tem um espaço para competir com o futebol (bretão), competir com o NBB. Sabe, hoje a proporção que se dá, é esse o tamanho do FA no Brasil. Quando você o tamanho real da coisa, fica muito mais fácil você fazê-la crescer. Quando você entende que você é pequeno, você pode virar e falar “eu quero ser grande”. Então eu acho que falta para alguns dirigentes, hoje no FA, e nisso eu fui criticado ainda na minha época, de entender “esse é o meu tamanho”. Porque isso para mim sempre foi muito claro. Nossos somos pequenos, mas nós podemos ser grandes, nós podemos chegar lá, nós podemos acontecer. Mas esse é o meu tamanho hoje, e não ficar numa ilusão de ‘somos o maior e tal’, ‘ah nós competimos com o futebol’. O que eu vejo assim, a hora que tiver um entendimento do tamanho do FABR e na hora que as pessoas começarem a olhar para frente e não para o próprio umbigo, a hora que você pegar e falar “eu posso crescer, eu vou estabelecer metas para crescer”, o FA tem grandes chances de crescer aí nas próximas décadas de verdade e não sumir como alguns esportes sumiram. Então assim, o que eu coloco, minha perspectiva, é sim que se transforme num grande esporte no Brasil nas próximas décadas. Eu coloco em décadas, porque esse trabalho vai ser mais de 10 anos, tem que ser feito de uma forma sim amadora, tem que ter cada vez mais entrada nas escolas. Esse trabalho pode e deve ser feito em conjunto por todas as ligas do Brasil. Então o que eu vejo, há elementos sim para o FA crescer, paixão, envolvimento, vontade, há sim. Mas as pessoas estão afim de fazer isso de uma forma que se houver lucro será muito baixo, estão com disposição de ceder tempo da vida delas e qual é o número de pessoas que você abranger? Porque não adianta querer ter lucro com o FA agora, quem tiver lucro agora será momentâneo e será muito baixo. Quem tentar fazer isso uma maneira de vida do FA, não vai dar certo. Tem que esperar isso aí crescer, esse bolo. Tem que propagar com muito mais força, tem que ser muito mal pago nesse momento mesmo, nessa situação ou nem remunerado para que aí sim esse esporte possa crescer. E aí ver o que as pessoas tem vontade de fazer, quem quiser ganhar dinheiro com FA que me desculpe, mas tem muito, mas muito mais coisa que se pode fazer, com muito menos esforço para se ganhar dinheiro. Tá se envolvendo com FA agora é estar se envolvendo com algo que não dá o retorno esperado, pelo menos não financeiramente. Mas eu vejo sim com muito bons olhos o crescimento disso, a partir do momento que se tiver maturidade. E nesse sentido a FEFASP cresceu muito tudo isso aí. Eu sempre preguei essa maturidade do tipo “este aqui é o nosso tamanho, essa aqui é a nossa capacidade” e a partir daí dar os passos do tamanho das pernas. Espero ter respondido suas questões ou se ficou confuso, estou a sua disposição. Qualquer outra coisa que precisar estou a sua disposição. Agradeço a

oportunidade de participar do seu projeto, te desejo toda sorte e espero que você me ceda uma cópia para eu estar lendo mesmo que seja digital. Agradeço a você me ouvir, porque é inclusive um processo que me faz bem, faz bem para alma, porque me trás esclarecimentos sobre todos esses fatos que aconteceram no FA. Eu fico feliz de ter contribuído não só com você, mas com essa pequena parcela do FA no estado de SP.